



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROP
COORDENAÇÃO DO MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E CULTURA

HÉBERTON MENDES CASSIANO

**A TRAJETÓRIA DO FENÔMENO DA RECATEGORIZAÇÃO NOS ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL**

TERESINA-PI
2019

HÉBERTON MENDES CASSIANO

**A TRAJETÓRIA DO FENÔMENO DA RECATEGORIZAÇÃO NOS ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, área de concentração: Linguagem e Cultura, linha de pesquisa: Estudo do texto: produção e recepção como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Franklin Oliveira Silva

TERESINA - PI
2019

C345t Cassiano, Héberton Mendes.

A trajetória do fenômeno da recategorização nos estudos contemporâneos da linguística textual / Héberton Mendes Cassiano. - 2019. 171 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Programa de Pós-graduação em Letras, Mestrado Acadêmico em Letras, 2019.

Área de concentração: Linguagem e Cultura.

Linha de pesquisa: Estudo do texto: produção e recepção.

“Orientador: Prof. Dr. Franklin Oliveira Silva.”

1. Linguística textual. 2. Referenciação. 3. Recategorização. I. Título.

CDD: 469.8

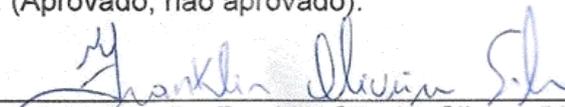


GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ-UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

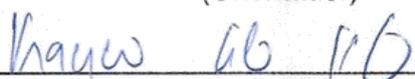
TERMO DE APROVAÇÃO

**A TRAJETÓRIA DO FENÔMENO DA RECATEGORIZAÇÃO NOS ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL
HÉBERTON MENDES CASSIANO**

Esta dissertação foi defendida às 16 horas, do dia 08 de julho de 2019, como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Letras** pela Universidade Estadual do Piauí. O candidato apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho Aprovado (Aprovado, não aprovado).



Professor Dr. Franklin Oliveira Silva – (UESPI)
(Orientador)



Professor Dr. Francisco Alves Filho
1º examinador – UFPI



Professora Dra. Bárbara Olímpia Ramos de Melo
2º examinadora – UESPI

Visto da Coordenação:



Prof.ª Algenira de Macedo Mendes
Coordenadora do Mestrado Acadêmico em Letras da UESPI
Acadêmico em Letras - UESPI
Matrícula: 085952-4

Rua João Cabral, Nº 2231 - Pirajá -- CEP: 64.002-150 Teresina -PI
Telefone (86) 3213-2547 / 3213 – 7942

HÉBERTON MENDES CASSIANO

**A TRAJETÓRIA DO FENÔMENO DA RECATEGORIZAÇÃO NOS ESTUDOS
CONTEMPORÂNEOS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí - UESPI, área de concentração: Linguagem e Cultura, linha de pesquisa: Estudo do texto: produção e recepção como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Franklin Oliveira Silva
(Orientador)
Universidade Estadual do Piauí-UESPI

Professor Dr. Francisco Alves Filho
1º Examinador
Universidade Federal do Piauí - UFPI

Professora Dra. Bárbara Olímpia Ramos de Melo
2º Examinador
Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Dissertação defendida e aprovada em: ____ / ____ / ____

A Deus, Aquele que me faz cada dia mais forte.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me faz/permite ser forte em toda e qualquer adversidade, além de trazer luz aos meus dias, não permitindo que eu desista. Obrigado, meu Deus, por ter sido minha fortaleza durante esse processo;

Aos meus pais, Rita e Cassiano (*in memoriam*), por entenderem que a educação transforma e que terem feito dessa compreensão uma prioridade na vida de seus filhos. Hoje, eu colho esse fruto graças a vocês! Minha eterna gratidão e amor;

Aos meus irmãos, pelo apoio e confiança no meu trabalho e potencial;

Ao meu orientador, Prof. Franklin Oliveira, pela amizade verdadeira, pelos ensinamentos diários, pelo conhecimento compartilhado, por apostar no meu trabalho desde a primeira vez que estivemos como orientador e orientando, pela disponibilidade em guiar e me formar como pesquisador, e por ter sido luz durante os momentos difíceis nesse percurso. Minha gratidão eterna ao meu orientador da vida;

À Profa. Dra. Silvana Calixto, por ser inspiração para todos os seus alunos, por ter contribuído significativamente para o andamento e conclusão desta pesquisa com seu olhar crítico, mas, mais do que isso, humano. Obrigado, Flor, pela sua dedicação, pelas conversas sinceras e positivas, por me cobrar ser melhor sempre, pela força – que emana do seu ser – e por me trazer para esse mundo da Linguística de Texto;

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da UESPI (Profa. Dra. Bárbara, Profa. Dra. Iveuta, Prof. Dr. Wellington), por dividir tanto conhecimento e nos instigar a cada dia a ir além nessa área de estudos tão rica e tão prazerosa;

Aos demais professores da UESPI, por terem sido minha base na graduação em Letras/Português;

Aos meus amigos da I turma de Estudos do Texto (Jeydson, Herbert, Pérola, Sheila, Yolanda, Leiliane, Quésia, Vanda, Demócrito e Irismar), por tornarem os dias mais leves durante essa caminhada e por terem trazido contribuições expressivas para o nosso campo de estudo. Obrigado, galera!

À Maria do Socorro Paiva, Giovanni Bezerril e Aldenira Mota – núcleo gestor da escola MAC no biênio 2017-2018.1 – pelo apoio para que essa qualificação se tornasse possível. Muito obrigado por tudo;

A todos os funcionários, colegas e amigos da Escola Ministro Antônio Coelho, pelo incentivo diário e pela parceria;

Às minhas amigas, Enia, Luciene, Irani, Laura, Lisiana, Lorena, Andreia, Paula, Adriana, Laís, Amanda, Nyagra, Jordana, Carol Maranhão, Suzy, por terem compreendido – mesmo que à força – minha ausência nesses dois anos. Obrigado, meninas, pelo apoio diário e pelo carinho que, mutuamente, cultivamos;

À minha sócia e amiga linda, Jurema. É indescritível o quanto tua amizade foi fundamental para mim nesses anos. Eu serei sempre grato pela cumplicidade e por ter dividido comigo momentos tão difíceis. Obrigado pelos conselhos, pelos ouvidos emprestados e por ter sido colo. Valeu, minha sócia!

À Layana Holanda e Marcos Helam, por estarem todo tempo me cobrando ir além. Vocês são amigos especiais;

Ao meu amigo Rodrigo Aragão, por acreditar nos meus sonhos e estar sempre por perto acolhendo meus dramas de vida;

Ao Felipe Sobrinho, pelo suporte/apoio nessa caminhada;

Aos membros da banca examinadora, por terem aceitado o convite para participar da defesa dessa dissertação e trazerem contribuições relevantes para o aprimoramento desse trabalho;

À SEDUC-CE, pela liberação das atividades docentes para que eu pudesse concluir mais essa qualificação profissional.

RESUMO

O fenômeno da recategorização é um dos processos referenciais que tem sido amplamente estudado em pesquisas no campo da referenciação e que envolve estudos sobre o texto e a construção dos sentidos. Tais estudos trazem, em suas propostas, diferentes concepções sobre o fenômeno, situado tanto na tendência textual-discursiva, quanto cognitivo-discursiva e que, por sua vez, está situado no campo da Linguística Textual. Na evolução dos trabalhos sobre recategorização, partimos do pressuposto que o fenômeno foi se reconfigurando à medida que foi assumindo uma dimensão mais cognitivo-discursiva contemplando, além dos textos verbais, textos com várias semioses. O objetivo desse trabalho é apresentar um *estado da arte* da recategorização, mostrando as modificações e os redimensionamentos sofridos por ela ao longo dos anos, com a finalidade de contemplar as diversas modalidades de texto e descrever a dinamicidade e complexidade desse processo. A fundamentação desse trabalho tem início nos estudos clássicos de Mondada e Dubois (1995) para tratar da estabilidade e instabilidade das categorias – noções que embasam o fenômeno da recategorização – e de Apothéoz e Reichler-Béguelin (1995) por serem os primeiros a conceituarem o fenômeno e proporem uma proposta classificatória para ele. Para situar a noção de texto a qual adotamos – sociocognitiva interacional, utilizamos Koch (2004). Na descrição dos trabalhos selecionados, temos Apothéoz e Reichler-Béguelin (1995); Cavalcante (2000); Marcuschi e Koch (2002); Lima (2003, 2009), Tavares (2003), Matos (2005), Custódio Filho (2011), Silva (2013), Leal (2015); Lima e Cavalcante (2015) e Soares (2018). A metodologia da pesquisa constitui-se de uma abordagem bibliográfica, documental e descritiva. Como procedimentos metodológicos, resenhamos os trabalhos selecionados, considerando como critério de inclusão a presença da discussão sobre o fenômeno de recategorização. Na análise dos trabalhos, identificamos a tendência e as contribuições acerca da evolução dos conceitos propostos pelos autores. Como resultados obtidos, confirmamos que o fenômeno da recategorização sofreu uma evolução em relação à sua concepção inicial, que atendia apenas a textos verbais, e quanto ao seu redimensionamento, passando a ser percebido, também, em textos verbo-imagéticos, bem como estar relacionados a outros processos, como a introdução referencial e a dêixis. Percebemos que pesquisas se encarregaram de analisar o caráter cognitivo do fenômeno, de explorar funções discursivas da recategorização, reorganizar propostas classificatórias, propor novas concepções e estabelecer relação com outros processos, que foram estudadas para contemplar lacunas existentes ao longo das pesquisas e que foram necessárias para o avanço de novas concepções e redimensionamentos. Mostramos também que o fenômeno foi abordado tanto em uma perspectiva textual quanto, também, cognitiva, pois nem sempre está explicitado na superfície textual, necessitando de ancoragens e inferências para ser recuperado. Além disso, a recategorização pode assumir novas configurações como introduções referenciais e dêixis. Dessa forma, percebemos que o fenômeno foi e está sendo ampliado para contemplar textos nas mais variadas modalidades, como os textos verbais e nos verbo-imagéticos.

Palavras-Chave: Linguística Textual. Referenciação. Recategorização.

RÉSUMÉ

Le phénomène de la recatégorisation est l'un des processus référentiels qui a été amplement étudié dans les recherches dans le domaine du référencement et qui entoure des études sur le texte et la construction des sens. Ces études amènent, dans leurs propositions, différentes conceptions sur le phénomène, localisé tellement dans la tendance textuelle-discursive, comme cognitive-discursive et que, à tour de rôle, est situé dans le domaine de la Linguistique Textuelle. Dans l'évolution des travaux sur recatégorisation, nous partons de l'hypothèse que le phénomène a été en se reconfigurant à mesure qu'il a été en assumant une dimension plus cognitive-discursive en contemplant, au-delà des textes verbaux, des textes avec plusieurs sémioses. L'objectif de ce travail est présenter un *état de l'art* de la recatégorisation, en montrant les modifications et les redimensionnements subis pour elle au long des années, avec la finalité de contempler les diverses modalités de texte et décrire la dynamicité et complexité de ce processus. La fondation de ce travail commence dans les études classiques de Mondada et Dubois (1995) pour traiter de la stabilité et l'instabilité des catégories - notions que soutiennent le phénomène de la recatégorisation - et d'Apothéoz et Reichler-Béguelin (1995) pour être les premiers à conceptualiser le phénomène et proposer une proposition classificatoire pour lui. Pour situer la notion de texte que nous adoptons – sociocognitive interactionnelle, nous utilisons Koch (2004). Dans la description des travaux sélectionnés, nous avons Apothéoz et Reichler-Béguelin (1995); Cavalcante (2000); Marcuschi et Koch (2002); Lima (2003, 2009), Tavares (2003), Matos (2005), Custódio Filho (2011), Silva (2013), Leal (2015); Lima et Cavalcante (2015) et Soares (2018). La méthodologie de la recherche se constitue d'un abordage bibliographique, documentaire et descriptive. En tant que procédures méthodologiques, nous passons en revue les travaux sélectionnés, en considérant comme critère d'inclusion la présence de la discussion sur le phénomène de recatégorisation. Dans l'analyse des travaux, nous identifions la tendance et les contributions concernant l'évolution des concepts proposés par les auteurs. Comme résultats obtenus, nous avons confirmé que le phénomène de la recatégorisation a souffert une évolution par rapport à son concept initial, qui a servi seulement aux textes verbaux, et pareillement à son redimensionnement. Nous percevons que nouvelles classifications et fonctions sont allées en étant présentées pour contempler lacunes existantes au long des recherches et qui sont allés nécessaires pour l'avance de nouvelles conceptions et redimensionnements. Nous montrons aussi que le phénomène a été abordé pareillement à une perspective textuelle tout comme, aussi, cognitive, car pas toujours il est explicité dans la superficie textuelle, en nécessitant d'ancrages et interférences pour être récupéré. De plus, la recatégorisation ne peut pas assumer nouvelles configurations comme introductions référentielles et deixis. De cette manière, nous nous apercevons que le phénomène a été et il est en étant élargi pour contempler textes dans les plus diverses modalités, comme les textes verbaux et dans les verbe-imagétiques.

Mots-clés: Linguistique Textuelle. Référencement. Recatégorisation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Tipos de recategorizações.....	38
Quadro 2 Síntese da trajetória dos estudos da recategorização.....	165

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Primeira etapa classificatória de Tavares (2003).....	82
Figura 2 Segunda etapa classificatória de Tavares (2003).....	83
Figura 3 Terceira etapa classificatória de Tavares (2003)	90
Figura 4 Quadro das funções das recategorizações por Matos (2005).....	100
Figura 5: Trecho Custódio Filho	130

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 SOBRE REFERÊNCIA E REFERENCIAÇÃO	18
1.1 BREVE APRESENTAÇÃO DOS CONCEITOS DE TEXTO.....	18
1.1.1 SOBRE A INSTABILIDADE GENERALIZADA DAS CATEGORIAS	23
1.2 A CONCEPÇÃO DE RECATEGORIZAÇÃO PARA APOTÉLOZ E RECHLER- BÉGUELIN: PRIMEIROS ESTUDOS	37
2 A TRAJETÓRIA DOS ESTUDOS DO FENÔMENO DA RECATEGORIZAÇÃO – UMA PROPOSTA DESCRITIVA.....	40
2.1 CONSTRUCTION DE LA RÉFÉRENCE ET STRATÉGIES DE DÉSIGNATION – APOTHÉLOZ E REICHLER – BÉGUELIN (1995).....	41
2.1.1 SOBRE A CONSTRUÇÃO DA REFERÊNCIA E ESTRATÉGIA DE DESIGNAÇÃO	41
2.1.2 SOBRE AS INTERVENÇÕES DO LOCUTOR NO PROCESSO DE DESIGNAÇÃO	51
2.1.3 SOBRE A EVOLUÇÃO DA REFERÊNCIA E ESTRATÉGIAS DE DESIGNAÇÃO	55
2.1.3.1 TRANSFORMAÇÃO OPERADA OU MARCADA PELA ANÁFORA	56
2.1.3.1.1 CATEGORIZAÇÕES E RECATEGORIZAÇÕES LEXICAIS EXPLÍCITAS..	56
2.1.3.1.2 RECATEGORIZAÇÕES LEXICAIS IMPLÍCITAS.....	59
2.1.3.2 SOBRE O ANAFÓRICO NÃO LEVANDO EM CONTA OS ATRIBUTOS DO PREDICADO DO OBJETO	62
2.1.3.3 SOBRE A HOMOLOGAÇÃO DOS ATRIBUTOS EXPLICITAMENTE PREDICADOS.....	66
2.2 EXPRESSÕES INDICIAIS EM CONTEXTOS DE USO: POR UMA CARACTERIZAÇÃO DOS DÉITICOS DISCURSIVOS – CAVALCANTE (2000)	69

2.3 ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO E PROGRESSÃO REFERENCIAL NA LÍNGUA FALADA – MARCUSCHI E KOCH (2002).....	71
2.4 (RE)CATEGORIZAÇÃO METAFÓRICA E HUMOR: TRABALHANDO A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS – LIMA (2003)	75
2.4.1 PROCESSOS DE RECATEGORIZAÇÃO – UMA PROPOSTA CLASSIFICATÓRIA – TAVARES (2003).....	80
2.5 A FUNÇÃO DISCURSIVA DAS RECATEGORIZAÇÕES – MATOS (2005).....	98
2.6 ENTRE OS DOMÍNIOS DA METÁFORA E DA METONÍMIA: UM ESTUDO DE PROCESSOS DE RECATEGORIZAÇÃO – LIMA (2009).....	108
2.7 MÚLTIPLOS FATORES, DISTINTAS INTERAÇÕES: ESMIUÇANDO O CARÁTER HETEROGÊNEO DA REFERENCIAÇÃO – CUSTÓDIO FILHO (2011)	116
2.8 FORMAS E FUNÇÕES DAS INTRODUÇÕES REFERENCIAIS – SILVA (2013)	133
2.9 O PROCESSO REFERENCIAL DA DÊIXIS: POR UMA PROPOSTA DE RECATEGORIZAÇÃO – LEAL (2015).....	138
2.10 REVISITANDO OS PARÂMETROS DA RECATEGORIZAÇÃO – LIMA E CAVALCANTE (2015).....	149
2.11 PROCESSOS REFERENCIAIS POR NOME PRÓPRIO COMO ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS – SOARES (2018).....	153
REFERÊNCIAS.....	169

INTRODUÇÃO

A Linguística Textual (LT) é uma área que tem como objeto o estudo do texto. Diferentemente de outras abordagens linguísticas, como o estruturalismo, por exemplo, que teve como foco estudar a frase em sua estrutura e seus aspectos formalísticos, a LT se propõe a trabalhar os processos comunicativos baseados na intenção de um autor que utiliza o texto para alcançar um propósito comunicativo.

Essa proposta dos estudos de texto é recente no Brasil e, desde a década de 1960, vem se expandindo com a abertura de novas linhas de pesquisa voltadas a trabalhar o texto e, também, pela disponibilidade dos estudiosos em tentar esclarecer suas inquietações acerca do processo sociointeracional que o texto propicia.

Essas inquietações desencadearam a necessidade de os pesquisadores identificarem os objetos de discurso no texto e como eles funcionam de acordo com sua utilização no contexto. Foi, então, que os estudos de referenciação surgiram, com o intuito de esclarecer o funcionamento dos processos de construção e reconstrução dos referentes. Esses estudos viabilizaram a classificação dos processos referenciais e têm como objetivo sistematizar e descrever as estratégias textuais de ativação e reativação dos referentes no co(n)texto. Além disso, essas expressões podem retomar informações no texto que são importantes para construir o sentido pretendido pelo autor e alcançar a expectativa desejada sob o público leitor através da utilização de estratégias, como as introduções referenciais, as anáforas diretas, indiretas, encapsulamentos e recategorizações.

Mondada e Dubois (1995) assim como Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) foram, então, os pioneiros a tratar da referência, chamada por eles também de referenciação, e do objeto do nosso estudo, o fenômeno da recategorização. Eles elaboraram um estudo complementar que buscou esclarecer como se dá a construção da referência e de descrever o processo de recategorização numa perspectiva lexical, respectivamente.

Podemos considerar que a referenciação revela-se, portanto, como um processo de negociação na construção dos sentidos em relação aos objetos do

mundo. Mondada e Dubois (2003) consideram, nesse sentido, que as experiências que os usuários da língua possuem influência na forma de referenciar e atribuir sentido, ou seja, as realidades não se encontram acabadas e fixas, elas são moldáveis de acordo com as necessidades de quem produz os enunciados.

Nosso interesse pelo fenômeno da recategorização surgiu, ainda, no período de reformulação do projeto. Percebemos que havia muitos trabalhos que tinham como objeto de análise e investigação o fenômeno da recategorização. Além do mais, verificamos, também, que, dentre os trabalhos, existiam propostas diferentes que acabavam redimensionando e reconfigurando esse processo referencial e trazendo novas concepções, sendo, ele, reformulado.

A partir daí, surgiu a pretensão de fazer uma investigação e um levantamento de vários trabalhos para identificar o que cada um trazia de novo sobre esse fenômeno. Foi, então, que pensamos em montar uma trajetória dos estudos da recategorização a partir de um número X de trabalhos, ainda não definido até aquele momento. Fomos norteados, na seleção desses trabalhos, pelas pesquisas do grupo PROTEXTO – UFC (grupo de pesquisa consolidado e com um número expressivo de pesquisadores – e de produções – que têm como foco o estudo do texto).

Vimos que o objeto recategorização aparecia em inúmeros trabalhos e sentimos a necessidade de eleger apenas alguns deles para contemplar nossa proposta. Esbarramos, então, em dois problemas: quais trabalhos iriam fazer parte do capítulo descritivo sem reduzirmos a importância dos demais trabalhos que tratam do fenômeno estudado e como dividiríamos esse trabalho, uma vez que na área não possui um modelo metodológico específico para que pudéssemos padronizar a estrutura da nossa investigação.

Nesse momento, esclarecemos que a não inserção de outros trabalhos não nega suas importâncias dentro dos estudos da Referenciação. Consideramos que os trabalhos selecionados são a representação de um grupo muito mais amplo de pesquisas que tratam da recategorização, que se citam e se complementam na tentativa de buscar esclarecer o funcionamento desse processo tão complexo. Quanto ao percurso metodológico e à estruturação dessa dissertação, propomos uma divisão que será detalhada posteriormente.

A relevância em estudar o fenômeno da recategorização, nesta pesquisa,

partiu do seguinte questionamento: quais as transformações conceituais sofridas pelo fenômeno da recategorização, desde a sua inauguração até os estudos mais atuais da Linguística de Texto, e o que motivou essas alterações/revisitações do conceito?

Trabalhamos com o pressuposto de que o fenômeno foi se reconfigurando à medida que os estudos da LT foram tomando uma dimensão muito mais cognitivo-discursiva, deixando de contemplar apenas os textos verbais e admitindo, também, os textos verbo-imagéticos.

É válido esclarecermos que a dimensão textual-discursiva está centrada na análise do fenômeno apenas na superfície do texto. A recategorização está explícita no plano textual, identificada de forma objetiva e precisa. Já a dimensão cognitivo-discursiva envolve uma ativação do fenômeno com base em processos cognitivos, inferenciais, que se constrói a partir experiências culturais, sociais, históricas, adquiridas e compartilhadas entre os sujeitos.

Nosso objetivo geral com este trabalho, que foca no estado da arte do fenômeno, é apresentar uma trajetória do fenômeno da recategorização desde 1995 até 2018, apresentando as principais transformações ocorridas em torno do processo de recategorização e as concepções teóricas acerca do fenômeno no decorrer dos anos. Esse recorte temporal justifica-se pelo marco inicial do conceito de recategorização, aqui considerado (MONDADA E DUBOIS, 1995; APOTHÉLOZ E REICHLER-BÉGUELIN, 1995).

Como objetivos específicos buscamos: fazer um levantamento de quais trabalhos tinham como objeto de estudo a recategorização (não exclusivamente, mas que trouxeram alguma contribuição para os estudos desse processo referencial); selecionar quais trouxeram contribuições relacionadas ao fenômeno (configuração/classificação/redimensionamento/nomenclatura); fazer um recorte desses trabalhos, destacando o ponto alto do fenômeno nessas investigações; condensar os resultados desses trabalhos; propor um quadro que permita a visualização dessa trajetória de forma mais didática.

Para tanto, analisamos artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado que exploraram, em suas investigações, o objeto recategorização, a partir da análise de diferentes *corpus* ou que tiveram o intuito de trazer um novo olhar para o redimensionamento e/ou configuração do fenômeno ao longo dos anos.

Para isso, utilizamos a base teórica de Mondada e Dubois (1995) e Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), por serem trabalhos complementares e que são estudos que fundamentam o primeiro conceito de recategorização; além deles recortamos, também, os trabalhos de Cavalcante (2000), Marcuschi e Koch (2002), Lima (2003; 2009), Tavares (2003), Matos (2005), Custódio Filho (2011), Silva (2013), Leal (2015), Lima e Cavalcante (2015) e Soares (2018).

Abriremos, nesse momento, espaço para uma descrição metodológica acerca do processo de construção dessa dissertação. Deslocamos essa seção para o início, pois acreditamos tornar o percurso de observação das etapas mais claro. Dessa forma, pontuamos, inicialmente, as características de um trabalho que tem como objetivo o estado da arte. Esse estudo se configura como uma pesquisa de natureza bibliográfica e documental. Nele, não temos a intenção de quantificar os estudos que trataram do fenômeno da recategorização, nem tampouco fazer uma análise de um *corpus* a partir de uma teoria.

Nosso intuito é, portanto, apresentar os principais estudos que trataram sobre o fenômeno da recategorização na Linguística Textual e como eles foram importantes para as transformações envolvendo o fenômeno textual. Explanamos desde a sua primeira abordagem, com Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) até as pesquisas publicadas em 2018, que será o recorte de nossa investigação.

Em nossa construção temos a intenção de, também, descrever os trabalhos selecionados como mais relevantes, sem interferência nas ideias centrais das investigações para, por fim, elaborarmos uma linha do tempo (ou quadro) mostrando a cronologia e evolução desse fenômeno ao longo dos anos.

Dividimos esta investigação em três momentos:

1º - Apresentamos uma breve noção de texto e situamos a posição que assumimos em nosso trabalho. Além disso, trazemos a discussão do artigo de Mondada e Dubois (1995) sobre a passagem da referência para a referenciação (a recategorização é um dos processos de referenciação) e sobre a estabilidade e instabilidade das categorias (responsável pela configuração do fenômeno);

2º - Trazemos o recorte e a descrição dos trabalhos selecionados (contextualização das pesquisas, justificativas, problemáticas, exemplificação);

3º - Montamos as considerações finais, que reúne a consolidação desses trabalhos e a montagem de um quadro resumitivo das informações coletadas.

Apresentamos, agora, as noções de texto exploradas por Koch (2004) e

uma discussão do trabalho pioneiro de Mondada e Dubois (1995) para apresentar a reflexão das autoras sobre a transposição da referência para a referenciação, uma vez que a recategorização é um processo referencial; além das questões da estabilidade e da instabilidade das categorias; e os processos de estabilização.

1 SOBRE REFERÊNCIA E REFERENCIAÇÃO

Apresentamos, neste primeiro capítulo, o percurso teórico tratado por Mondada e Dubois (1995) a respeito da referência e da referenciação, destacando as principais características dos objetos do discurso, explorados por elas em seu artigo.

De antemão, fizemos uma breve introdução sobre a noção de texto, uma vez que esse é o principal objeto de estudo da Linguística Textual, doravante LT, na qual nos debruçamos para tratar dos estudos envolvendo o fenômeno da recategorização. Exploramos, nesse momento, as pesquisas de autores variados e que não se encontram em ordem cronológica de investigação, como fizemos com os estudos da recategorização, mas que trouxeram, em seus estudos, aspectos relevantes sobre o conceito de texto.

1.1 BREVE APRESENTAÇÃO DOS CONCEITOS DE TEXTO

Os estudos que elegeram o texto como objeto de investigação datam da década de 1960 e vêm para contribuir com as pesquisas numa perspectiva muito mais ampla do que se estudava a língua na perspectiva estruturalista com as contribuições saussureanas.

Sabendo que o modelo estruturalista se limitava à frase como objeto de estudo, a Linguística Textual, como área da Ciência da Linguagem, trouxe uma linha de investigação centrada nos enunciados, em que passam a ser observados elementos da comunicação que são fundamentais para a produção dos sentidos como as intenções de quem produz tais enunciados, os objetivos que se quer alcançar e em quais contextos de produção são construídos. Lima (2009, p.16) concorda que esse novo formato de investigação acontece “extrapolando-se, portanto, o limite da sentença”.

Muitas foram as áreas do conhecimento que se utilizaram da noção de texto e, mesmo em diferentes campos de investigação, tiveram o texto como objeto de estudo. Beaugrande (1997) traz como exemplos a Gramática, a Lógica, a Filologia. As pesquisas desenvolvidas nesses campos foram importantes para que a Linguística de Texto trouxesse novos conceitos para o texto. Nesse sentido,

Koch (2004) apresenta as várias concepções de texto ao longo da trajetória de desenvolvimento da Linguística Textual:

1. texto como frase complexa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico (concepção de base gramatical);
2. texto como signo complexo (concepção de base semiótica);
3. texto como expansão tematicamente centrada de macroestruturas (concepção de base semântica);
4. texto como ato de fala complexo (concepção de base pragmática);
5. texto como discurso 'congelado', como produto acabado de uma ação discursiva (concepção de base discursiva);
6. texto como meio específico de realização da comunicação verbal (concepção de base comunicativa);
7. texto como processo que mobiliza operações e processos cognitivos (concepção de base cognitivista);
8. texto como lugar de interação entre os atores sociais e de construção interacional de sentidos (concepção de base sociocognitiva-interacional).

Percebemos que as concepções de texto vêm, de forma crescente, contemplando elementos da comunicação que ultrapassam a mera perspectiva gramatical e priorizam a interação e os aspectos sociocognitivos atrelados à proposta da Linguística de Texto.

Muitos foram os estudos relacionados à coesão que, após a década de 1980, passou a ser investigada como um objeto muito mais abrangente do que o que se entendia em décadas anteriores, uma vez que fatores linguísticos, cognitivos, sociocognitivos e interacionais passaram a ser considerados inerentes ao fenômeno. A partir daí, muitas pesquisas se desenvolveram na Europa e no Brasil com foco na coesão, assim como nos fatores de textualidade explorados por Beaugrande e Dressler (1981).

A última noção de texto apresentada por Koch (2004), em que o texto é tido como um lugar de interação entre os sujeitos – atores sociais – que constroem, a partir dessa relação interacional, os sentidos (visão sociocognitiva interacional), se torna importante para os estudos da Referenciação, porque serviu de base para que essa área de investigação ganhasse espaço na Linguística Textual com o intuito de analisar as construções de sentidos dos textos, inicialmente, nos

textos verbais, levando em conta os aspectos sociocognitivos relacionados à produção de sentidos. Adotamos, portanto, essa concepção de texto para descrever o fenômeno que selecionamos como objeto de estudo.

Essa vertente sociocognitivista ganhou destaque nas pesquisas envolvendo o texto na década de 1990. Autores que fundamentarão nossa pesquisa, como Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e Mondada e Dubois (1995), são alguns dos nomes que investigaram sobre a questão da referenciação textual, segundo Koch (2004). A autora afirma que o estudo dos objetos de discurso, das anáforas, de operações de nominalização, entre outros, foram foco das investigações desses e outros estudiosos ao longo dos anos.

Esses conceitos se relacionam, de certa maneira, à Linguística de Textual, que é vista como uma ciência que tem, como uma de suas características, investigar a relação que se estabelece entre os objetos do mundo e os sentidos que são construídos a partir deles na relação de interação e sociocognição inerente ao processo de construção de sentidos. Constatamos que essa relação está intimamente ligada com a questão da referência que deu base para os estudos da Referenciação. Koch (2004, p. 15) postula que:

A referência é sobretudo um problema que diz respeito às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve; e que o discurso constrói os “objetos” a que faz remissão (“objetos-de-discurso”), ao mesmo tempo que é tributário dessa construção.

A partir do entendimento e da breve apresentação das concepções de texto apresentada por Koch (2004), assumimos, para nossos estudos, a perspectiva sociocognitiva de texto, uma vez que descrevemos estudos que se concentram na Linguística Textual contemporânea e que carregam esse posicionamento e noção sobre o texto. No tópico seguinte, abordamos a contribuição de Mondada e Dubois (1995) para os estudos da referência e da referenciação, que se tornaram fundamentais para as posteriores pesquisas que envolveram o estudo dos referentes e dos processos referenciais, por conseguinte.

1.1.O REFERENTE E A REFERENCIAÇÃO NA VISÃO DE MONDADA E DUBOIS (1995)

Os estudos sobre o referente vêm, há muito, sendo rediscutidos pelas diversas pesquisas desenvolvidas na área dos estudos do texto. Muitas foram as tentativas de se buscar solucionar o “problema” em torno da questão de referir o mundo através da língua, nas quais podemos observar que, a maioria, defende a existência de uma correspondência entre as palavras e as coisas de forma pré-existente.

Essa constatação é facilmente percebida ao tomarmos a visão primitiva e Aristotélica sobre o referente, em que a construção da noção de referente e categoria é dada, *a priori*, a partir da relação de espelhamento do mundo com a realidade.

A noção extensional da referência é considerada como a noção clássica e se tornou base para todos os estudos posteriores que buscaram explicar do que se tratava o referente. Essa perspectiva de referência é construída através de uma visão lógico-semântica, explorada nos estudos naturais da linguagem, e assume que há uma relação direta entre o sentido e a referência. Nessa noção, a questão das categorias, ou categorização, dos elementos do mundo já são pré-determinadas, ou seja, os sujeitos são desconsiderados no processo de construção de sentidos.

Mondada e Dubois (1995 [2017], p. 18) já discutiam sobre essa noção extensional quando consideraram que:

Esta perspectiva se exprime através das metáforas do espelho e do reflexo, e, mais recentemente, do “mapeamento” (*mapping matching*), que se referem todas a uma concepção especular do saber e do discurso, considerada como uma *re-presentação* adequada da realidade.

Mondada e Dubois (1995) consideram, ainda, que as ciências cognitivas deram sua contribuição ao tratar de algumas problemáticas pertinentes às línguas naturais, como a questão da artificialidade da língua ao tratar de um possível mapeamento das palavras sobre as coisas.

Ao tomarmos a noção cognitiva para explicar a referência, observamos que há várias perspectivas que buscam justificar a relação entre linguagem e mente. Um dos modelos que tratam dessa questão afirma que a linguagem é uma

atividade-mental e, para que a ideia de referência seja construída, é necessário que as experiências dos interlocutores, além do conhecimento de mundo, sejam levadas em consideração. Essa concepção não se baseia em relações de extensionalidade dos elementos do mundo com o próprio referente através de uma relação pronta e acabada, mas, sim, de um elo que existe entre expressões linguísticas e as representações extralinguísticas que estão ligadas aos modelos mentais construídos a partir das experiências de mundo dos interlocutores.

Essa visão cognitivista define a referência como uma construção mental, amparada em modelos pautados em conhecimentos prévios e se refere à categorização como o resultado da relação que os interlocutores desenvolvem com o meio em que vivem através de interações físicas.

Mondada e Dubois (1995) afirmam que a questão da referenciação não está ligada apenas a um caráter extensional ou meramente cognitivo. As autoras afirmam que a referenciação está centrada em práticas simbólicas que não devem desmerecer o caráter intersubjetivo e nem a ausência de uma relação entre sujeitos usuários da língua. Sobre essas práticas, Mondada e Dubois (1995 [2017], p. 20) confirmam que:

Essas práticas não são imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo.

Mondada e Dubois (1995) vão indagar, então, a partir da ideia de que os sujeitos são importantes na construção dos objetos de discurso por serem sujeitos sociocognitivos, acerca da instabilidade e da discretização das categorias. As autoras consideram que os sujeitos são fundamentais para a construção do mundo e que esta ideia está intimamente ligada aos papéis sociais desenvolvidos por esses sujeitos na interação uns com os outros, permitindo, assim, que o mundo seja visto de forma estabilizada através da instituição das categorias. O que Mondada e Dubois (1995) propõem em sua investigação é apresentar a variedade de atores que estão envolvidos na construção dos referentes através da discretização e da desestabilização das categorias dando sentido ao mundo e à língua.

Por se tratarem de conceitos dependentes e por estarem relacionados às práticas e aos discursos, Mondada e Dubois (1995) pregam que os termos “objetos de discurso” e a “categorização” devem ter seus sentidos explicitados, uma vez que poderiam causar prejuízos se tomados um pelo outro. Para esclarecer essa questão, Mondada e Dubois (1995) analisam, então, uma característica pertinente à dimensão discursiva e cognitiva, a instabilidade generalizada das categorias.

1.1.1 Sobre a instabilidade generalizada das categorias

O questionamento sobre a possibilidade de existir ou não uma relação entre as coisas no mundo e as palavras é antigo. Sobre isso, os estudos de Mondada e Dubois (1995) destacaram que, numa perspectiva idealizada, chamada pelas autoras de *utópica*¹ ou *nostálgica*, além das categorias serem dadas *a priori*, elas possuem características fixas, intrínsecas a elas, que, por mais que sofram quaisquer alterações materiais, essas propriedades lhes são inatas. Contudo, essa mesma perspectiva considera que as línguas possuem imperfeições quando trata das atividades dos sujeitos, pois, conforme as autoras, há uma negligência, uma dificuldade de atribuir nomes, vindo a ser considerada como um “insucesso”, mas que é marca das línguas naturais, ou está relacionado às dificuldades de um sistema cognitivo que não supre a necessidade de tais demandas.

Mondada e Dubois (1995) vão dispor, portanto, em caráter investigativo, de uma análise levando em conta dados que comprovem duas condições envolvendo o fenômeno da referenciação: a primeira, é mostrar como as categorias são “instáveis, variáveis e flexíveis”; em um segundo momento, as autoras irão avaliar o caráter instável dos objetos do discurso, considerando que essa característica é inerente às práticas e ao discurso em si. Nesse segundo momento, as autoras assumem que as categorizações num processo de referenciação não são mais consideradas em caráter extensional, mas como processo que se desencadeia na interação entre os sujeitos e o mundo, admitindo-se as negociações e o caráter individual do processo.

¹Mondada e Dubois (1995) consideram uma perspectiva utópica uma “cartografia perfeita entre as palavras e as coisas”.

Mondada e Dubois (1995), ao tratarem da instabilidade das relações entre palavras e coisas, afirmam que as categorias se transformam tanto numa visão diacrônica, quanto sincrônica. Elas observam como esse fator de instabilidade interfere nos discursos comuns e nos discursos científicos.

Para os discursos comuns, Mondada e Dubois (1995) destacam que as variações em nível diacrônico e sincrônico, considerando o aspecto social do processo, podem ocorrer de diversas formas. As referidas autoras chamam a atenção para um problema que Harvey Sacks traz nos seus estudos da etnometodologia. Sobre isso, Mondada e Dubois (1995) expõem:

em vez de avaliar as categorizações, buscando-lhes adequação referencial, correspondência e veracidade (por exemplo, indo observar se uma pessoa categorizada como “negra” é efetivamente um negro), ele se propõe a estudar como categorização é um processo de decisão de dependência que se coloca para os atores sociais, e como eles o resolvem selecionando uma categoria em vez de outra dentro de um contexto dado.

As autoras expõem que esse problema ultrapassa a simplicidade de olhar as categorias como meros procedimentos de adequação de rótulos aos objetos do mundo e afirmam que a questão é o modo que os sujeitos elegem para fazer referência num processo comunicativo, quando a forma de categorizar poderá vir a causar um comprometimento da integridade das pessoas, ao serem referidas de uma forma e não de outra.

Com a evolução dos estudos sobre a categorização, novas perspectivas e visões a respeito da forma de se observar as categorias surgiram. Saindo de uma visão clássica e filosófica, os estudos passaram por uma visão ecológica, que, segundo Mondada e Dubois (1995, p.23), “considera que a organização do conhecimento humano é motivada pelos fins adaptativos”.

A partir dessa reflexão, é possível considerar, também, que as categorias naturais não são colocadas de forma fixa como representações únicas para modelos prototípicos no mundo. O que Mondada e Dubois (1995) afirmam é que essas categorias são construídas de maneiras flexíveis para suprir a necessidade dos pontos de vista dos sujeitos a partir de um sistema cognitivo preparado para assumir essa multiplicidade de sentidos e não apenas representar a materialidade acabada do mundo.

Mondada e Dubois (1995) observaram, ainda, as categorias a partir de três pontos de vista: o psicolinguístico, o linguístico e o psicológico. Do ponto de vista psicolinguístico, Mondada e Dubois (2017, [1995], p. 25) asseveram que “as variações categoriais, consideradas aqui como “categorias evolutivas”, podem ser vistas como recursos que asseguram uma plasticidade linguística e cognitiva e uma garantia de adequação contextual e adaptativa”.

Do ponto de vista linguístico, as autoras afirmam que quando um discurso sofre modificações, as categorias também poderão ser reformuladas e sofrer adaptações para que estejam de acordo com o contexto que está sendo produzido. Tais modificações contribuem para uma evolução trazendo novas informações, destacando características das categorias que, num processo anafórico baseado numa recategorização, por exemplo, esses recursos linguísticos contribuirão para ressaltar pontos importantes das entidades. Mondada e Dubois (1995, [2017], p. 25) colocam que “uma modificação do contexto pode levar a mudanças tanto no léxico, como na organização estrutural das categorias cognitivas.”

Quanto ao ponto de vista psicológico, Mondada e Dubois (1995) esclarecem que esse aspecto cognitivo poderá ser considerado se a questão da categorização, bem como da variação dessas categorias, deixe de ser vista como “erros” ou que a visão de uma categoria em relação a outra seja equivocada, quando referidos aos objetos do mundo. Dessa maneira, Mondada e Dubois (1995 [2017], p. 26) afirmam que a instabilidade é presente quando se trata de categorias:

(...) quer se trate de objetos sociais ou de objetos “naturais”, observa-se que o que é habitualmente considerado como um ponto estável de referência para as categorias pode ser “deategorizado”, tornado instável, evoluir sob o efeito de uma mudança de contexto ou de ponto de vista.

Mondada e Dubois (1995, p.27) encerram a discussão acerca dos usos categoriais comuns argumentando sobre uma “estabilidade”, que afirmam ser resultante de um ponto de vista realista:

“[...] que relaciona as categorias às propriedades do mundo – como se a objetividade do mundo produzisse a estabilidade das categorias – no lugar de relacioná-las aos discursos sócio-históricos e aos procedimentos socialmente ancorados.”

Ainda sobre o trato da instabilidade das relações entre as palavras e as coisas, Mondada e Dubois (1995) promovem uma discussão sobre a instabilidade categoriais em controvérsias científicas. A reflexão se inicia quando elas afirmam que as categorias científicas não podem ser tomadas igualmente ou próximas ao que acontece aos objetos naturais, pois as controvérsias científicas, segundo Mondada e Dubois (1995 [2017], p. 28):

(...)são provocadas pelos julgamentos divergentes de dependência ou de tipicidade. Neste caso, as controvérsias manifestam diferentes possibilidades de categorização e só são resolvidas quando uma dessas possibilidades é selecionada no lugar das outras e é marcada paradigmática e normativamente.

Essa afirmação confirma os modelos que são explorados por Mondada e Dubois (1995) em que, cientificamente, ao tomarmos uma categoria, como a das aves, podemos assumir que determinado animal possa não ser visto, baseado em suas características, dentro de uma categoria. As autoras expõem o exemplo dos morcegos, que podem ser tidos como aves, mesmo sendo considerados mamíferos e possuir características distintas das demais aves, por exemplo. É a partir dessa observação que elas sustentam que há controvérsias científicas quando se resolve trabalhar categorias que podem ser selecionadas a partir de um ou de outro ponto de vista. A escolha, portanto, parte de uma seleção que deverá ser feita para melhor satisfazer a necessidade dos sujeitos. Sobre a dinamicidade da categorização nas ciências naturais, Mondada e Dubois (1995 [2017], p. 28) dizem que “As categorias não são nem evidentes nem dadas de uma vez por todas. Elas são mais o resultado das reificações práticas e históricas de processos complexos, compreendendo discussões, controvérsias, desacordos.”

Mondada e Dubois (1995) estabelecem que a instabilidade das categorias está centrada nas práticas em que elas ocorrem e destacam que poderão ocorrer tanto a nível de construção de enunciado verbalizado, quanto em situações que necessitarão de ativação de esquemas cognitivos, ou, ainda através de interações negociadas. As autoras esclarecem, também, que essa instabilidade ocorre em todos os níveis de organização linguística, destacando que na forma

oralizada da comunicação esse fenômeno acontece com maior ênfase, sem descartar que ocorra, ainda, na produção escrita.

Para exemplificar satisfatoriamente como isso acontece, Mondada e Dubois (1995) recorrem a exemplos explorados por Beveniste (1987) que permitem comprovar como acontece a substituição de um lexema por outro numa perspectiva de discurso oral, demonstrando como o locutor opta por estabelecer quais das opções produzidas por ele satisfaz melhor na construção dos seus enunciados. Vejamos um exemplo (1) clássico exposto por Mondada e Dubois (1995 [2017], p. 30):

(1) Je buvais mon petit verre à table mon petit verre enfin un grand verre quoi” (Blanche-Beveniste, 1987: 35, 140).

(1) “eu bebia uma dose na mesa do bar, uma dose nada, um porre mesmo” (Blanche-Beveniste, 1987: 35, 140).

Esse exemplo (1) é a comprovação de como a estratégia de referenciar está diretamente ligada à progressão textual. Percebemos que o produtor do enunciado se preocupa em trazer para seu discurso a melhor adequação em relação ao contexto de produção e vai moldando seu enunciado de acordo com a sua necessidade de ser claro, buscando a maior objetividade. Com isso, podemos confirmar, com base em Mondada e Dubois (1995), que essa forma de construção tem um caráter positivo, pois o locutor tem a possibilidade de construção de um objeto de discurso que não está encerrado ou etiquetado, destacando o caráter de instabilidade das categorias.

Mondada e Dubois (1995 [2017], p. 30) afirmam que “(...)a referenciação adequada pode ser vista como um processo de construção de um caminho ligando diferentes denominações aproximadas que não são excluídas pela última escolha”.

Dessa forma, ao observarmos o exemplo (1), constatamos que a forma como se dão as escolhas também funciona como estratégia de manutenção do discurso oralizado. As autoras ressaltam que os processos utilizados nos textos orais também podem ser vistos nos textos escritos. Para ilustrar essa afirmação, Mondada e Dubois (1995, p.31) apresentam o exemplo a seguir:

(2) Se me for permitido contar, falarei da série de provações que me foram necessárias para encontrar *um quarto*..., não, uma toca no Grande Albergue da Europa, administrado pelo signore Pietro Roberti. (Achard, Montebello, Magenta, Marignan. *Lettres d'Italie* (mai et jun, 1859), Paris, 1859:50).

No exemplo (2), comprovamos que o objeto do discurso destacado – *um quarto* – sofre uma substituição, passando por uma reformulação que atendeu melhor a exigência do produtor do texto. A referenciação, nesse caso, acontece através de uma apresentação inicial de um lexema que atende à construção do sentido, a princípio, mas que sofre, em um segundo momento, uma remodelação – *uma toca no Grande Albergue da Europa* – através do contraste entre os elementos, mas que melhor se adequa ao sentido pretendido no texto.

Se considerarmos a categorização, percebemos que um modelo prototípico é apresentado ‘um quarto’ e que, inicialmente, comporta toda a semântica necessária para a construção do texto. Em seguida, o que percebemos é uma recategorização desse referente pelo sintagma ‘uma toca’, trazendo uma informação carregado de uma semântica negativa, crítica.

Com isso, entendemos que, na visão de Mondada e Dubois (1995), o que se pretende esclarecer é que a questão não é somente de confrontação de um termo em relação a outro para que possamos perceber como a referenciação se desenvolve, mas, sim, de se desenvolver um sistema (as autoras irão chamar de dispositivo geral) mais complexo que permita uma flexibilidade linguística que favoreça um modelo de representações cognitivas da realidade que possa ser compartilhado com os sujeitos.

O que percebemos sobre a instabilidade linguística é que Mondada e Dubois (1995) defendem, de forma enfática, como o processo de categorização é baseado em contradições entre as categorias estabelecidas e como, na prática, acontece uma concorrência, a qual poderíamos antecipar como uma recategorização, dos elementos pelos usuários da língua através da substituição e de uma visão crítica e intersubjetiva de um primeiro termo por um outro que corresponda de forma mais significativa na construção dos enunciados. Vejamos um exemplo em que Mondada e Dubois (1995 [2017], p. 33) confirmam essa ideia:

(3) “Palácios em mármore branco!” – gritava-se. Eu via somente velhas construções enfileiradas umas após as outras, formando treliças, por assim dizer. (Gasparin, op. cit., v. 1, 146)

Percebemos e concordamos com Mondada e Dubois (1995), com o exemplo (3), que a referenciação é percebida através da não-correspondência entre os elementos lexicais explícitos e as coisas do mundo. Esse distanciamento, segundo as autoras, é a base para a referenciação, uma vez que a adequação dos elementos do mundo aos discursos, levando em consideração o contexto de produção, acontece através de um processo de ajustamento que se dará dentro do processo de referenciação. Sobre essa visão, Mondada e Dubois (1995 [2017], p. 33-34) dizem que:

Não se pode mais, a partir de agora, considerar nem que a palavra ou a categoria é decidida *a priori* “no mundo”, anteriormente a sua enunciação, nem que o locutor é um locutor ideal que está simplesmente tentando buscar a palavra adequada dentro de um estoque lexical. (...) o processo de produção das sequências de descritores em tempo real ajuda constantemente as seleções lexicais a um mundo contínuo, que não preexiste como tal, mas cujos objetos emergem enquanto entidades discretas ao longo do tempo de enunciação em que fazem a referência.

Mondada e Dubois (1995) explicam que as instabilidades não estão restritas apenas a um nível linguístico. Elas afirmam que a ativação de categorias pode aparecer em práticas cotidianas em que os elementos não estejam colocados de forma verbalizada, ou seja, que numa atividade cognitiva, e olhando pelo viés psicológico dos sujeitos, existe também a identificação de categorias, mas que, nesse caso, serão estabelecidas de acordo com a finalidade e com o contexto que estiverem inseridas. Mondada e Dubois (1995 [2017], p. 35) acreditam que “os objetos não são dados segundo as ‘propriedades intrínsecas do mundo’, mas construídos através dos processos cognitivos dos sujeitos aplicados ao mundo concebido como um fluxo contínuo de estímulos.”

É a partir dessa explanação que Mondada e Dubois (1995) defendem que a instabilidade das categorias não está ligada a um simples esquema de variação individual que estariam submetidas a um aprendizado simples de “valores de verdade”, mas, sim, que a construção dos objetos do discurso se dá por meio de

uma atividade colaborativa baseada na intersubjetividade e da atividade cognitiva entre os sujeitos.

Ao observar as conversações comuns, Mondada e Dubois (1995) concluíram que, além de os enunciados poderem ter uma construção colaborativa, os objetos do discurso também podem ser transformados pelos locutores, trazendo novas informações e atribuindo a eles novos significados sofrendo radicalmente alterações em seus sentidos. Vejamos um trecho de um exemplo (4) clássico em que Mondada e Dubois (1995, p.36) apresentam uma modificação no ponto de vista numa construção colaborativa.

(4)

1 A: é um lugar que eu adoro/ que é verdadeiramente maravilhoso/

2 B: que foi desfigurado [COMpletamente\

3 A: [que foi DESfigurado completamente\

Então restam ainda algumas partes ao lado de Vauvenargues e:

4 B: sim sim

5 A: e eu creio que isto vai reviver/ felizmente/ graças ao esforço de:

(...)

Percebemos, através do exemplo (4) explorado por Mondada e Dubois (1995), que, uma vez que A introduz um referente no contexto da conversa, B elabora uma complementação do enunciado construído por A através de uma interferência e de um juízo diferente do que A faz. Percebemos, portanto, que o objeto de discurso, quando apresentado numa situação de interação poderá sofrer transformação dentro do próprio discurso. Observamos que, no momento em que os objetos são apresentados por um dos locutores, o outro se apropria dele desestabilizando-o e redirecionando esse objeto coletivamente tornando-o distante das intenções individuais de cada sujeito.

Mondada e Dubois (1995) ressaltam também que mesmo nas situações em que os sujeitos tentam transparecer uma certa objetividade em relação os objetos do discurso, ou seja, mesmo quando tentam direcionar a construção de sentido para a própria realidade, o contexto de produção irá acabar interferindo de alguma forma na construção de sentido desses objetos.

As autoras exploram um exemplo emprestado de Lynch (1985) para comprovar que, num processo descritivo, existe uma colaboração orientada em torno do processo comunicativo, pois, segundo Mondada e Dubois (1995), não é possível que esse processo comunicativo se dê através de padrões definidos, nem isolados. No exemplo (5), as autoras (1995 [2017], p. 38-39) mostram que, num ambiente em que as descrições são definidas, a orientação para a realidade não se dá de forma congelada ou estática, mas, sim, negociadas a partir dos elementos e do contexto de produção.

(5)

1 M ther no:t, clear there=

2 J = th'thing is's thee ehm

3 (1.5)

4 J thisiz garbajhe ooh there's one right there!

5 (2.0)

6 M is: it?=-

7 J =wehh I dun[nuh

8 M [nuhh (thet) doesn't look like vesiculs

9 (0.3)

10 M hhlooks more like a spine er s'm-

11 (1.0)

12 J mm well it would be one of two things hh I guess those could be microtubules cut et na angle so (we won't) circle it

(5)

1M não tem, limpe lá

2J a coisa é o

3 (1.5)

4 isso é sujeira – oh, tem um bem ali!

5 (2.0)

6M é isso?

7J bom, eu 'num' sei

8M não (isso) não parece com vesículas

9 (0.3)

10M parece mais com uma espinha ou algo assim

11 (1.)

12J hum bom isso só pode ser uma coisa entre duas hum eu acho que aqueles ali podem ser cortes microtúbulos e um ângulo então (nós não iremos) circundá-los

O que fica claro, no exemplo (5), é que o objeto descrito não é observado dentro de uma instância fixa e absolutamente estável. A vagueza presente na conversa dos pesquisadores é inevitável diante do objeto desconhecido. Nesse caso, o que se torna mais relevante é a forma de descrição e designação presente num processo de negociação em que eles estão envolvidos.

O que Mondada e Dubois (1995) querem transmitir, ao tratar dos processos de construção colaborativa dos objetos discursivos, é que não existe uma descrição precisa e objetiva do mundo. As autoras permitem concluir que, dentro do sistema linguístico, existe um sistema que autoriza que as categorias se adaptem aos contextos em que se inserirem. Essa flexibilidade linguística é fundamental para que o processo de referenciar aconteça de forma satisfatória num processo comunicativo. Mondada e Dubois (1995 [2017], p. 40) concluem que as categorias, portanto, são instáveis e que elas são incompletas, se considerarmos a forma como descrevem o mundo. Isso não significa que as categorias possuem um caráter desordenado e de incompletude, mas, sim, que a instabilidade das mesmas se dá pela flexibilidade que elas possuem em descrever o mundo. Somado a isso, os sujeitos utilizam as categorias para estabilizar seu mundo, mas que, num processo de interação, essas categorias estarão associadas a um nível linguístico, social, cognitivo, discursivo que carregará todo o sentido pretendido a partir de uma negociação entre os sujeitos.

A última discussão proposta por Mondada e Dubois (1995) em seu texto clássico sobre a referência trata da estabilidade das instabilidades. Sobre esse ponto, as autoras iniciam a discussão tomando como base os estudos de Rosch (1978) sobre as categorias, a qual vê, nos protótipos, um caráter dinâmico, o que tornaria insuficiente considerar que as categorias seriam meras representações estáveis e individuais dos objetos. Contudo, a visão de Rosch (1978) sobre os protótipos é de que eles, ao mesmo tempo em que possuem sua dinamicidade, garantem que as representações possuam uma estabilidade, ou seja, juntamente com o sistema cognitivo, os protótipos estabelecem as invariantes, que permitem que as categorias tenham uma base de significado, descontextualizada, para, só após, os sujeitos construírem o sentido a partir dos usos da língua. Tais

protótipos, então, passariam a ser formulados a partir de construções individuais e psicológicas, sem desconsiderar o léxico, que daria solidez à estabilidade das categorias.

Ressaltamos, ainda, a discussão da importância dos rótulos para a composição da estabilidade. Entendemos, a partir da reflexão de Mondada e Dubois (1995), que os nomes, ou rótulos, carregam o caráter estabilizador das categorias, pois permite, através dos protótipos, que os objetos sejam vistos fora de quaisquer contextos e possam ser compartilhados entre os usuários de uma língua circulando socialmente e tornando-se estável para aquele determinado grupo. Com isso, ao ser reconhecido pelo grupo, o que era chamado de protótipo passa a ser considerado um estereótipo, pois já não é visto individualmente, sendo, portanto, uma representação compartilhada por um grupo.

Mondada e Dubois (1995) corroboram, também, com a visão crítica de dois pontos que Rosch toma em seus estudos sobre o processo de estabilização dos protótipos através da nomeação: o primeiro, a limitação da língua a uma nomenclatura e a denominação funcionando como um sistema de etiquetagem do mundo; o segundo diz respeito à intersubjetividade que deve se fazer presente quando entendermos que na passagem de protótipo para estereótipo deve haver uma validação baseada no domínio social.

Com esse ponto de vista, Mondada e Dubois (1995) concluem que vários pesquisadores que tomaram a língua como objeto de investigação e que trataram sobre as categorias, observaram que o léxico é responsável por dar estabilidade às significações que são convencionalmente propostas em uma comunidade, mas o que se destaca em meio a essas descobertas é que tratar o protótipo como mera representação da realidade tornou-se insuficiente, tendo em vista os valores sociais que codificam os significados e estabelecem novos sentidos aos elementos linguísticos.

Em seus estudos, Mondada e Dubois (1995) afunilam suas observações sobre a instabilidade e a estabilidade das categorias trazendo uma discussão sobre fenômenos que desempenham, nos discursos, um caráter de instabilidade, mas que, ao mesmo tempo, funciona como processo estabilizador. A anáfora, por exemplo, é uma estratégia de referenciação que está intimamente ligada ao processo evolutivo dos referentes, mas que também se liga à forma de reportar outras denominações. Em resumo, as anáforas permitem que, num complexo

universo de nomenclaturas e denominações, uma seja escolhida em exclusão à outra que poderia ser também uma possibilidade. Dessa forma, a anáfora pode ser observada como um elemento que ao mesmo tempo que estabiliza determinado sentido para uma unidade lexical, no discurso, e por ele, poderá sofrer uma desestabilização quando num contexto necessitar transformar o referente.

Para entendermos como funciona a ideia de exclusão de uma unidade lexical em relação à outra, em se tratando de anáfora, tomemos o exemplo (6), de Mondada e Dubois (1995 [2017], p. 44), em que a anáfora confirma a escolha no texto:

(6) Encontra-se *uma abóboda isolada*, em pleno centro, que se diz ser o *túmulo de Agrippine*. *Esta abóboda...* (Cochin, *Voyage d'Italie*, Paris, 1758, v 1, 213).

Identificamos, efetivamente, no exemplo (6), que num trecho de menor modalização e de fácil percepção entre enunciados que se opõem, que a anáfora teve um papel decisivo entre a escolha de um e não de outro sintagma. A anáfora, nesse caso, determina, entre as possibilidades, qual irá satisfazer melhor o contexto. Essa é uma das formas que as autoras esclarecem, de estabilização de uma categoria. Outra forma de utilizar os sintagmas para estabilização seria o que Mondada e Dubois (1995, p.45) propõem com o exemplo (7) a seguir:

(7) A cidade, pois é *uma cidade*, é composta de quarenta a cinquenta casas, que são contornadas por uma alta e forte muralha para protegê-las dos bandidos de terra e de mar. (Simond, *Voyage en Italie et en Sicile*, Paris, 1828, v 2, 34)

O que observamos no exemplo (7) é que existe um sintagma nominal, a qual Mondada e Dubois (1995) chamam de descritor, sendo utilizado de forma repetida como uma estratégia de estabilização, conseqüentemente, vendo esse elemento como prototípico. Mondada e Dubois (1995, p 46) defendem que a utilização, de forma redundante dos termos designadores, promove uma instabilidade nos descritores particulares, pois eles “correm constantemente o risco de serem criticados ou abandonados.”

Para finalizar a discussão, Mondada e Dubois (1995) acrescentam que há diferentes modos de inscrição das categorias e que permitem sua estabilização. Elas chamam a atenção para o lado psíquico como composição da materialidade, mas consideram que a escrita, a imagem, a imprensa são importantes formas de consolidação dessa materialidade.

A escrita é vista, nessa perspectiva, como uma das formas de inscrição que exercem forte influência nas formas de interpretar o mundo. Além de estar ligada às mais diversas áreas, como a lógica, a argumentação, Mondada e Dubois (1995, p. 46) dizem que “ela permite também estocar, memorizar, reencontrar os dados a serem manipulados cognitivamente, assim como organizá-los pelas formas que exploram sua disposição sinóptica e ordenada.” As autoras descrevem, ainda, como as listas tiveram influência ao longo dos tempos: listas de contas, genealógicas e lexicais. Promovendo a estabilidade, influenciando as pesquisas, explorando os sistemas, a escrita vem, segundo Aroux (1994 apud Mondada e Dubois, 2017), para marcar problemas trazidos pela linearidade inerente à língua. Possui também a propriedade de fixar os textos oralizados marcados pela espacialidade.

Depois do impacto da escrita, a imprensa vem com a ‘gramatização’ promover o surgimento de gramáticas para as línguas que compilassem os vernáculos europeus e não-europeus estabelecendo paradigmas e padronizações baseados no sistema greco-latino.

Tanto a escrita, quanto a imprensa, foram formas de inscrição que favoreceram, segundo Mondada e Dubois (1995), a evolução do pensamento científico. Para a ciência, quanto mais exata forem as observações, mais objetividade o estudo irá possuir. O que se percebeu com a imprensa, que buscou trazer uma exatidão para a verbalização, é que isso favoreceu uma visão científica muito maior para os estudos. Essa objetividade, segundo as autoras, transpõe as afirmações científicas a fatos. Tais fatos acabam se firmando com a escrita de forma estável, resistindo às possíveis desestabilizações advindas dos questionamentos científicos. Por isso, Mondada e Dubois (2017, p. 48) dizem que “(...) a escrita realiza um grau extraordinário de certeza”.

O que observamos com os estudos pioneiros sobre o referente desenvolvido por Mondada e Dubois (1995) é que a referência, tomada como referenciação, não pode ser configurada como uma atividade isolada, onde

apenas um sujeito atua livremente sobre os objetos do mundo. Compreendemos, a partir desses estudos, que estabelecer categorias depende também de atividades cognitivas para que ocorra a estabilização dos objetos no mundo. Compartilhamos, para melhor explanação do nosso objeto de estudo, com a ideia de Mondada e Dubois (1995) sobre a referenciação quando elas afirmam que os sujeitos constroem objetos cognitivos e discursivos a partir de concepções individuais e públicas do mundo.

Assumirmos uma posição extensional de referência iria de encontro ao nosso objeto de estudo, pois a (re)categorização, vista como um processo de referenciação que reconstrói, remodula o referente, não caberia numa visão que Marcuschi (2000) já criticava sobre as categorias. Para ele, não seria possível concentrar todos os elementos do mundo real em categorias, numa forma de emoldurar os elementos, ou listá-los, porque a língua, em si e por si, assume um caráter dinâmico e torná-la estática, limitando os significados através de um mapa de representações, não seria adequado, visto que a construção de sentidos, baseados numa visão discursiva, ficaria marginalizada.

Para nosso trabalho, aceitamos as categorias como representações simbólicas dos objetos do mundo. A língua se torna, portanto, um sistema formado por categorias, mas que é, diferentemente do ponto de vista extensional, dinâmico. Assumimos, então, a noção discursiva, para nosso objeto, pois entendemos que ele é construído a partir de um processo de interação, e, portanto, de negociação entre os sujeitos, considerando aspectos sociais, históricos, cognitivos e de conhecimento de mundo experienciados e individuais.

Se observarmos, portanto, as categorias como um processo, é importante considerar, também, que as diferentes visões que os sujeitos assumem do mundo estão estreitamente relacionadas com a atividade de discretização das entidades existentes. Na nossa visão, entendemos que as categorias são transformadas e evoluem para que o processo discursivo tenha êxito na sua construção, ou seja, a evolução das categorias pode ser vista como um recurso que auxilia na construção dos sentidos adaptando-os aos mais diversos contextos a partir da plasticidade e da flexibilidade dos elementos linguísticos considerando os aspectos, também, cognitivos do léxico.

Exploramos, no próximo tópico, de forma breve, o fenômeno textual que resultou da evolução dos estudos sobre a categoria e do processo de referenciar,

que é a recategorização. Buscamos apresentar, inicialmente, os estudos de Mondada e Dubois (1995) sobre o referente e sobre as categorias, pois consideramos importante discutir sobre a estabilidade e, principalmente, a instabilidade das categorias, porque aceitar que elas são dinâmicas contribui para a compreensão do fenômeno. A noção de recategorização adotada nesse trabalho se baseia nos estudos da Linguística Textual ressaltando o caráter intersubjetivo dos processos linguísticos e cognitivos responsáveis pela construção dos discursos.

1.2 A CONCEPÇÃO DE RECATEGORIZAÇÃO PARA APOTÉLOZ E RECHLER-BÉGUELIN: PRIMEIROS ESTUDOS

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) escreveram o primeiro artigo a destacar o fenômeno da recategorização como objeto de estudo. Foi um trabalho feito paralelamente ao estudo da referência e da categorização investigado na mesma época por Mondada e Dubois (1995).

O objetivo de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) era trazer a discussão em torno dos objetos de discurso que sofrem modificações ao longo do texto, tratados por eles como uma evolução, assumindo um caráter não extensional de referência associados a uma visão cognitiva, em que esses objetos não são dados *a priori* e nem tido como etiquetas prontas da realidade. Para eles, os objetos do discurso são dinâmicos, pois dependem das construções sociais, culturais e estão centrados num processo de interação entre sujeitos, onde o valor e o sentido construído são elaborados a partir das experiências de mundo que cada sujeito partilha.

Nesse sentido, eles trazem a recategorização como um fenômeno que transforma os referentes a partir dessa concepção. Esse processo anafórico, além de apontar para um referente – ou retomar, remodula um objeto introdutório e agrega a ele informações que o decodificador não conhecia anteriormente.

Diante disso, os referidos autores identificaram que as recategorizações poderão ocorrer em três diferentes circunstâncias:

1º - quando o objeto do discurso é transformado no momento da designação anafórica;

2º - quando a expressão anafórica não leva em consideração os atributos predicados na anáfora apresentada anteriormente;

3º - quando a anáfora homologa os atributos do objeto do discurso explicitados através dos predicados;

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) exploraram, então, devido à limitação em relação ao artigo, a (re)categorização apenas numa perspectiva textual-discursiva, tida como a primeira concepção nos estudos do fenômeno na Linguística Textual, dando destaque apenas para as recategorizações ocorridas lexicalmente e atribuindo uma classificação para as ocorrências que, mais tarde, seriam criticadas por outros estudiosos da área.

A proposta classificatória do fenômeno contemplou apenas uma das situações em que o processo de recategorização acontece no discurso - quando o objeto é transformado no momento da designação anafórica. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) dividiram as ocorrências em três tipos:

- a. Recategorizações lexicais explícitas;
- b. Recategorizações lexicais implícitas;
- c. Modificações da extensão do objeto

Cada uma das classificações acima apresentou subclassificações baseadas em funções, conforme o quadro (1) abaixo:

Quadro 1 Tipos de recategorizações

TIPOS DE RECATEGORIZAÇÕES	
CLASSIFICAÇÃO	FUNÇÃO
Recategorização lexical explícita	- Argumentação; - Denominação reportada; - Aspectualização; - Sobremarcação da estrutura discursiva;
Recategorização lexical implícita	- Redução da ambiguidade referencial

	<ul style="list-style-type: none"> - Motivação do gênero gramatical - Indicação de uma conotação particular
Modificação da extensão do objeto	<ul style="list-style-type: none"> - Abandono de determinação; - Passagem metalinguística; - Metonimização; - Fragmentação do objeto; - Fusão do objeto

Quadro elaborado pelo autor. Adaptado de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995)

A proposta da investigação de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) consistiu no ponto de partida para novas visões em torno do fenômeno, como aconteceu posteriormente com a investigação de Lima (2003), que deu destaque, em suas análises, a ele e enfatizou o caráter cognitivo presente no fenômeno.

Resolvemos, com essa rápida apresentação do fenômeno, situar o trabalho de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) quanto aos estudos da Linguística de Texto contemporânea – mas fizemos uma discussão detalhada desse artigo pioneiro no capítulo seguinte, onde se apresentarão outros trabalhos que foram relevantes para a trajetória do fenômeno.

2 A TRAJETÓRIA DOS ESTUDOS DO FENÔMENO DA RECATEGORIZAÇÃO – UMA PROPOSTA DESCRITIVA

Vimos com Mondada e Dubois (1995) que os sujeitos buscam estabilizar as categorias do mundo para que possam construir os sentidos de acordo com suas intenções. Essas categorias são elaboradas a partir da visão que cada sujeito atribui aos objetos do mundo. Esse entendimento nos permite concluir que os elementos do mundo e as categorias não representam numa relação de correspondência exata, ou seja, o complexo léxico não representa uma lista de etiquetas prontas para as coisas do mundo. Entendemos, portanto, que a construção dos sentidos firmadas em categorias é baseada num processo de referência que requer considerarmos, principalmente, a intersubjetividade.

Com isso, podemos assegurar que o processo de categorizar as coisas do mundo parte de uma tomada de decisão dos interlocutores, pois, segundo Mondada e Dubois (1995), os sujeitos constroem individualmente as categorias a partir de práticas sociais e históricas levando em conta o contexto de inserção dessas categorias e o sentido que eles pretendem atribuir. Daí as categorias serem consideradas, também, instáveis. O que buscamos com nossa discussão é mostrar que o processo de referenciação está inserido numa atividade que relaciona o cognitivo e o linguístico para tratar de referência de mundo e de sujeitos.

Esse processo de referenciação a partir de uma noção discursiva foi importante para que os processos referenciais tivessem espaço nos estudos na LT. A ideia de categorização apresentada e suas características (estabilidade e instabilidade) marcadamente importantes para descrever esse processo de referir às coisas, levando em consideração que são os sujeitos os responsáveis por estabelecerem a construção dos sentidos permitiu que um novo fenômeno surgisse para ampliar os estudos de referenciação: a recategorização.

Nesse tópico, trazemos, portanto, uma discussão sobre esse fenômeno a partir das suas primeiras concepções, desenvolvida por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), que trouxeram as primeiras concepções sobre a recategorização. Vale destacar, ainda, que esses primeiros estudos sobre a recategorização não aconteceram de forma sequenciada aos estudos de

categorização propostos por Mondada e Dubois (1995). Paralelamente ao que se estuda sobre as categorias, encaminhavam-se novas investigações que se apoiavam no que de novo surgia no campo da referência.

Mondada e Dubois (1995) não se aprofundaram tanto em descrever o fenômeno da recategorização, mas deram sua contribuição em torno dele. O que veremos, a seguir, é uma discussão a respeito do fenômeno da recategorização a partir do texto clássico de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Esses autores tiveram grande importância no estudo do fenômeno da recategorização, que, por ser um fenômeno que contribui para a construção do sentido e para a continuidade textual, tem um destaque quando falamos, hoje, em estudos de referenciação.

2.1 CONSTRUCTION DE LA RÉFÉRENCE ET STRATÉGIES DE DÉSIGNATION – APOTHÉLOZ E REICHLER – BÉGUELIN (1995)

2.1.1 Sobre a construção da referência e estratégia de designação

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) trazem para a LT um artigo que, juntamente com o de Mondada e Dubois (1995), se tornou a base para os estudos de um fenômeno de progressão textual chamado de recategorização.

A evolução do conceito de referência permitiu que uma problemática fosse o ponto de discussão de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). A questão das “referências evolutivas”, desenvolvida em estudos por Charolles e Schnedecker (1993), por tratarem das anáforas, se tornou o objeto de investigação de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995).

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) desenvolveram um estudo dividido em três partes. Na primeira delas, os autores discutem sobre as referências evolutivas, bem como as ideias de referências de mundo e o que elas consideram chamar de objetos de discurso. Num segundo momento, os autores se debruçam em estudos mais linguísticos, sobre uma característica das línguas naturais, tratando da plasticidade em torno do léxico. Para isso, dão destaque à estratégia de designação e à categorização, estudo desenvolvido, simultaneamente, por Mondada e Dubois (1995) e que foram fundamentais para

a discussão sobre o fenômeno da recategorização. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) consideram tais estudos complementares.

O terceiro momento da investigação de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) terá como objetivo apresentar as principais estratégias anafóricas e mostrar como elas, numa perspectiva lexical, marcam a evolução das categorias, enquanto objetos instáveis, contribuindo, num processo discursivo e de apreensão de conhecimento de mundo, para a transformação do referente.

Vejamos, agora, a primeira parte do estudo de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) que trata dos referentes ditos evolutivos e o que eles concordam sobre os objetos do discurso. O estudo é segmentado e Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) pontuam as discussões em tópicos que serão desenvolvidos nesta dissertação para embasar nossos estudos sobre a recategorização.

Inicialmente, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) destacam a investigação de Charolles e Schnedecker (1993) sobre as anáforas pronominais dentro do campo da designação. Nessa investigação, Charolles e Schnedecker (1993) buscam descrever o que acontece quando, no processo comunicativo, as anáforas sofrem transformações, afetando sua condição, e se o processo de retomada é validado permanecendo apontando, ou não, para o mesmo referente. Esse é um desafio que os autores buscaram esclarecer enquanto investigação acreditando que os referentes sofrem processos evolutivos dentro dos discursos.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) sustentam seus posicionamentos teóricos a partir de diversos exemplos. Portanto, antecipamos que, durante essa discussão, trazemos diversos exemplos clássicos que os autores se apoiaram para construir o entendimento sobre nosso fenômeno eleito. O primeiro exemplo explorado por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) foi retirado da investigação desenvolvida por Charolles e Schnedecker (1993) em que são apresentados, inicialmente, dois referentes: água e whisky. Esses referentes são designados de formas diferentes dentro do discurso, pois são apresentados em dois contextos diferentes, em que a posição deles é alterada. Vejamos como Charolles e Schnedecker (1993, p. 123) os apresentam:

(8a) Ele derramou whisky em um copo. Ele acrescentou água e ele o bebeu. (exemplo 14 deles)²

²Tradução livre para “ Il versa du whisky dans un verre. Il y ajoute de l’ eau...et il le but.

(8b) Ele derramou água em um copo. Ele acrescentou whisky.....e ele o bebeu. (exemplo 15 deles)³

Percebemos que, nos exemplos acima, a ordem em que os elementos são apresentados no discurso determinam também a ordem em que eles foram inseridos no recipiente pré-estabelecido. Esse primeiro exemplo, é logo transformado pelos autores, para que o discurso seja transformado e para que os elementos sejam vistos de uma outra maneira.

Os exemplos (9a) e (9b) são uma continuidade do que Charolles e Schnedecker (1993) tentam construir sobre a transformação dos referentes dentro dos discursos. Para isso, Apothéloz e Reichler- Béguelin (1995, 231) mostram como a tomada de decisão de acréscimo de novas informações faz com que os referentes introduzidos inicialmente nos exemplos (8a) e (8b) sejam vistos sob uma nova perspectiva:

(9a) Ele derramou três dedos de whisky em um copo, ele acrescentou um pouco de água.... e ele o bebeu. (exemplo 16 deles)⁴

(9b) Ele derramou três dedos de água em um copo, ele acrescentou ali um pouco de whisky... e ele o bebeu. (exemplo 17 deles)⁵

O que os exemplos (9a) e (9b) apresentam é uma alteração no discurso que nos fornece um novo ponto de vista sobre os elementos envolvidos. O que os autores chamam a atenção, nesse ponto, é que, em decorrência da construção e, por uma questão identitária, em que elementos pronominais são estabelecidos na construção não é possível chamar qualquer uma das misturas de água, nem tampouco de whisky. As proporções que foram utilizadas também atuam como fatores de determinação para que um não seja confundido com o outro.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) continuam a apresentar novos exemplos. Os exemplos a seguir se assemelham ao que Brown & Yule (1983) observaram em torno de um discurso em que o fenômeno anafórico não é substitutivo de forma completa e pura. No estudo de Brown e Yule (1983), o

³Tradução livre para “ Il versa de l’eau dans un verre. Il y ajoute du whisky...et il le but.

⁴Tradução livre para “ Il versa trois doigts de whisky dans un verre, Il y ajoute un tout petit peu d’eau...et il le but.”

⁵Tradução livre para “ Il versa trois doigts d’eau dans un verre, Il y ajoute un tout petit peu de whisky...et il le but.”

“antecedente” textual sofreu modificações quando passou por alterações em seu estado físico. Com o exemplo (10) de Charolles e Schnedecker (1993), percebemos uma reflexão bem próxima dessa proposta. Vejamos:

(10) Pegue quatro cubos de açúcar. Derreta-os com água e leve-os em ponto de ebulição. (exemplo 13 deles)⁶

Charolles e Schnedecker (1993) concluíram que o pronome *os* não consegue recuperar anaforicamente os quatro cubos de açúcar introduzidos inicialmente no discurso. Isso se dá, porque, segundo os autores, a partir do momento em que os cubos passam por um processo que transforma seu estado físico, eles não podem mais ser recuperados por um pronome de terceira pessoa. Esse tipo de ocorrência acontece com os predicados chamados por Brown & Yule (1983) de “transformacionais”.

A constatação sobre recuperar, ou não, o referente a partir dos predicados ditos “transformacionais” traz hesitações e, por vezes, contradições. Essa é uma questão que Charolles e Schnedecker (1993) trazem com dificuldade, pois destacam ser insuficiente em se tratando de aceitabilidade. Por essa dificuldade, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 232) mostram um exemplo de Charolles e François (1998) em que os autores analisam um exemplo que apresenta, com clareza, essa visão:

(11a) Sophie esmagou dois cubos de açúcar e depois os colocou em seu café. (exemplo 79 deles)⁷

(11b) Sophie esmagou dois cubos de açúcar e depois o colocou em seu café.⁸

O que os autores perceberam é que ao serem utilizados os verbos *derreter* e *esmagar* o referente acaba se transformando, assumindo um novo estado comprovando o que eles afirmam sobre o pronome que anaforiza o referente introduzido. Sobre isso, Charolles e François (1998, p. 42) afirmam que “O pronome pode perfeitamente devolver/referir-se as/às entidades no seu estado

⁶Tradução livre para “ Prenez quatre morceaux de sucre. Faites-les fondre dans de l’eau et portez-les à ébullition.”

⁷Tradução livre para “ Sophie broya deaux morceaux de sucre puis les mit dans son café.”

⁸Tradução livre para “ ?? Sophie broya deaux morceaux de sucre puis le mit dans son café.”

contável inicial mas muito mais dificilmente à sua contraparte/compensação massiva obtida na saída/no final do julgamento/do processo⁹. É o que percebemos nos exemplos acima, ou seja, que há uma nítida relação de causa e efeito, segundo o que é argumentado pelos autores.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) asseguram que a questão de mudança de estado, inscrito nos verbos utilizados, não se apresenta como único num processo de aceitabilidade pelos usuários ao tentar referir com a utilização de pronomes. O que os autores observam é que o estranhamento provocado por essa visão de predicados transformacionais não está relacionado exatamente ao primeiro nível de transformação do elemento no discurso, mas, sim, ao segundo. É o que observamos no exemplo (9), pois a predicação *ponto de ebulição* se liga a um elemento que, na lógica dos estudos científicos, seria um estado atribuído a líquidos. Por ser, a língua, um sistema dinâmico, a possibilidade de se atribuir, ou não, um pronome ou outro termo anafórico, é válida dependendo do propósito e da construção do enunciado.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 233) trazem, ainda, dois exemplos para mostrar que existem normas que estabelecem que uma e não outra forma é válida. A partir do quadro metodológico estabelecido por Charolles e François (1998), é preferível que a primeira forma seja melhor aceita do que a segunda. Vejamos:

(12a) Sophie esmagou dois cubos de açúcar depois o espalhou sobre o bolo.¹⁰

(12b) Sophie esmagou dois cubos de açúcar depois os espalhou sobre o bolo.¹¹

Percebemos que, no primeiro caso (12a), a aceitabilidade é válida, tendo em vista que após serem esmagados, o açúcar vira um outro produto e que já não denota uma quantidade múltipla. O que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) buscam explicar é que numa estrutura onde dois exemplos são expostos, os quais ele resolveu chamar de N1 e N2, e remeteu aos exemplos anteriores, o correto, em termos de referência, seria considerar adequado o exemplo (12b) ao invés do

⁹Tradução livre para “ le pronom peut parfaitement renvoyer aux entités dans leur état comptable initial mais beaucoup plus difficilement à leur contrepartie massive obtenue à l’issue du procès.”

¹⁰Tradução livre para “ Sophie broya deux morceaux de sucre puis l’ étala sur le gâteau.”

¹¹Tradução livre para “ Sophie broya deux morceaux de sucre puis les étala sur le gâteau.”

(12a), pois normativamente o pronome *os* deverá se referir ao referente *cubos de açúcar*, causando um estranhamento ao tentarmos aceitar a forma (12a) como válida também.

Esses exemplos funcionam como testes para mostrar como se dão as estratégias de retomada dos termos introduzidos nos discursos com base na proposta metodológica de Brown & Yule (1983). O que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) trazem, portanto, são duas conclusões a partir das análises anteriores: a primeira, é vista sob uma ótica metodológica de dificuldades existentes em testes de aceitabilidade e que envolvem estruturas discursivas. O ponto de dificuldade é a observação do linguista sobre os critérios adotados para avaliar de forma eficiente os quesitos complexos. A segunda conclusão envolve a teoria dos processos anafóricos e está centrada na dúvida que se estabelece em relação aos predicados transformacionais em retomar, de fato, o termo introduzido. Esse processo só é considerado, porque há uma questão identitária através da transformação sofrida, sem levar em conta os elementos anteriores e a recuperação desse primeiro referente.

De forma geral, o que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) concluem é que há uma subjetividade quando ocorre uma análise de referentes fora de contextos. Eles asseguram que em exemplos isolados, como o caso do que vem a ser água e whisky, os elementos introduzidos estão sujeitos a critérios de subjetividade de quem julga, pois segundo a semântica dos discursos, esses dados, que são montados fora de algum contexto, são dados incompletos. Contudo, deixam claro, também, que essas sequências são, por muitas vezes, usadas como formas válidas dentro de uma análise pragmática e que acabam passando despercebidas num processo de análise, sendo consideradas muito artificiais. Assim, os autores concluem que é eminentemente questionável, a nível metodológico, a forma de se analisar os referentes ditos evolutivos dentro desse tipo de abordagem.

Outro problema que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) destacam que possa acontecer é um conflito entre os entendimentos de impossibilidade gramatical e impossibilidade referencial. Nesse ponto, eles duvidam da capacidade do linguista de entender as designações lexicais, ou considerar cientificamente válido as construções decorrentes das práticas linguísticas dos usuários da língua, considerando essa tarefa como complexa.

Charolles e François (1998) fazem um questionamento sobre a forma de observação dos processos anafóricos se levado em consideração a questão transformacional das matérias referidas. Eles indagam sobre até que ponto não seria frágil esse tipo de tentativa de referenciação dos elementos presentes nos discursos, afirmando que, dessa forma, não passaria de uma linguagem que representaria uma cópia da realidade, ou, mais gravemente, reduziria a uma investigação física ou ontológica dos referentes. Os autores utilizam os próprios exemplos para questionar se teriam que ficar analisando as quantidades ou proporções dos termos para serem considerados masculinos ou femininos, por exemplo, para só depois serem recuperados por uma anáfora que remetesse ao gênero determinado, a exemplo do whisky e da água.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) buscaram mostrar em seus estudos, baseados num exemplo de Schnedecker (no prelo), que as anáforas pronominais, quando trabalhadas dentro de pequenos contextos, são utilizadas no sentido de recuperar o termo feminino ou masculino. Essa oposição tem o propósito de marcar os designadores de objetos de discursos distintos, tal como ocorre no exemplo analisado por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p.236):

(13a) [...] A jovem mulher levantou/ergueu os olhos. Orlando os viu brilhar de um brilho/uma fascinação que resplandeceu sobre as chaleiras mas raramente sobre um rosto/uma face humana. Através dessa/desta camada/cobertura prateada, a jovem mulher deixou subir/elevar na direção *dele* (pois ele era um homem para ela), um olhar de apelo, de esperança, de apreensão, de medo/temor..¹² (V. Woolf, Orlando, IV, biblio/poche: 234)

Essa distinção entre os elementos, com base no gênero, permite que o intérprete consiga recuperar, no discurso, os objetos de discurso que foram utilizados no texto. O que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) querem destacar é que, num processo de retomadas, os referentes devem estar relacionados de forma muito objetiva, pois, em um caso onde os termos anafóricos possam retomar um outro elemento de forma ambígua, poderia causar um problema na

¹²Tradução livre para “ [...] La jeune femme leva les yeux. Orlando les vit briller d’un éclat qui resplendit parfois sur les théières mais rarement sur un visage humain. A travers ce glacié d’argent, la jeune femme laissa monter vers *lui* (car il était un homme pour elle), un regard d’appel, d’espoir, d’appréhension, de crainte.”

questão da recuperação desses referentes. Percebemos, no exemplo (13a) acima, que o termo *ela* recupera satisfatoriamente *a jovem mulher* e o *ele* recupera *Orlando*. Já no exemplo abaixo, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p.237) mostram como a substituição do termo feminino por uma forma masculina poderia causar prejuízo em determinado ponto do texto através de uma ambiguidade que o intérprete não conseguiria desfazer de forma segura. Observemos:

(13b) [...] O jovem garoto levantou os olhos. Orlando os via brilhar de uma forma que às vezes via em bules de chá, mas nunca tinha visto em um rosto humano. Através do brilho da prata, o jovem garoto se deixou ir até ele (porque ele era um homem para ele), um olhar de chamada, de esperança, de apreensão, de crença¹³. (Exemplo modificado pelo autor).

Nesse caso, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) decidem que o resgate dos referentes através de uma estratégia anafórica se torna complicada, pois o texto acabou se tornando insuficiente para que as possibilidades de retomada estivessem limitadas a um único referente. Para eles, há, portanto, a necessidade de um texto que traga mais informações para que o intérprete consiga recuperar o referente de forma eficiente, o que não acontece no caso acima no trecho *ele era um homem para ele* é colocado. Um terceiro exemplo, exposto pelos autores (1995, p.237), traz uma nova visão sobre as possibilidades anafóricas dentro de um contexto em que os elementos permitem apontar exatamente para ao referente trazido pelo discurso. Vejamos:

(13c) [...] O jovem garoto levantou os olhos. Orlando os via brilhar de uma forma que às vezes via em bules de chá, mas nunca tinha visto em um rosto humano. Através do brilho da prata, o jovem garoto se deixou ir até ela (porque ela era um homem para ele), um olhar de chamada, de esperança, de apreensão, de crença.¹⁴ (Exemplo modificado pelo autor)

¹³Tradução livre para “ [...] La jeune garçon leva les yeux. Orlando les vit briller d’un éclat qui resplendit parfois sur les théières mais rarement sur un visage humain. A travers ce glacié d’ argent, la jeune garçon laissa monter vers *lui* (car il était un homme pour lui), un regard d’appel, d’espoir, d’appréhension, de crainte.”

¹⁴Tradução livre para “ [...] La jeune garçon leva les yeux. Orlando les vit briller d’un éclat qui resplendit parfois sur les théières mais rarement sur un visage humain. A travers ce glacié d’ argent, la jeune

Para Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), o exemplo (13c) mostra que o verbo em terceira pessoa em que a presença de um pronome feminino permite com maior precisão apontar, dentro desse discurso, para um possível referente, o que não acontece no caso do exemplo (13b), pois poderá comprometer o entendimento do contexto por parte do intérprete. Esses exemplos marcam um estudo que vem sendo feito em torno das anáforas, que não é novo, e quem tem buscado sanar as dificuldades presentes nesse tipo de construção de sentido.

Após essa discussão que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) fazem sobre a retomada a partir de pronomes levando em conta predicados transformacionais e a ambiguidade em discursos isolados, os autores afirmam que, no processo de categorização, tomados por uma gramática que resolveram nomear de “ gramática do real “, os sujeitos possuem uma flexibilidade para construir sentido em torno das palavras, de forma espontânea, através das experiências de mundo vivenciadas por eles, mas acreditam que limitar a construção das categorias, em meio a uma variedade de possibilidades ou de divisão em relação à discretização dos elementos do mundo, poderia trazer um certo impasse. Os autores destacam, ainda, que seria condenável a construção dos sentidos a partir de uma visão primária dos elementos constitutivos do texto.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) defendem, então que as realidades designadas não podem ser vistas como simples representações do mundo. É, nesse sentido, que eles estabelecem que os objetos-do-discurso são, assim, chamados, porque partem das práticas sociais, discursivas e culturais inseridas num processo interativo entre os sujeitos usuários da língua e o meio. Com isso, eles acreditam numa visão não-realista da referência que se dá por meio de construtos culturais. Sobre isso, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 239) se posicionam que:

(...) uma vez promoveu ao status do objeto-de-discurso, ou assimilados a qualquer prática social, a identidade dessas *realia* tornam/transformam o produto de uma interação entre o sujeito humano e seu meio ambiente. Não é mais possível, desde então, se contentar de falar deles unicamente como de referentes no sentido mundano do termo, na medida em que estes objetos adquiriram o status de construtos culturais, e onde por consequência, sua “essência” comporta necessariamente um parâmetro antropológico.¹⁵

garçon laissa monter vers elle (sans savoir qu'elle étart une femme), un regard d'appel, d'espoir, d'appréhension, de crainte.”

¹⁵Tradução livre para “ qu'une fois promus au statut d'objets-de-discours, ou assimilés à une quelconque pratique sociale, l'identité de ces realia devient le produit d'une interaction entre le sujet humain et son

Nesse sentido, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) destacam, ainda, que a noção de referente evolutivo poderia ser associada aos elementos extralinguísticos e os objetos-do-discurso àqueles centrados numa atividade linguística. Essa distinção é importante, segundo os autores, para que não haja conflito, no momento de uma retomada, em construir um sentido a partir de uma noção representacional ou, então, não-realista.

Além disso, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) destacam que o processamento anafórico requer a criação de esquemas que não representem apenas as transformações ocorridas num mundo extralinguístico, mas que sejam transformados pela bagagem de cada um dos sujeitos, uma vez que somos sujeitos sociais e interativos. Sobre a evolução dos objetos-do-discurso, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 239) afirmam que:

(...) todo objeto-de-discurso é, por definição evolutivo, porque cada predicação relativa à modificação de seu status informacional, em memória discursiva – mesmo se tem uma predicação não transformacional tal qual *ficar sentado e não se mexer*. No entanto, que as metamorfoses, tendo como contrapartida ontológica, essas modificações puramente semióticas contribuem a determinar a natureza dos chamados anafóricos subsequentes (...)¹⁶

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) dizem que essa noção não é exatamente clara quando observada uma semiose que se constrói fora de uma realidade e que está diretamente ligada à sua significação puramente linguística. Eles reafirmam que a construção dos referentes exige experiências de mundo e que desconsiderar isso pode comprometer uma construção linguística e de uma referência efetiva.

environnement. On ne peut plus dès lors se contenter de parler d'eux uniquement comme de référents au sens mondain du terme, dans la mesure où ces objets ont acquis le statut de construits culturels, et où par conséquent leur "essence" comporte forcément un paramètre anthropologique."

¹⁶Tradução livre para "[...] tout objet-de-discours est, par définition, évolutifs, car chaque prédication le concernant modifie son statut informationnel em mémoire discursive – meme s'il s'agit d'une prédication non transformationnelle telle que *rester assis* ou *ne pas bouger*. Tout autant que les métamorphoses ayant une contrapartie ontologique, ces modifications purement sémiotiques contribuent à déterminer la nature des rappels anaphoriques subséquents."

2.1.2 Sobre as intervenções do locutor no processo de designação

O estudo complementar de Mondada e Dubois (1995) que descreve as categorias como instáveis está intimamente ligado com a discussão que é feita nessa parte do artigo de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Os autores asseguram que o léxico de uma língua é um sistema complexo de significações que permite aos sujeitos utilizarem as mais diferentes formas, quando possíveis, para remeter, retomar, recuperar um referente, não sendo, portanto, a língua, um conjunto de etiquetas prontas que se referem a elementos limitados da realidade, mas, sim, um “conjunto de dispositivos extremamente maleáveis”.

Os estudos sobre as categorizações mostraram, segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), que as designações não são formas prontas. Eles mostram mais objetivamente como isso acontece explorando dois exemplos: um de designações na área da botânica, afirmando que quando se muda de perspectiva, também se muda de designação¹⁷; e um segundo exemplo na área jurídica, que marca o poder argumentativo das categorias dentro desse discurso jurídico, em que a intersubjetividade prevalece e onde os sujeitos se utilizam do léxico para compor suas estratégias persuasivas. Os autores ressaltam que nesse segundo caso, os sujeitos usufruem de um livre arbítrio.

É a partir de todas essas considerações e exemplificações que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) destacam a importância das anáforas lexicais como estratégia de retomada de referentes de forma explícita dentro dos discursos. Sobre elas, eles asseguram que é mais visível nesse tipo de anáfora, porque o objeto introduzido se encontra categorizado através de uma designação lexical, ou etiqueta, e o sujeito se utiliza das metáforas para remodelá-los no discurso.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) utilizam um exemplo¹⁸ clássico de sua investigação para mostrar como ocorre um processo de recategorização lexical promovendo, sem nenhuma interferência, uma correferencialidade.

¹⁷Nesse primeiro exemplo, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) citam um costume da Idade Média, onde, na Quaresma, se comia costela de castor como se fosse peixe. Esse exemplo mostra a relação existente entre as práticas sociais e a categorização.

¹⁸Exemplo utilizado por Apothéloz e Reichler-Béguelin a partir de tradução livre: “ O sabão se livrou da humilhação que ela (= a água) o fez passar ao se misturar intimamente à água, ao se casar de maneira mais ostensiva. Este ovo, este prato de limada, esta pequena amêndoa se desenvolve rapidamente em peixe chinês, com os seus véus, os seus quimonos de mangas largas e feita para o seu casamento com a água. (Francis Ponge, *Le Savon*, Paris, Gallimard, 1967: 98).

Observamos, nesse exemplo, que o referente *o sabão* é, posteriormente, remodulado, transformado, assumindo novas características como *este ovo, este prato de limada, esta pequena amêndoa*. Percebemos e concordamos com os autores, portanto, que essa estratégia de referenciação e retomada não interfere na interpretação do referente introduzido, tampouco prejudica o estabelecimento da correferencialidade.

Sobre a escolha lexical e a correferencialidade estabelecida num processo de recategorização, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 242) asseveram que:

De maneira geral, a cada momento do discurso, o locutor dispõe, por designar um objeto dado, uma série de expressões linguísticas não encerradas utilizáveis em condições referenciais iguais. Não somente esse locutor tem direito de selecionar aquele que ele acredita ser o mais apto a permanecer na identificação do referente, mas pode, por recategorizações, pelo acréscimo ou pela subtração de expansões, etc, modular a expressão referencial em função das visões do momento (...)¹⁹

Para Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), é possível, para fazer uma retomada a um referente, se distanciar da designação primeira do termo que será recuperado pelo termo anafórico, expresso numa designação padrão com a intenção de cumprir determinados propósitos comunicativos. Os autores utilizam, ainda, mais dois exemplos²⁰ para mostrar como acontece a recategorização de elementos numa perspectiva mais neutra. Neles, o referente *cérebro* é recuperado por uma expressão anafórica que não exerce nenhum poder argumentativo positivo ou negativo em sua estrutura, apenas designa o órgão dentro de suas próprias características. É o que observamos nas recategorizações *massa gelatinosa* e *das curvas gelatinosas que transportamos em cima dos ombros* retomando o referente *cérebro*.

¹⁹Tradução livre para “ De manière générale, à chaque moment du discours, le locuteur dispose, pour designer un objet donné, d’une série non close d’expressions linguistiques utilisables à conditions référentielles égales. Non seulement ce locuteur est en droit de sélectionner celle qu’il estime la plus apte à permettre l’identification du référent, mais il peut, par des recatégorisations, par l’ajout ou le retranchement d’expansions, etc., moduler l’expression référentielle em fonction des visées du moment [...]”

²⁰Exemplos completos a partir de tradução livre:

10) [sobre o cérebro] Eu não acredito que os neurocientistas nos permitirão um dia de compreender como esta **massa gelatinosa** fábrica dos pensamentos. (Rádio, maio de 1992)

11) Evocar uma lembrança parece simples como bom dia, portanto, quando ele não vem na cabeça, ou quando nós temos frequentemente o sentimento de ter uma palavra “na ponta da língua”, nós medimos de repente a profundidade e os mistérios **das curvas gelatinosas que transportamos em cima dos ombros**. (Hebdo, 6.1. 1994, artigo sobre o cérebro)

Aceitamos, igualmente ao posicionamento de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), que, por mais que os termos exerçam uma função recategorizadora neutra, ela está à serviço da argumentação, pois problematiza uma questão funcional do órgão e por admitirmos que todo texto tem um caráter argumentativo.

Além disso, Apothéloz destacam que existe, ainda, um tipo de recategorização que vai antecipar características e informações a um referente que ainda não foi apresentado. Essa noção, em estudos posteriores, como o de Cavalcante (2011), será denominada de catáfora, contudo, o embasamento para essa definição vem de Bonhomme (1987) que resolveu chamar o processo de *metalepse*²¹ ou de *metonímia cronológica*. Nesse processo o referente poderá ter seu processo anafórico executado por uma retrospectiva ou por uma antecipação, como demonstram Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 244):

[...] esse pode muito bem ser a retrospectiva (por exemplo, quando Chateaubriand diz *essa lagarta* para lembrar um objeto-de-discurso introduzido sob a etiqueta lexical de *borboleta* (Bonhomme 1987b: 92)), ou ainda antecipando (quando Claudel escreve: *a vaca na grama alta/ Se enche de manteiga fresca*²² (ibid: 102)).

É percebido, além do mais, que a estratégia de designação poderá ser transformada pelos sujeitos em situações de comunicações diversas podendo atender a contextos em que se queira corrigir uma rasura, ou como precaução meta-discursiva, ou, ainda, num jogo de negociações que utilizam pistas, como nos exemplos abaixo retirado de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 244):

14a) Das condenações onde **o detido**, não **o detido, mas o condenado** é condenado a outra coisa (corpus Cl. Blanche-Beveniste, 1990, p. 26)²³

²¹Substituição de um termo por outro ao qual tem relação através de um processo de transformação do referente.

²²Tradução livre para “ celle-ci peut fort bien être rétrospective (par exemple quando Chateaubriand dit ce ver pour rapeller um objet-du-discours introduit sous l’étiquette lexicale de papillon (Bonhomme 1987b: 92)), ou encore anticipante (quand Claudel écrit: La vache dans l’herbage épais / Se remplit de beurre frais (ibid: 102))”

²³ Tradução livre para “ Des condamnations où le détenu pas le détenu mais le condamné est condamné à autre chose (corpus Cl. Blanche-Beveniste, 1990, p.26)”

14b) A noite estava quase caída quando a “carruagem”- a lentidão de sua progressão desmentia fortemente este nome – após ter subido quatro ou cinco encostas rapidamente, parou na frente da porta de uma casa empoeirada [...]²⁴.

14c) Jacque retorna à Varela, que ele contribuiu a “**libertar**” (ou “invadir”, é de acordo com) em 1945. (Canard enchainé, citado por Cheong 1988: 80)²⁵

Percebemos que em (14a), o referente o *detido* é recuperado correferencialmente pela expressão o *condenado*, funcionando como uma correção de um termo que não coube satisfatoriamente no contexto. Já nos exemplos (14b) e (14c), o que encontramos é um desvio da significação original das palavras que, aspeadas, serão reformuladas por trechos que suprem melhor a lacuna existente no processo discursivo. Isso acontece, porque, segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 244):

(...) Enquanto uma unidade lexical é sentida/vista como dado do referente, uma descrição insuficiente ou enganoso/decepcionante, a designação pode perder seu caráter instantâneo e dar lugar a um desenvolvimento sintagmático mais ou menos longo.²⁶ (...)

Para Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), existe uma busca por normas baseadas num consenso social que permitem os sujeitos optarem por atribuir uma ou outra designação num processo discursivo. Porém, tais normas não podem limitar as funções que as designações exercem nas diferentes circunstâncias referente à multiplicidade das variáveis existentes podendo estar relacionada à competência do locutor, ao tipo de designação ou às representações que os termos podem exercer num contexto conotativo, como se coloca no exemplo (15) utilizado pelos autores:

²⁴Tradução livre para “ La nuit était presque tombée lorsque le “fiacre” – la lenteur de sa progression démentait fortement ce nom – après avoir gravi quatre ou cinq côtes rapides, s’arrêta devant la porte d’une Maison poussiéreuse [...]”

²⁵Tradução livre para “ Jacques retourne à Varela, qu’il a contribué à “liberer” (ou “envahir”, c’est selon) em 1945. (Canard enchainé, cité par Cheong, 1988: 80)”

²⁶Tradução livre para “ lorsqu’un lexème est ressenti comme donnant du référent une description insuffisante ou insatisfaisante, la désignation peut perdre son caractère instantané et donner lieu à un développement syntagmatique plus ou moins long [...]”.

(15) Os ladrilhos de cerâmica – os tijolos, em conversa local – (...) eram incrustados na parte superior desses painéis (...) (La liberté, 30.11.94; *catelle* é um regionalismo da Suíça francófona)²⁷

Os autores revelam, no exemplo (15), o caráter plural das categorias que, numa visão empírica, seriam desconsiderados por serem incompatíveis, mas que culturalmente pode se estabelecer uma equivalência entre um e outro, descartando uma noção representacional da realidade, em que os elementos estão prontos e etiquetados, indisponíveis para sofrerem modificações no contexto, ou serem tomados um pelo outro.

2.1.3 Sobre a Evolução da Referência e Estratégias de Designação

Na terceira parte do estudo de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), a discussão será dedicada, apenas, aos casos de referência anafórica. Essa etapa de investigação consiste no ponto máximo da discussão dos autores que embasaram, e embasam, todos os estudos de Referência que tem como foco de investigação os termos anafóricos. Percebemos, ao logo dessa discussão, que os autores elegeram os processos anafóricos lexicais centrada numa perspectiva textual-discursiva, pois o objetivo era mostrar como ocorre essa transformação e essa retomada no plano textual, mas sem desconsiderar que existem fatores cognitivos envolvidos nesses processos, mesmo sem se aprofundar neles.

Constataremos, a seguir, como Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) classificam os processos referenciais (anáforas) em seus estudos. Serão três classificações exploradas por eles: a primeira, é quando o objeto de discurso sofre uma transformação no momento da sua designação anafórica sem retomar, nem se relacionar com qualquer transformação anterior a esse objeto; no segunda, o objeto de discurso transformado é retomado por um anafórico que não se relaciona com nenhuma alteração sofrida pelo objeto; na terceira, o objeto de

²⁷Tradução livre para “ Des **carreaux** de céramique – des **catelles** em parler local – (...) étarent sertis dans la partie supérieure de ces panneaux (...) (La Liberté , 30. 11. 94; *catelle* est un régionalisme de Suisse romande)”

discurso sofrerá diversas transformações ao longo do texto a partir de uma expressão anafórica antecedente²⁸.

2.1.3.1 Transformação operada ou marcada pela anáfora

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), os estudos envolvendo as anáforas são propensos a considerar apenas a retomada, apontando no texto para um referente já aparente, no entanto, o fenômeno anafórico vai além disso e poderá, não somente recuperar um referente, mas transformá-lo, remodelá-lo. Essa é a própria concepção de recategorização. Tais autores são os precursores a organizar um viés de estudo somente para esse fenômeno, apesar de limitado, onde encontramos a seguinte classificação proposta por eles:

- i) Recategorizações lexicais explícitas;
- ii) Recategorizações lexicais implícitas;
- iii) Modificações da extensão do objeto

2.1.3.1.1 Categorizações e recategorizações lexicais explícitas

Esse tipo de recategorização, segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), é aquela em que um referente é retomado dentro de um processo discursivo sendo acrescido de informações inéditas sobre esse antecedente. Eles afirmam, ainda, que é sempre possível que novas informações possam se relacionar a um referente sem necessariamente ter que apenas apontar para ele. Vejamos um exemplo (16) clássico de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 247) demonstrando esse tipo de recategorização:

(16) “[Artigo relatando o julgamento de um automobilista responsável por um acidente] Ele reconhece ter rodado bêbado (...) O tribunal de correção infligiu ontem uma pena fechada a **este recidivista**.”²⁹

²⁸Na terceira classificação, os objetos-do-discurso serão considerados com os “referentes evolutivos”, ao qual os estudos de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) se encarregaram de apresentar no início da discussão. Nessa classificação, as anáforas utilizadas para retomar não encerram as informações do referente inicial. É o fenômeno conhecido por recategorização, propriamente dito.

²⁹Tradução livre de Ciulla e Silva (2002) – [Article relatant le jugement d’un automobiliste responsable d’un accident]. Il reconnaît avoir roulé ivre, se souvient mal et en rigole (...) Le Tribunal correctionnel a infligé hier une peine ferme à ce récidiviste. (La Liberté, 10.2.1993).

Além disso, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) propõem para as recategorizações lexicais explícitas quatro funções discursivas. A ausência de outros tipos se dá pela limitação do estudo, mas podemos relacionar os seguintes subtipos, acompanhados de seus respectivos exemplos:

a) **Argumentação**: a recategorização assume um caráter argumentativo. A expressão é, na maioria das vezes, marcada por uma metáfora ou uma unidade lexical axiologicamente marcada, que é orientada por um caráter avaliativo do discurso percebido na recategorização do referente *franglês* pela expressão *essa nova anglicização da língua*, conforme apresentam Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 248) no trecho abaixo:

(17) O reflexo conservador surpreendeu o vizinho gaulês. A adoção pelo Parlamento francês da lei Toubon contra o “**franglês**” é um exemplo bastante ridículo. **Esta nova anglicização da língua (...)**³⁰

b) **Denominação reportada**: nesse caso, a recategorização é sinalizada ou sugerida a partir do ponto de vista de um sujeito sobre um objeto-do-discurso. Vejamos o exemplo de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 249) em que o referente *judeus*, que foram perseguidos pela rainha Isabel, na Espanha, são recategorizados através da expressão *estes infiéis*.

(18) [...] Se ninguém duvida da piedade da rainha Isabel, muitos estimam que os meios utilizados para impor sua fé não são muito católicos. É ela, com efeito, que assina a lei que bane 150.000 judeus da Espanha e que fez perseguir, espionar, esfolar e torturar **estes infiéis**.³¹

c) **Aspectualização**: o que ocorre nessa classificação é a modificação de uma categorização lexical como consequência de uma evolução do aspecto sem que

³⁰Tradução livre para “ Le réflexe conservateur a encore frappé em Gaule voisine. L’adoption jeudi soir par le Parlement français de la loi Toubon contre le “franglais” em est un exemple assez cocasse. **Cette nouvelle glaciation de la langue...**”

³¹Tradução livre para “ (...) si nul ne doute de la piété de la reine Isabelle, beaucoup estiment que les moyens mis en oeuvre pour imposer sa foi n’ont pas été très catholiques. C’est elle, em effet, qui signa l’édit de bannissement de 150000 juifs d’Espagne et fit persécuter, espionner, dépouiller, torturer **ces infidèles**.”

ocorra a retomada de um objeto provisoriamente considerado. Vejamos um dos exemplos de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 250) que ilustra essa classificação:

(19) Swissair alça voo. Sua filial Gate Gourmet, especializada na restauração aérea, comprou ontem seu concorrente escandinavo SAS Service Partner. Graças a **esta aquisição**, a sociedade da companhia suíça reforça sua posição na hierarquia mundial. Ela passa da quinta para a terceira colocação, atrás das empresas americanas Gateware e Dephs. Ela dobra o seu tamanho. O montante **da transação** é mantido em segredo. **A operação** foi conduzida rapidamente.³²

O que identificamos nesse exemplo (19) é uma nominalização, referente a um processo que é retomado no texto por duas recategorizações. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) asseguram que modificar o ponto de vista de um objeto, sendo ele um processo, resulta na mudança de parâmetros em relação ao objeto. Os autores observam, ainda, que no exemplo (19), o processo referente à expressão *esta aquisição* é transitivo e não simétrico. Já o da expressão *a transação* é vista como simétrica e a última *a operação* é não transitiva e não simétrica. Numa perspectiva lexical, há uma progressão no texto em que o substantivo evolui para um hiperônimo. Eles também destacam que essas recategorizações são utilizadas no propósito de evitar repetições no texto.

d) **Sobremarcação da estrutura discursiva** – a recategorização tem o propósito de organizar o texto em sua estrutura podendo reforçar a mudança de parágrafo, bem como fazer a sobremarcação de dois segmentos de texto com o intuito de aumentar a visibilidade para a expressão referencial. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 251) mostram como isso acontece na prática:

(20) Os franceses e a maior parte dos francófonos têm uma relação muito forte com **sua língua**. Mais que um sistema de comunicação, **ela** é para eles um patrimônio, como todas as grandes línguas da civilização. Eles se preocupam com ela e imaginam às

³² Tradução livre para “ Swissair se sent dès ailes. As filiale Gate Gourmet, spécialisée dans la restauration aérienne, a acheté hier son concurrent scandinave SAS Service Partner. Grâce à cette acquisition, la société de la compagnie Suisse renforce sa position dans la hiérarchic mondiale. Elle passe de la cinquième à la troisième place, derrière les entreprises américaines Gateware et Depb’s. Elle doublé as taille. Le montant de la transaction est tenu secret.L’ operation a été rondement menée.

vezes o pior: **o francês** seria uma língua ameaçada, a anglicização permanente que **ela** sofre advém de seu empobrecimento lexical e de sua falta de criatividade. (...) Não é bem isso! **O francês** é uma língua viva que evolui e se enriquece³³ (...)

Os autores revelam, no exemplo (20), que o objeto de discurso é recategorizado, ao longo do texto, de forma alternativa, como *a língua* (francês) e como *francês*. Eles destacam que a substituição dos referentes introduzidos por expressões recategorizadoras possam, também, evitar uma repetição e colocar em evidência uma expressão em detrimento de outra.

2.1.3.1.2 Recategorizações lexicais implícitas

Esse tipo de recategorização se diferencia da anterior, porque as mudanças relacionadas aos objetos-do-discurso só poderão acontecer exclusivamente por meio de pronomes. Devido à marcação de gênero expressa pelos pronomes, é permitido que, num contexto, seja possível, alusivamente, indicar a uma denominação. Esse tipo de estratégia é gramaticalmente aceita como silepse de gênero.

As recategorizações lexicais implícitas se distinguem do primeiro grupo, porque não retomam, por meio de um pronome anafórico, um elemento anteriormente apresentado no texto explicitamente. O que acontece, nesse caso, é uma remissão a esse antecedente através de um processo inferencial desencadeado por pistas verbais.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) apresentam também para as recategorizações implícitas funções específicas desse recurso textual.

a) **Redução de uma ambiguidade referencial** – essa classificação decorre de uma concorrência referencial pronominal marcada em um contexto em que dois objetos-de-discurso foram marcados pelo mesmo gênero gramatical. Essa problemática poderá ser desfeita ao ocorrer a modificação do gênero gramatical

³³Tradução livre para “ Lês Français et la plupart dês francophones ont une relation très forte à leur langue. Plus qu’ un système de communication, elle est pour eux un patrimoine, comme toutes lês grandes langues de civilisation. Ils s’alarment pour elle et imaginebt parfois lê pire: lê français serait une langue menacée, l’anglicisation permanente qu’elle subit viendrait de son appauvrissement lexical et de son manque de créativité. Eh bien non! le français est une langue vivante qui évolue et s’ enrichit.

do pronome e a inserção de uma outra denominação no contexto discursivo aproveitando a implicitude do objeto. A respeito, Apothéloz e Reichler-Bèguelin (1995, p. 254) apresentam o seguinte exemplo (21):

(21) É uma história que ele (o escritor Philip Dick) contará mais tarde para os filhos de uma de suas esposas, Anne. Durante um jantar, a carne de costela desapareceu. Acusou-se o gato, e teve-se a ideia de pesar a fera. **Ela** pesou justamente cinco libras, o peso da carne que havia desaparecido. É **ele**, então, o culpado. Mas, disse alguém, onde está o gato?³⁴

A redução da ambiguidade, nesse exemplo, ocorre, pois o termo *o gato* é recategorizado de forma implícita como *a fera* e retomado através do pronome anafórico *ela*. Esse objeto é, então, recategorizado como *gato* e retomado pela forma *ele*, desfazendo qualquer possibilidade de ambiguidade no discurso. Uma outra forma, mencionada pelos autores, seria renunciar à pronominalização. A continuidade de uma progressão textual centrada na manutenção do pronome anafórico feminino conduziria o leitor a um erro infeliz ou cômico.

b) **Motivação do gênero gramatical** – o que acontece nessa função das recategorizações lexicais implícitas é que a modificação do gênero gramatical está sendo utilizado para evitar uma possível ambiguidade. Isso decorre do gênero gramatical não corresponder ao gênero natural. Nesse processo, a recategorização ocorre implicitamente fazendo referência a um objeto anterior evitando-se a utilização do gênero gramatical para evitar um estranhamento com o gênero natural. Com isso, é estabelecida uma relação metonímica com o referente. Apothéloz e Reichler-Bèguelin (1995, p. 254) apresentam um exemplo (22) desse tipo:

(22) (Depois de uma informação sobre a hospitalização de Madre Teresa) **O prêmio Nobel da paz** deverá voltar para a casa **dela** este fim de semana.³⁵

³⁴Tradução livre para “ C’est une histoire qu’il [l’écrivain Philip K. Dick] racontera plus tard aux filles d’une de ses épouses, Anne. Lors d’un dîner, l’entrêcote, a disparu. On accuse le chat, et on a l’idée de peser la bête. Elle fai juste cinq livres, le poids de la viande qui a disparu. C’est donc lui le coupable. Mais, dit alors quelqu’un, où est le chat? (Le Monde, 1. 10. 1993)”

³⁵Tradução livre para “ (Après une information faisant éant d’ une hospitalisation de Mère Thérésa) Le prix Nobel de la paix devrait rentrer chez elle dès ce week-end.”

No exemplo (22), a recategorização lexical implícita é marcada pelo pronome *ela* fazendo referência ao objeto *O prêmio Nobel da paz*. A motivação do gênero gramatical se dá, porque não é utilizada marca de gênero gramatical, pois não corresponde ao gênero natural do referente implícito, tendo em vista a relação metonímica entre *Madre Teresa* e *O prêmio Nobel da paz*, marcando essa função. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) afirmam que, o que faz com que esse tipo de função seja explorada, é a opção que o sujeito tem de dar ao gênero gramatical uma interpretação semântica e não apenas sintática.

c) **Indicações de uma conotação particular** – nesse caso, o gênero do pronome é modificado para atender a uma referência de conotação implícita. O que acontece, nesse caso, é que o referente é retomado por um pronome que não corresponde ao gênero da expressão antecedente, conforme Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 255) apresentam:

(23) O guarda traz a refeição.
 Primeiro preso: – Que é isso?
 Guarda: – Um consomê à moda do chefe...
 Os homens começam a comer...
 Segundo preso: – **Ela** não é "comível"³⁶.

Nesse exemplo (23), o anafórico *ela* está remetendo ao substantivo *sopa*, que foi categorizado, inicialmente, pelo guarda, como *um consomê à moda do chef* (nome masculino). A recategorização implícita de *consomê à moda do chef* como *sopa* fica evidente, para os autores, se considerar que consomê trata-se de um prato mais refinado, enquanto *sopa* seria um nome mais pejorativo para aquela comida, naquela circunstância.

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) destacam que essa estratégia é muito interessante para desenvolver alusões a objetos por meio do gênero gramatical.

³⁶Tradução livre para
 “ (11) O guarda traz a refeição.
 Primeiro preso: – Que é isso?
 Guarda: – Um consomê à moda do chefe...
 Os homens começam a comer...
 Segundo preso: – **Ela** não é "comível".

2.1.3.1.3 Modificações da extensão do objeto

Essa terceira classificação mostra que as transformações sofridas pelo anafórico não irão configurar, necessariamente, uma recategorização lexical deixando parcialmente intacta a categorização lexical. Elas poderão se dar em diversas formas. Vejamos, então, como Apothéloz e Reichler-Béguelin dividiram essas categorias.

a) **Abandono de determinações** – trata-se de modificações discretas em que uma designação mais abrangente recebe maior destaque do que o referente introduzido na forma de um sintagma nominal havendo a exclusão de certas determinações deste último. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 256) apresentam o seguinte exemplo:

(24) Neste quadro, as conversas realizadas durante a enquete assumem uma importância particular e descabida em relação a **seu** papel habitual.³⁷

No exemplo (24), o pronome marcado *seu* retoma a expressão *as conversas*, que se configura como uma forma mais ampla, em detrimento da expressão *as conversas durante a enquete*, que fica suprimida nesse contexto. Os autores consideram, portanto, esse tipo de expressão referencial um gênero pouco particular das anáforas associativas.

b) **Passagem a um nível metalinguístico** – é outra mudança semelhante ao que ocorre numa anáfora associativa: trata-se de modificação repentina de denominação “em uso” para uma denominação “mencionada”. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 257) exploram o seguinte trecho:

(25) ... um artigo... de setembro último e consagrado inteiramente ao CORAÇÃO, a **sua** etimologia e as **suas** significações.³⁸

³⁷Dans ce cadre, les entretiens effectués durant l' enquête prennent une importance particulière et déplacée par rapport à leur rôle habituel.

³⁸...un article... de septembre dernier et consacré tout entier au CCEUR, à son étymologie et à ses significations

O que os autores revelam é que a transformação do objeto não se dá propriamente pelo pronome. O que ocorre, nesse fenômeno, de maneira implícita é que um primeiro objeto é apresentado e, logo em seguida, um segundo sem indicação explícita de um movimento. Com o decodificador fica o cuidado de fazer a conexão. No exemplo (25), o pronome *sua* aponta para o referente introduzido inicialmente *coração* não sendo visto mais como órgão, mas sim como forma linguística.

A ocorrência desse fenômeno, segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), pode ser vista de duas perspectivas teóricas: a primeira, consiste em colocar o termo anafórico no lugar de um objeto-de-discurso diferente daquele apresentado inicialmente na memória discursiva, pois a troca de um objeto por outro não pode ser feito por dedução, ao ponto de causar desentendimento entre o codificador e o decodificador; a segunda, consiste em utilizar as representações e dar lugar a fenômenos a partir de uma visão cognitiva autorizando uma aproximação em relação à designação oportunizando os sujeitos a operarem aproximações de referência com o propósito de escolher as expressões que estabilizarem melhor seus referentes.

c) **Metonimização** – consiste em pronomes anafóricos que operam um deslize metonímico. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 258) revelam como isso acontece com o exemplo abaixo:

(26) Pierre Grosz [um compositor] explica suas relações com aqueles que **o** cantam.³⁹

Os autores destacam que no exemplo (26), é que existe uma relação metonímica entre as músicas de Pierre Grosz e o próprio cantor. Isso é visto através do pronome anafórico *o* fazendo referência a Pierre Grosz, quando na verdade a referência seria às *composições* do cantor.

d) **Fragmentação do objeto do discurso** – nessa categoria, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) consideram importante distinguir entre movimentos que operam exclusivamente sobre a extensão ou estado lógico (exclusão da

³⁹Pierre Grosz [= um auteur de textes de chansons] explique ses relations avec ceux qui le chantent.

categorização) daqueles que estabelecem um movimento contrário, como aqueles que operam exclusivamente na categorização lexical (exclusão da extensão ou do estado lógico). Eles asseveram que a distinção da extensão e da categorização não se dá de maneira simples. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 258-259) colocam o exemplo abaixo para discutir sobre essa categoria:

(27) Eu lhe propus, um dia, sair desse convento, dizendo-lhe que ela podia contar com a proteção da Rainha da Suécia, e que Sua Majestade me havia feito esperar que a receberia em seu palácio. Ela gostou **desta proposta**, e tendo aceito **essa proposta**, eu fui, naquele momento, dar ordem para a execução **dessa ideia**.⁴⁰

O que ocorre nesse caso (27) é que as informações que dão suporte às anáforas consistem em processos. Os processos, vistos como objetos de discurso, possuem uma característica particular de relação que envolvem outros objetos, como: o próprio processo, suas modificações, as fases de desenvolvimento, o cenário no qual está inserido, entre outros. Os autores chamam isso de misturas cognitivas.

No exemplo (27), segundo os autores, cada uma das três anáforas identificadas se referem a um objeto, que pode sofrer uma potencial fragmentação: no primeiro caso (*esta proposta*) é a identificação do processo reformulado explicitamente; no segundo (*essa proposta*), a decisão do destinatário acontecerá caso ele concorde com sugestão; na terceira, (*essa ideia*) o projeto consecutivo de seguir o conselho dado.

Os referidos autores expõem que pode existir outra possibilidade de fragmentação, mesmo quando o objeto não designar um processo. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 260) colocam o seguinte exemplo para tratar dessa outra perspectiva:

(28) No metrô parisiense, após alguns meses, um anúncio publicitário. A gente vê aqui um casal abraçado, boca a boca. **Ele a** segura nos seus braços...⁴¹

⁴⁰[...] je lui proposai un jour de sortir de ce couvent, lui disant qu' elle pouvait compter sur la protection de la Reine de Suède, et As Majesté m' avait fait espérer qu' elle la recevrait dnas son palais. Elle goûta cette proposition, et ayant accepté ce parti, je fus, dés le moment, donner ordre pour l' execution de ce dessein.

⁴¹Dans lê métro parisien depuis quelquer mois, une assiche publicitaire. On y voit um couple enlace, bouche à bouche. Il la tient dans ses brás...

Nesse exemplo (28), o referente introdutório é *casal*, descrito como coletivo. Esse referente sofre uma fragmentação a partir do pronome anafórico *a*, dividindo o objeto inicial (*casal*), entendido como uma categoria semântica onde se concentram dois elementos, em dois objetos de discurso.

e) **Fusão de objetos de discurso** – ao contrário do que acontece na categoria anterior, nessa, consegue-se reunir, em uma só expressão referencial, sob uma só denominação, dois objetos de discurso. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 261) trazem o seguinte exemplo:

(29) Uma noite ele [**o sobrinho**] conhece em Genebra **uma cabeleireira** que se tornara prostituta. O sobrinho a persuade a parar com suas atividades lucrativas. **O casal** se casou, mas....⁴²

Nesse exemplo (29), a fusão acontece de maneira clara. Os referentes *o sobrinho* e *uma cabeleireira* se fundem transformando-se na expressão *o casal*.

2.1.3.2 Sobre o anafórico não levando em conta os atributos do predicado do objeto

Ocorre, nessa situação, uma recategorização por predicação de um objeto de discurso em que o anafórico anterior não se dá conta dessa recategorização.

(30) **A ostra**, da grossura de um seixo médio é de uma aparência rugosa, de uma cor não sólida, brilhantemente esbranquiçada. É **um mundo obstinadamente fechado**. Portanto, para ser aberta: é preciso **a** segurar no buraco de um pano de prato, pegar uma faca e lascá-la e fazer isso diversas vezes.⁴³

Nesse exemplo (30), o objeto *a ostra* (forma nominal feminina) é recategorizada como um mundo obstinadamente fechado (forma nominal masculina). Na sequência, dois pronomes anafóricos designam novamente esse

⁴²Une nuit il [le neveu] fait la connaissance à Genève d' une coiffeuse devenue prostituée. Le neveu la persuade d' arrêter ses activités de supré et lucre. Lê couple...

⁴³Tradução livre para “ L’huître, de la grosseur d’un galet moyen, est d’une apparence plus rugueuse, d’une couleur moins unie, brillamment blanchâtre. C’est un monde opiniâtement clos. Pourtant on peut l’ouvrir: il faut alors la tenir au creux d’un torchon, se servir d’un couteau ébréché et peu franc, s’y reprendre à plusieurs fors”

objeto. Morfologicamente, a exclusão da vogal neutraliza a oposição masculino/feminino. Em seguida, o anafórico *a* não retoma a recategorização operada sobre o referente a ostra. Isso se deve por conta de uma adaptação ao pequeno contexto em que se inserem, pois a anáfora designa o referente discursivo tanto como atuante do objeto de um processo, quanto de um caráter eminentemente concreto.

2.1.3.3 Sobre a homologação dos atributos explicitamente predicados

Para Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), a homologação dos discursos adquiridos se configura como uma das funções discursivas essenciais para operar um processo de recategorização. Essa visão é a que os estudos recentes consideram como o próprio fenômeno recategorizador, pois a unidade lexical escolhida, através da imagem que se dá ao objeto, confirmam as informações que foram elencadas ao longo do texto para aquele objeto introduzido. O exemplo clássico de Reichler-Béguelin (1995, p. 262) ilustra bem essa categoria:

(31) Um rapaz suspeito de ter desviado uma linha telefônica foi interrogado há alguns dias atrás pela polícia de Paris. Ele havia ‘utilizado’ a linha de seus vizinhos para fazer ligações para os Estados Unidos em um montante de aproximadamente 50000 francos.

O tagarela...⁴⁴

Esse exemplo (31) confirma o que os autores revelam sobre a homologação das características atribuídas aos referentes. Ocorre que a expressão *o tagarela* desempenha uma dupla função no discurso: funciona tanto como um referente novo, quanto recategoriza um referente (*um rapaz suspeito*) que foi introduzido pela primeira vez no contexto. Para os autores, essa operação discursiva confirma os atributos recentemente predicados do objeto através de uma expressão referencial, facilitando a recepção do texto. Dessa forma, para Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), esse tipo de operação sugere uma coparticipação por parte do locutor.

⁴⁴Un jeune homme soupçonné d’avoir détourné une ligne téléphonique a été interpellé il y a quelques jours par la police à Paris. Il avait “utilisé” la ligne de ses voisins à destination des Etats-Unis pour un montant d’ environ 50000F. Le bavard...

Por fim, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) concluem que o estudo que trata das transformações sofridas pelos referentes no discurso pode ser visto sob duas óticas. A primeira, consiste na necessidade de se observar os diversos recursos que os sujeitos mobilizam para elaborar e evoluir os referentes em seus discursos com base em aspectos linguísticos, cognitivos, pragmáticos originados inevitavelmente pelas operações de designação no processo discurso. É o que se convém chamar de evolução da referência.

A segunda ótica se aproxima do que se compreende sobre os referentes ditos evolutivos. Nesse caso, para Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), os objetos de discurso funcionam como objetos de investigação a partir das expressões referenciais que sofrem transformações e alterações pelos referentes dessas expressões.

Além disso, Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) destacam que os exemplos analisados na parte 2 e 3 revelam que as operações de identificação e categorização dos referentes dependem tanto do ponto de vista do enunciador, quanto do contexto de interação e da situação extralinguística, vistos como uma operação estreitamente cognitiva do estado da realidade. Mostram, principalmente, que a gestão da referência e da categorização lexical podem estar a serviço de um propósito que não seja o da simples retomada de um referente. Para Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p. 265):

Essas operações não consistem minimamente em registrar as propriedades do real: referência e categorização são, ao contrário, poli-operações no meio dos quais o locutor, não somente confirma os conhecimentos do discurso, como atualiza diversas estratégias que vem constantemente sobre determinar, o ato referencial.⁴⁵

Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) desenvolveram esse estudo pioneiro sobre a recategorização para mostrar, inicialmente, que o estudo da referência é um problema decorrente de operações efetuadas pelos sujeitos e de como e quando ela se desenvolve no discurso. Além disso, eles conduziram uma breve exploração dos meios linguísticos e das estratégias utilizadas pelos sujeitos como meios para evolução dos objetos de discurso no discurso, além de analisar a

⁴⁵Tradução livre para “ Il apparaît ainsi clairement que ces opérations ne consistent nullement à enregistrer les propriétés du réel: référence et catégorisation sont, au contraire, des poly-opérations au moyen desquelles le locuteur, non seulement entérine les acquis du discours, mais actualise diverses stratégies qui viennent sans cesse surdéterminer l’acte référentiel”

transformação semiótica que esses objetos sofrem. Por isso, esses objetos são chamados de representações.

Uma primeira conclusão a que eles chegaram foi de que o discurso é construído a partir de referentes que sofrem transformações baseadas em experiências de mundo ou que são alterados predicativamente. Nesse sentido, não se pode limitar a representação dos objetos a uma recategorização lexical. Essa visão faz parte da noção não extensional adotada pelos autores para considerar a plasticidade como característica dos referentes. O enunciador, nesse caso, é livre para explorar recursos intra ou extralinguísticos, bem como atribuir transformações ou mudanças de estado aos seus referentes.

É nesse sentido que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) consideram os objetos de discurso como construções culturais inseridos em práticas discursivas que se entrecruzam e permitem uma visão ampla de sentidos.

Esse ponto de vista adotado por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) foi atribuído no sentido de reverter a primeira visão sobre os referentes evolutivos, proposta Charolles & Schnedecker (1993) e Charolles & François (no prelo). Aqueles autores contestam, então, a visão desses, pois não concordam com a restrição em considerar uma noção extensional da realidade, em que as representações dos objetos se dão de forma etiquetas, configurando-se como uma “gramática do real” ou que os objetos sejam rotulados lexicalmente como uma operação regida verossimilmente.

Por fim, para Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) fica a dúvida em relação à estabilidade referencial nos discursos. Eles defendem que num processo de categorização ou recategorização, os objetos se beneficiam de um status cognitivo especial. O objeto poderá aparecer de forma estável, mas eles asseguram que ele sofre uma evolução no decorrer do discurso, ficando ao encargo do decodificador interpretar as transformações sofridas, ou não, pelos referentes.

Na sequência, Cavalcante (2000) traz, em sua tese, reflexões importantes que sinalizam uma característica sobre a recategorização que ainda não havia sido aprofundada, mas já era questionada e impulsionou estudos subsequentes.

2.2 EXPRESSÕES INDICIAIS EM CONTEXTOS DE USO: POR UMA CARACTERIZAÇÃO DOS DÊITICOS DISCURSIVOS – CAVALCANTE (2000)

Logo após o trabalho pioneiro de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e a discussão sobre os anafóricos, proposto no artigo de Marcuschi e Koch (1998), Cavalcante (2000) apresenta um estudo voltado para a discussão do fenômeno da dêixis. Nele, há uma proposta de descrever algumas marcas que podem ocorrer entre a anáfora e a dêixis-discursiva. Cavalcante (2000) trabalhou, então, com expressões fóricas compostas de elementos indiciais que, ao serem tomados dentro da perspectiva da referenciação, geralmente são conhecidas por anafóricas, mas por serem constituídas de formas dêíticas, Cavalcante (2000, p. 13) diz que “(...) podem ser reapreciadas dentro de um esquema geral da dêixis e de suas propriedades subjetivas.”

Percebemos, através da descrição da proposta de investigação de Cavalcante (2000), que o fenômeno da recategorização não é exatamente pontuado como foco de investigação, mas ao tratar do processamento anafórico através de uma correferencialidade anafórica, a autora retoma uma problemática em torno da referência que nos leva a refletir sobre a existência de uma recategorização que extrapola os limites da sentença e que deverá ser construída baseada em elementos extralinguísticos, como a experiência e a troca dela pelos interlocutores. A existência dessa característica não é nova. Tanto Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) quanto Marcuschi e Koch (1998) já apontavam para uma perspectiva cognitiva em torno do fenômeno. Cavalcante (2000, p. 73) afirma, nesse sentido, que é

[...] insuficiente e insatisfatório aceitar a referência como uma relação direta "entre as unidades do léxico e as coisas do mundo". Para manter a noção de correferencialidade, não só nesta como em diversas situações, é necessária alterar a própria concepção de referência. Do contrário, inúmeros enunciados não se ajustariam às definições postuladas, e teriam que merecer consideração à parte.

Cavalcante (2000) concorda, então, com a visão de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e de Mondada e Dubois (1995) sobre uma noção construtivista e representacional da referência, assumindo que os referentes não são mera representações da realidade, vistos como um espelhamento, mas “constructos

culturais”, por isso foram conceituados por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) como “objetos do discurso”. Nesse sentido, Cavalcante (2000, p. 74) deixa claro que:

Compete ao linguista considerar não as transformações sofridas pelos objetos do mundo extralinguístico, mas as metamorfoses que afetam a representação discursiva das entidades em cada ponto do enunciado, a partir do conhecimento compartilhado de falantes e ouvintes.

Em consonância com o que dizem Mondada e Dubois (1995), Cavalcante (2000) concorda que as categorias, sejam elas discursivas ou cognitivas, possuem uma instabilidade como propriedade inerente à sua constituição. Mesmo aquilo que pode ser estável em relação à referência, para Mondada e Dubois (1995) poderá se tornar instável dependendo do contexto e do ponto de vista.

Cavalcante (2000) defende, ainda, que a variação sobre a referência se dá a partir de planos ou focos diferentes, levando à uma “concorrência categorial” que poderá ser tanto linguística, quanto cognitiva. Nessa perspectiva, a variabilidade do léxico ocorre através de uma negociação provisória entre os interlocutores sobre o que está sendo dito. Segundo a autora, torna-se intersubjetivo a forma de designação, pois dependerão sempre das estratégias que os sujeitos se utilizam para persuadir no processo enunciativo.

Diante da infinidade de possibilidades linguísticas que o falante possui no processo comunicativo com condições referencias básicas aproximadas, Cavalcante (2000, p.74) afirma que

Em torno desse ponto de domínio comum, abre-se um raio de características flexíveis que vão sendo acrescidas, suprimidas e transformadas pelos emissores e receptores. Num complexo processo de categorização e recategorização cognitiva, as expressões referenciais vão sendo moduladas em função dos propósitos comunicativos.

Esse é o ponto de discussão que é relevante para nosso estudo, pois, por mais que Cavalcante (2000) não tenha selecionado o fenômeno da recategorização, ela assume, dentro da discussão sobre referência, que existe um componente cognitivo num processo anafórico que reelabora, reconstrói um referente anteriormente alocado. Essa contribuição deixou margem para que um

posterior estudo se apropriasse e detalhasse melhor esse caráter cognitivo presente no fenômeno em observação. Marcuschi e Koch (2002) também consideraram a existência dessa perspectiva. Vejamos o que esses autores trazem de embasamento para o aprofundamento que Lima (2003) dará a respeito da recategorização.

2.3 ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO E PROGRESSÃO REFERENCIAL NA LÍNGUA FALADA – MARCUSCHI E KOCH (2002)

Nesse artigo, Marcuschi e Koch (2002) selecionam dois grupos de estratégias de progressão textual na língua falada e avaliam algumas características inerentes à esses processos. O primeiro grupo trata-se da referenciação a partir de expressões nominais definidas; já o segundo, trata-se da referenciação anafórica sem a marcação de antecedente explícito. Essas estratégias, para os autores, são fundamentais no processo de textualização, pois tratam da sucessão dos referentes – elementos importantes quando se trata de coesão e coerência.

Marcuschi e Koch (2002) destacam que há uma diferença em relação a essas estratégias, pois na fala e na escrita os dois grupos se manifestam de maneira bem particular. Enquanto que, na fala, a referenciação anafórica sem antecedente explícito é mais comum – destaca-se o fenômeno da repetição; na escrita, num plano textual-discursivo, a variedade de expressões nominais são mais facilmente percebidas.

Para Marcuschi e Koch (2002), essas estratégias são particularizadas e encaixadas nos seguintes grupos: *estratégia da descrição definida (uso de expressões nominais definidas)*, *estratégia da nominalização (uso de formas nominalizadas)*, *estratégia da associação (uso de anáforas nominais associativas)* e *estratégia pronominal (uso de pronomes)*. Tais grupos são explicitados através de exemplos que poderão, ou não, se subdividirem, como é o caso da estratégia das anáforas associativas.

O interesse, contudo, nesse artigo de Marcuschi e Koch (2002) não é detalhar todas essas estratégias, por isso, não fizemos a descrição de cada uma das categorias elencadas anteriormente, o foco nesse trabalho é extrair a contribuição sobre o fenômeno da recategorização manifestada por eles, por também se tratar de um processo anafórico de construção de sentido. Por isso, a segunda do trabalho será o ponto de destaque.

Na parte 2, os autores se posicionam a respeito da referência e referenciação. Para Marcuschi e Koch (2002), há uma concordância em relação à posição assumida por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e Mondada e Dubois (1995), pois eles também admitem que a questão da referência não se dá a partir de uma visão extensional, nem a língua como um sistema de etiquetas prontas. É nesse sentido que os referentes são tidos como objetos-do-discurso e não como objetos-do-mundo. Koch e Marcuschi (2002, p. 385) defendem, então, que:

O cérebro é um aparato que reelabora os dados sensoriais para fins de apreensão e compreensão. Nossa tese é a de que essa reelaboração se dá essencialmente no discurso. Não postulamos uma reelaboração subjetiva, individual, em que cada qual pode fazer o que quiser. A reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua. A isto chamamos de referenciação [...]

Essa tomada de posição deixa claro que Marcuschi e Koch (2002) corroboram com Apothéloz e Reichler-Béguelin(1998) em relação a três pontos: a referência se constrói nas operações efetuadas pelos sujeitos no desenvolvimento discursivo; o discurso constrói e efetiva aquilo a qual remete; e que quaisquer mudanças que um referente venha a sofrer, seja ela física, mundana, predicativa, não acarretará, necessariamente, numa recategorização.

Marcuschi e Koch (2002) consideram que esse último ponto confirma a língua como um sistema dinâmico, que não se encerra no próprio código e nem pode ser considerada como um sistema limitado, que esteja a serviço apenas da ideação ou da informação. Nesse pensamento, eles afirmam que a textualização e a discursivização do mundo pela linguagem ocorrem como uma construção, estruturação e fundação do próprio real, por isso é necessário distinguir os processos de referir, remeter e retomar.

Essa distinção entre os processos de referir, remeter e retomar são parte da análise dos autores em relação à recategorização e são a base para a transformação das noções referência para referenciação.

É na quarta parte do artigo de Marcuschi e Koch (2002) que eles contemplam efetivamente uma discussão mais direta sobre o fenômeno da recategorização através de exemplos próprios e expõem, logo no início, um tipo do fenômeno que havia sido apresentado anteriormente por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), a

recategorização lexical, mostrando que ela poderá se dá de diversas formas.

O primeiro tipo de recategorização lexical que Marcuschi e Koch (1998) chamam a atenção é a *rotulação*. Esse é o tipo primeiro do fenômeno, pois é aquele em que um objeto é introduzido e em seguida retomado por uma expressão predicativa atributiva, sendo um processamento anafórico que comporta uma dupla funcionalidade: recuperar o referente inicialmente apresentado e trazer uma nova informação em relação a ele. Marcuschi e Koch (2002, p. 389) ilustram a rotulação com o seguinte exemplo (32):

(32) [...] Um desconhecido. Sobre a montanha de cadáveres com a qual o regime chinês reafirmou a sua tirania na semana passada, ao reprimir com punho impiedoso os estudantes reunidos em nome da democracia na Praça da Paz Celestial, **esse cidadão anônimo** fixou uma imagem poderosa. Durante seis minutos, na manhã da última segunda-feira, **o homem da camisa branca** brincou de dançar com a morte. [...]

Esse tipo de recategorização é a conceituação mais clássica desse fenômeno. O que os autores chamam a atenção nesse exemplo (32) é que essa ocorrência se dá mais claramente na escrita do que na fala, uma vez que na fala a ocorrência das repetições é bem maior ou o uso de recategorizações mais sutis, sem adjetivações.

A recategorização, segundo Marcuschi e Koch (2002, p. 390), também poderá exercer um outro papel, o *argumentativo*. Nesse processo, o referente, ao ser remodulado, recebe uma determinada orientação, conforme exemplos trazidos pelos autores.

(33) Inf: então no primeiro dia ele recebe... mil e duzentos... no primeiro dia ele tem então mil e duzentos no bolso...ao fim do primeiro dia ... ele gastou quarenta cruzeiros... certo? cafezinho transportes alimentos... (...) mil cento e vite no bolso... e assim por diante... dentro dessa hipótese que ele gaste dessa forma homogênea... [...]

(34) Inf: então no primeiro dia ele recebe... mil e duzentos... no primeiro dia ele tem então mil e duzentos no bolso...ao fim do primeiro dia ... ele gastou quarenta cruzeiros... certo? cafezinho transportes alimentos... (...) ... mil cento e vite no bolso... e assim por diante... dentro desse absurdo que ele gaste dessa forma homogênea... [...]

Marcuschi e Koch (2002), portanto, sinalizam que os exemplos (33) e (34) receberam orientações argumentativas diferenciadas ao considerar um contexto como uma hipótese e o outro como absurdo, explorados pela mesma estrutura cotextual.

Sequencialmente, Marcuschi e Koch (2002) afirmam que existe um grupo de estratégias com papel metalinguístico ou metadiscursivo que não funcionam como mera nominalização e que desempenham papel de recategorização (cf. Francis, 1994). Elas se ocorrem por meio de nomes ilocucionários (ordem, promessa, conselho, etc.), nomes de atividades linguageiras (descrição, explicação, relato, esclarecimento, etc.), nomes de processos mentais (análise, suposição, atitude, crença, etc.), nomes metalinguísticos em sentido próprio (frase, pergunta, questão).

Na quinta parte do artigo, Marcuschi e Koch (2002) esclarecem qual o conceito de anáfora que eles adotam e que é importante para uma noção de racategorização que não se encontra delimitada lexicalmente. Para eles, " a anáfora é uma estratégia de textualização que não supõe continuidade linear de referentes (idênticos)". A partir dessa afirmação, eles resolvem, então, definir o fenômeno da recategorização e assumir um posicionamento em relação ao que eles consideram como característica do fenômeno. É nesse momento, na sexta parte do trabalho, que eles defendem que existe um caráter cognitivo a ser observado na recategorização, contemplando o que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) já sinalizavam.

Para Marcuschi e Koch (2002, p. 392), a recategorização encontra-se:

[...] fundada num tipo de remissão a um aspecto co(n)textual antecedente que pode ser tanto um item lexical como uma ideia ou um contexto que opera como espaço informacional (mental) para a inferenciação. Essa remissão pode ou não se caracterizar como uma retomada (parcial, total ou similar), que se realiza por processos fundados numa relação em geral estereotípica [...]

A partir dessa afirmação, Marcuschi e Koch (2002) defendem que a característica mais relevante no fenômeno da recategorização é a não-cosignificatividade. Baseado nessa característica, os autores (2002, p. 393) consideram que "a recategorização de referentes envolve seleções de natureza semântica ou cognitiva e se baseia em inferenciações fundadas em índices lexicais contextualizados." Os autores esclarecem, então, que os índices são os referentes introduzidos inicialmente e que são recuperados através da recategorização trazendo uma progressão para o texto.

Por defenderem que a recategorização não se concentra num processo de correferencialidade, Marcuschi e Koch (2002) afirmam que é nessa premissa que os objetos são construídos na atividade discursiva, mesmo quando se apresentam

ancorados numa realidade extra-textual, pois, segundo Marcuschi e Koch (2002, p. 393), “ a linguagem não cria o mundo, mas o constitui de uma dada maneira e num arranjo específico.”

A partir desse artigo, fica claro que Marcuschi e Koch (2002) concordam Apothéoz e Reichler-Béguelin ao assumirem que o fenômeno da recategorização possui não só um caráter lexical, mas também cognitivo. Essa discussão foi importante para o desenvolvimento de pesquisas, no Brasil, que elegeram a recategorização como objeto e que contribuíram de forma significativa para a evolução desse fenômeno.

Veremos, a seguir, a partir da dissertação de Lima (2003), a contribuição que a autora traz para a evolução do fenômeno da recategorização.

2.4 (RE)CATEGORIZAÇÃO METAFÓRICA E HUMOR: TRABALHANDO A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS – LIMA (2003)

Os estudos desenvolvidos por Lima (2003) têm uma relevância fundamental quando falamos em recategorização. Apesar do estudo não tratar exclusivamente desse fenômeno e ter uma proposta baseada numa interface com a Linguística Cognitiva, Lima (2003) explorou em suas análises uma característica importante da recategorização: o caráter cognitivo, como descrevemos a seguir.

A proposta de Lima (2003) está centrada numa investigação que envolveu o humor a partir de um corpus de piadas. Ela esclarece, inclusive, que esse fenômeno pode ser encontrado em diversos estudos no campo da Linguística envolvendo uma perspectiva ou linguística ou cognitiva, mas que seu objetivo será o de analisar como se dá o processo de (re)categorização metafórica como ferramenta de construção do humor promovendo uma relação entre a Linguística Textual, considerando o fenômeno (re)categorização, bem como os aspectos cognitivos inerentes ao processo de (re)categorização metafórica, observados à luz da Linguística Cognitiva.

Lima (2003), em seu estudo, propõe uma proposta classificatória para as ocorrências de (re)categorizações metafóricas encontradas em seu corpus. Essa foi uma outra contribuição muito significativa para os estudos envolvendo a Referenciação e o fenômeno da recategorização. Lima (2003) considera que

tantos os aspectos linguísticos, quanto os cognitivos são fundamentais para a construção do sentido e a produção do humor no gênero piada. O objetivo desse estudo, segundo Lima (2003, p. 12), é:

[...] demonstrar não apenas que as ocorrências de (re)categorizações metafóricas respondem pela comicidade das piadas, mas também de que forma se constrói, a partir delas, o sentido de humor, nas piadas selecionadas para análise, ou seja, como são recuperadas as inferências que desencadeiam o efeito cômico.

Por se tratar de uma interface, Lima (2003) inicia sua fundamentação pelo campo da Linguística Cognitiva. Nela, as concepções sobre a mente e a evolução das pesquisas são trazidas para mostrar como as Ciências Cognitivas possuem importantes paradigmas que serão essenciais para a descrição do funcionamento dos processos mentais, como os que ela utilizou em sua pesquisa. Como nosso propósito investigativo reside no fenômeno da recategorização, não descrevemos, com maiores detalhes, esse campo de estudo explorado por Lima (2003).

Lima (2003) também aprofunda uma investigação sobre a metáfora, por se tratar de um importante elemento que estará associado à ocorrência da recategorização no contexto escolhido. Sobre a metáfora, também não demos uma ênfase quanto ao seu conceito isolado. Consideramos a importância da recategorização metafórica, por ser um processo de construção do humor que terá como base nosso objeto de investigação. Focamos, então, em dois capítulos, que serão os principais para compor nossa descrição: o Capítulo 3, que trata da Referenciação; e o Capítulo 5, que compõe a metodologia e a análise dos dados.

No Capítulo 3, Lima (2003) sintetiza as concepções de linguagem com base em Koch (1992) e afirma que os conceitos de referência e linguagem se relacionam de maneira íntima. Sobre as concepções de linguagem existentes, Lima (2003) coloca que ela pode ser vista a partir de três diferentes grupos, podendo ser considerada i) uma representação do mundo e do pensamento, ii) um instrumento de comunicação ou, ainda, iii) um lugar de interação ou ação. Lima (2003) se apropria da terceira concepção para fundamentar seu objeto de estudo, pois as outras duas reduzem bastante a linguagem, não satisfazendo a forma como o fenômeno será abordado.

A concepção de linguagem como espaço de interação, segundo Lima (2003) se torna mais completa, porque a linguagem é vista como uma ação intersubjetiva em que os sujeitos assumem um papel ativo nesse processo. Para Koch (2002, p.15):

[...] os sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam ativamente da definição da situação na qual se acham engajados, e que são atores na atualização das imagens e das representações sem as quais a comunicação não poderia existir.

Lima (2003) explana sobre a questão da referência de forma breve e se posiciona, para sua investigação, a favor da visão não-extensional da referência, pois admite que os referentes não estão colocados a priori, mas que são construídos no discurso. É, portanto, através da visão de referência (= referenciação) como um processo que Lima (2003) explora a (re)categorização metafórica como uma atividade que deverá ter seu sentido construído a partir da interação dos sujeitos levando em conta fatores extralinguísticos inseridos nesse processo.

Lima (2003) concorda com Mondada e Dubois (1995) ao aceitarem os processos de categorização e referenciação como dinâmicos, dessa forma são intitulados como objetos de discurso, por serem construções feitas a partir de uma interação que leva em conta os sujeitos ativos no processo. É a partir daí que ocorre a viabilidade desse referente sofrer um processo de recategorização.

Sabendo que a piada, segundo Lima (2003), é um gênero da língua que se caracteriza pela comicidade e que circula nas mais diferentes esferas sociais tornando-o universal, a investigação proposta pela autora trata da construção do humor presente na recategorização metafórica buscando apresentar como esse fenômeno textual contribui para o efeito cômico presente nas piadas. Os procedimentos metodológicos foram descritos da seguinte forma:

a) *Corpus e método*: o *corpus* de 31 piadas foi retirado de sete exemplares (entre livros e revistas de piadas), que tinham como temáticas as categorias mais exploradas no Brasil como, por exemplo, política e futebol, além de personagens populares nesse tipo de gênero como o português e a loira, sendo divididos, respectivamente, nesses dois grupos. Dessas 31 piadas, ocorreram 48 exemplos de recategorizações metafóricas de onde foram retiradas 36. Lima (2003)

resolveu utilizar o método indutivo de investigação para suas análises e generalizações a respeito de sua proposta, como forma de cumprir com seus objetivos e hipóteses.

b) *Procedimentos de análise*: pautada em duas bases teóricas – Linguística Textual e Linguística Cognitiva – o intuito da pesquisa foi descrever como acontece a construção da comicidade através da (re)categorização metafórica, apresentando uma proposta classificatória para as ocorrências observadas. Três procedimentos foram estabelecidos:

- i. A partir da tipologia de Grady (1997, 1999), foi elaborado um inventário de com as classes das metáforas observadas as (re)categorizações selecionadas (metáforas conceituais correlacionais e metáforas conceituais de semelhança) – essa etapa serviu de análise preliminar como uma contextualização mais particular;
- ii. Divisão e classificação das ocorrências de acordo com a proposta de classificação explicitada ao longo do trabalho de Lima (2003) – (re)categorização metafórica manifestada lexicalmente e recategorização metafórica não manifestada lexicalmente. Essa classificação, proposta por Lima (2003), foi uma das hipóteses explicitadas no trabalho e foi testada nessa fase como uma extensão da proposta classificatória de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Foram, ainda, explicitados os processos que desencadeiam a construção das recategorizações encontradas baseados em 4 critérios: retomada, cognitivo, significado e explicitude;
- iii. Uso do modelo de análise proposto por Fauconnier e Turner, baseado na teoria da mesclagem conceitual, para elaboração de uma proposta interpretativa das (re)categorizações metafóricas identificadas que auxiliam na construção do humor;

Através de um procedimento metodológico amplo e bem detalhado, Lima (2003) traz uma contribuição extremamente significativa para os estudos envolvendo o fenômeno da recategorização. Na terceira etapa da sua análise, Lima (2003) contempla os mecanismos cognitivos que estão atrelados às (re)categorizações metafóricas selecionadas por ela. Esse estudo adentra num

campo não explorado por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), mas que eles consideram sua existência. Nesse sentido, as (re)categorizações metafóricas ultrapassam a superfície do texto, sendo sua ocorrência explícita ou implícita, e passam a funcionar num processo cognitivo de construção de sentido e de humor baseado em inferências. Essa contribuição de Lima (2003) em torno do fenômeno da recategorização trouxe um importante critério de análise e que impulsionou os estudos da referenciação a observarem e considerarem os elementos extralinguísticos como ferramentas importantes para a construção dos sentidos dos textos.

Lima (2003) destaca que, em suas análises, as metáforas identificadas pertenciam, em sua totalidade, à classificação de metáforas de semelhança, não ocorrendo outros tipos, totalizando 48 exemplos. É nesse corpus que Lima (2003) traz um dos importantes questionamentos em torno do fenômeno da recategorização encontrada nas metáforas e que rompe com a visão representacional da referência. A autora questiona se é possível que se possa considerar a língua através de uma visão especular da realidade quando, através de exemplos concretos, o interlocutor consegue reconstruir objetos de discurso através de um processo de (re)categorização baseado em inferências. Nesse sentido, Lima (2003) coloca os exemplos a seguir para defender que os objetos de discurso e o processo de referência se dá também no plano cognitivo.

(35)

Pai, eu nasci de um ovo?

- Claro que não, Juquinha! Por quê?
- É que quando eu subi no elevador um homem falou para o outro: “Esse aí é o filho daquela galinha do sexto andar”. (Sarrumor, 2000:181)

(36)

Um amigo conta pro outro:

- Minha sogra caiu do céu!
- Ela é maneira assim mesmo?
- Não, a vassoura quebrou quando voava sobre a minha casa. (Piadas Seleccionadas, 2003:10)

Com esses exemplos (35) e (36), Lima (2003) defende que a língua não pode ser vista limitada a uma visão extensional. A autora defende, ainda, que não se pode perceber as categorias de modo restrito às representações do mundo real, uma vez que existe uma interferência do homem através de sua bagagem

de experiências e concepções com base em associações construídas na intersubjetividade que agem diretamente na discretização do mundo.

O que Lima (2003) pretendeu com os exemplos (35) e (36) foi confirmar a existência de um plano que ultrapassa a mera representação lexical do fenômeno da recategorização presente nas metáforas extraídas, mas que podem ser identificadas em outros casos. Para ela, a construção de “mulher” e “sogra” como “galinha” e “bruxa” através de um processo de recategorização, confirma que a língua não funciona como um sistema de etiquetas prontas e que ao tratar de referência e de categorias, esses processos devem ser vistos como dinâmicos, pois se constroem a partir da ação de um sujeito sociocognitivo. Lima (2003) afirma que desconsiderar tais características da língua, não tornaria possível a percepção da comicidade no corpus selecionado.

Essa contribuição de Lima (2003) acerca da recategorização se aprofundará na tese de Lima (2009) que veremos mais adiante. Veremos, na sequência, a contribuição de Tavares (2003), em sua dissertação, ao propor uma proposta classificatória para a recategorização.

2.4.1 PROCESSOS DE RECATEGORIZAÇÃO – UMA PROPOSTA CLASSIFICATÓRIA – TAVARES (2003)

O trabalho de Tavares (2003) tem sua relevância para nosso estudo, pois, a partir das críticas advindas da primeira proposta classificatória do fenômeno, com Apothéloz e Reichler- Béguelin (1995), a autora propõe uma reorganização do quadro inicial sob critérios mais homogêneos com critérios bem mais definidos para a identificação de tipos dos tipos de recategorização e das operações referenciais encontradas nas diferentes situações.

Tavares (2003) lança mão, então, de um *corpus* escolhido aleatoriamente, composto de gêneros das esferas acadêmica, jornalística e epistolares, extraídos do banco de pesquisa do grupo de estudos Protexito – vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC – para analisar as ocorrências de recategorizações encontradas. Tavares (2003) esclarece que, metodologicamente, o trabalho seguirá uma ordem em relação à abordagem: referencial, cognitivo, semântico-lexical, formal e discursivo-argumentativo.

O referido trabalho se divide em quatro capítulos. O primeiro trata dos conceitos de categorização e (re)categorização, subdividindo-se em dois momentos: um que trata do conceito de referência e referenciação; e o outro, que se divide em dois tópicos, tratando do conceito de categorização a partir da noção de categoria e a relação com conceito, e do que vem a ser recategorização para a Linguística Textual, definido como um processo discursivo de progressão textual situado numa atividade de negociação.

No segundo capítulo, Tavares (2003) utiliza a proposta classificatória de Cavalcante (2003) para buscar inserir as recategorizações num quadro geral de expressões referenciais, utilizando os critérios já definidos por Cavalcante (2003), que seriam: referencialidade, significação, forma de manifestação. O terceiro capítulo é a descrição da proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Por ser o foco do trabalho de Tavares (2003), esse capítulo ficou dedicado apenas a essa apresentação e à reflexão sobre as possibilidades de reorganização de forma mais homogênea.

No quarto capítulo, a autora apresenta uma classificação geral do fenômeno a partir de critérios pré-estabelecidos (critério de retomada, o critério de cognição, o critério de significação e o critério de explicitude/implicitude), considerando, também, as possibilidades de funções argumentativas que os exemplos podem exercer nos diferentes discursos. Essas possibilidades serão apenas discutidas ao longo da análise, mas não entrarão no quadro final, montado por Tavares (2003), por não ser o foco principal da investigação. É sobre esse quarto momento, que nos debruçaremos para mostrar a contribuição de Tavares (2003) sobre o fenômeno da recategorização.

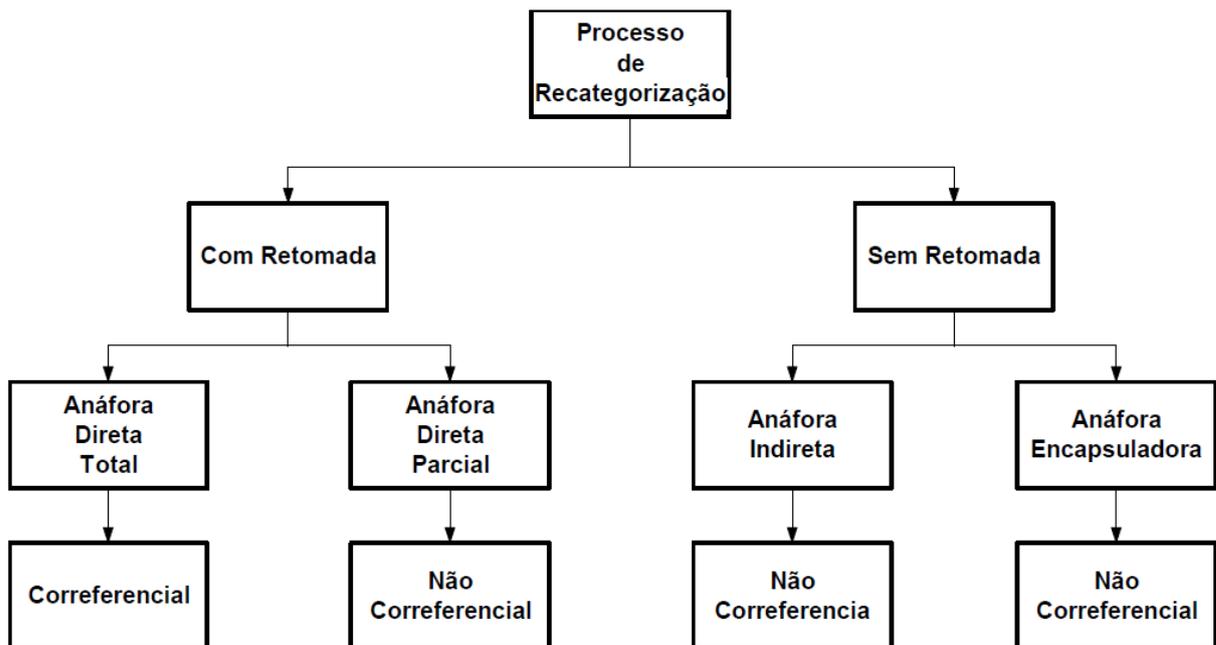
Tavares (2003) estabelece, então, que os critérios que serão norteadores para sua proposta de classificação serão divididos em dois blocos diferentes (critério de retomada e critério cognitivo; e critério de significação e critério de explicitude/implicitude) com fins didáticos, no entanto, ela afirma que, em se tratando da recategorização, os critérios são complementares e estão relacionados.

Tavares (2003) utiliza como um norte para sua proposta, a classificação de Cavalcante (2003) que destaca dois aspectos em relação ao critério de referencialidade: a introdução/manutenção do referente e a retomada/remissão. Na apresentação do primeiro bloco – *critério de retomada e critério cognitivo* – Tavares (2003) elege o aspecto retomada/remissão como ponto forte para sua classificação, pois é baseado nele que a autora faz a distinção entre as *anáforas diretas totais e parciais* e as *anáforas indiretas e encapsuladoras*. A autora esclarece, de antemão,

que a ideia de retomada não se aplicará aos casos de anáfora indiretas e encapsulamentos.

Numa primeira proposta classificatória, Tavares (2003, p. 96) analisa os casos de recategorizações sob duas óticas, conforme a figura a seguir:

Figura 1 Primeira etapa classificatória de Tavares (2003)

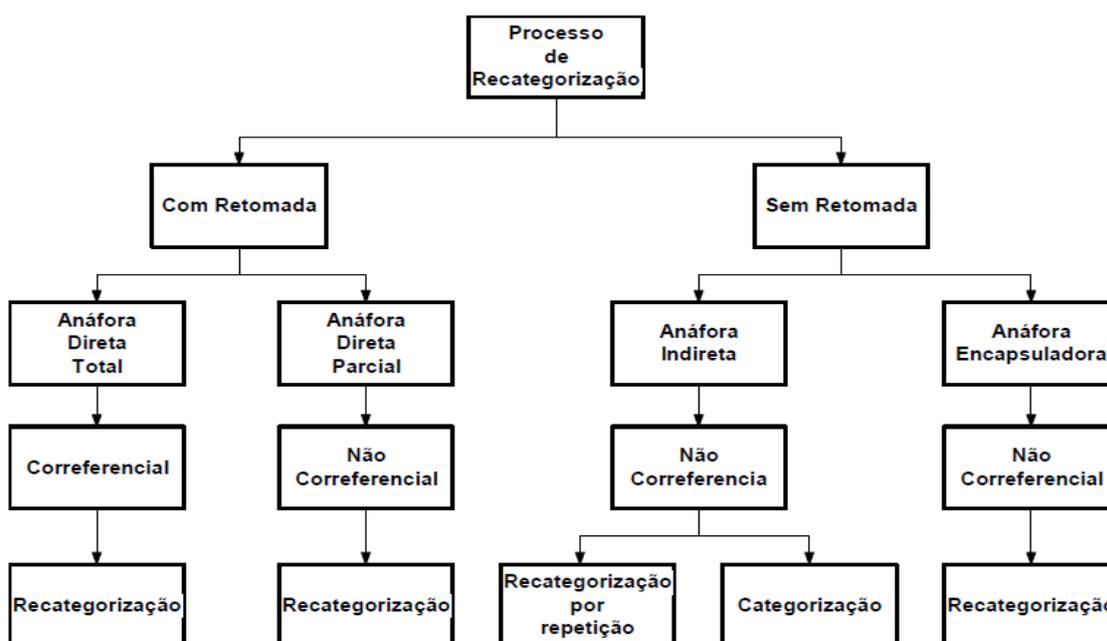


O que se percebe na primeira proposta de Tavares (2003) é que as recategorizações poderão ocorrer com retomada (anáfora direta total e anáfora direta parcial, correferencialmente e não correferencialmente, respectivamente) e sem retomada de referentes parciais. Nessa perspectiva, Tavares (2003) conclui que não se pode conceber a recategorização numa única possibilidade, então lança mão de dois modos distintos de observar o fenômeno: a partir de uma percepção, exclusivamente, cognitiva; e a partir de uma perspectiva cognitiva e léxico-semântica.

Com essa distinção, Tavares (2003) aceita que no primeiro caso, de estabelecer a recategorização num viés puramente cognitivo, os processos referenciais com retomada, sejam eles correferenciais ou não, sempre estarão recategorizados num nível cognitivo que poderão impactar, ou não, no aspecto lexical do fenômeno.

Em se tratando dos referentes que não são reconstruídos a partir de uma retomada (sem correferencialidade), Tavares (2003) esclarece que é possível que haja casos de categorização e casos de recategorização num plano exclusivamente cognitivo. Tavares (2003, p. 97) destaca que essas duas possibilidades poderão interferir no significado das expressões, pois “mesmo quando não houver uma recategorização em nível cognitivo, é possível que haja a recategorização lexical dessa expressão e, neste caso, ela terá sido categorizada pela primeira vez no texto.” Considerando essa possibilidade, o quadro classificatório sofre uma modificação em mais um nível.

Figura 2 Segunda etapa classificatória de Tavares (2003)



Vejamos, então, o que Tavares (2003) apresenta, como exemplo, para cada um dos casos sinalizados pelo esquema anterior. É importante destacar que tais exemplos são uma amostra dentro do universo de outros exemplos que ela resolveu explorar em suas análises, mas que o recorte não compromete a contribuição dada por ela na reorganização da proposta inicial de Apothélos e Reichler-Béguelin (1995) sobre o fenômeno da recategorização.

O primeiro exemplo trata-se de um caso de *recategorização cognitiva com retomada*. Tavares (2003, p. 99), então, coloca:

(37) A orfandade de líderes deixada por aquele regime [regime militar], aliada à fome de poder dos que lhe faziam oposição, pregando bons costumes, liberdade e esperança de dias melhores, está causando muito mal ao País. **Essa gente dita social-democrata e mudancista** devastou o Brasil tanto administrativamente como moralmente. (JoEd03 – Editorial – Prottexto)

No exemplo (37), a autora considera que há um exemplo de anáfora direta total, pois o referente introduzido “os que lhe faziam oposição, pregando bons costumes, liberdade e esperança de dias melhores” é completamente recuperado – correferencial – e recategorizado pela expressão “Essa gente dita social-democrata e mudancista”, uma vez que possuem a mesma base referencial. É observável, ainda, nesse exemplo que, além da expressão desempenhar um papel de retomada e de acréscimo de nova informação sobre um referente, há um papel avaliativo e argumentativo quando o produtor do enunciado resolve trazer um juízo a respeito do referente introduzido.

Tavares (2003) deixa claro que a ideia de correferencialidade e de reconstrução de um referente através de um processo de recategorização só acontece por meio do aspecto cognitivo envolvendo o léxico, tanto o que categoriza quanto o que recategoriza, destacando o quão importante esse aspecto é para a atribuição de sentido ao texto.

O exemplo (37), segundo Tavares (2003, p. 100), serve de protótipo para o que Apothéoz e Reichler-Béguelin (1995) já haviam antecipado sobre o conceito de recategorização, que seria de acrescentar “atributos a referentes já introduzidos, retomando-os e modificando-os, mas mantendo sempre a mesma referência.”. Esse exemplo mostra, ainda, a existência de uma recategorização lexical, presente no cotexto, além da cognitiva, ou seja, quando um referente é modificado há uma interferência direta na estrutura do sintagma inicial.

Tavares (2003) considera que essa é a característica mais importante em relação às recategorizações que se estabelecem pela anáfora direta total, pois há um processo cognitivo que reflete na estrutura lexical do referente, dando uma falsa impressão de que esse tipo de recategorização se limite a esses casos.

Outro caso de recategorização com retomada acontece quando a anáfora retoma parcialmente o referente introduzido. Tavares (2003, p. 100) apresenta esse caso:

(38) Durante dois meses, o subeditor Leonel Rocha, da sucursal de Brasília, tentou encontrar trinta generais que tiveram importância no governo militar. Conseguiu falar com **catorze deles. Os outros** não foram localizados, nem o exército informou seu paradeiro. (JoCaL09 – Carta ao leitor – Protexoto)

Segundo a autora, o que ocorre no exemplo (38) é que o referente introduzido “trinta generais” é retomado parcialmente – não havendo correferencialidade – através de duas recategorizações “catorze deles” e “os outros” que não recuperam a totalidade desse referente, mas, sim, uma parte dele. Esse é um exemplo de recategorização cognitiva a partir de uma anáfora direta parcial, uma vez que o referente introduzido é modificado através de um processo de fragmentação.

Na sequência do esquema classificatório montado por Tavares (2003), a autora apresenta os casos de *recategorização cognitiva sem retomada*. Os exemplos consistirão de casos de *anáforas indiretas* e *anáfora encapsuladoras*. Por anáfora indireta, a autora considera que sejam aquelas expressões definidas que não correspondem de forma explícita ao seu antecedente; a referência, nesse caso, acontece implicitamente.

No quadro das anáforas indiretas, Tavares (2003) vai destacar um caso que ela denomina de recategorização por repetição de termos, que são aqueles em que o item lexical não sofrerá nenhuma alteração, mas que cognitivamente ele é reconstruído dentro do discurso, sendo atribuído a ele um novo significado. Para ilustrar esse caso, a autora utiliza um exemplo de Lima (2003) corroborando com a facilidade de encontrar esses casos em textos humorísticos, pois eles, geralmente, utilizam um duplo sentido, mantendo, lexicalmente, uma mesma expressão repetidas vezes, mas com novos sentidos.

(39) “A mulher está esperando o trem, na plataforma da estação ferroviária, superapertada, com vontade de urinar. Pra variar, o trem está atrasado, e se ela perde esse não consegue chegar a tempo no serviço. Mas o trem não vem, e a vontade de fazer xixi aumenta. Ela olha pro relógio, será que dá tempo? Mas e se o trem chegar justo na hora que ela for mijar? Ela se contorce daqui, contorce dali, até que não aguenta mais e vai ao banheiro. Quando ela volta, o seu trem havia chegado e já havia partido.

Inconformada, ela senta no chão da plataforma e começa a chorar. Ao vê-la assim, o mineirinho aproxima-se de mansinho, e diz a ela, solidário:

- Ô, Dona! Pur que esta choradera?

- É que eu fui mijar e o **trem** partiu! – explica a mulher.

E o mineirinho:

- Uai, mas a senhora já num nasceu com o **trem** partido?”

(Sarrumor, 2000 *apud* Lima, 2003)

Tavares (2003) apresenta o exemplo (39) como um modelo para a classificação de recategorização por anáfora indireta por repetição. O que acontece, nesse caso, é que o referente ele sofre modificações ao longo do texto, mas no cotexto ele se apresenta com a mesma estrutura lexical. O referente “trem”, no primeiro momento, trata-se do meio de transporte, já no segundo momento, ele se repete, mas já com um novo sentido: “trem” irá se referir à genitália feminina. Tavares (2003) defende, então, que a comicidade desse texto humorístico estará limitada a uma ativação cognitiva para estabelecer uma recategorização ao termo “trem”, sem levar em conta a estrutura lexical.

Quanto à anáfora encapsuladora, Tavares (2003) define como um caso de recategorização cognitiva sem retomada de referente através de um processo de referenciação indireta, que consiste em recuperar por meio de um sintagma uma série de informações dispersas na porção textual, daí a ideia de não corresponder a uma correferencialidade. Tavares (2003, p. 107) mostra o seguinte exemplo para justificar o porquê de considerar a anáfora encapsuladora como um caso de recategorização cognitiva:

(40) O Brasil parece ter ingressado definitivamente numa era nova, em que o discurso dos governantes sobrepõe à ação de governar. Ou seja, vai-se tornando comum a prática de substituir o enfrentamento dos problemas pela solução de dá-los por resolvidos ou de aceitá-los como contingência normal e inelutável. A análise de alguns acontecimentos aparentemente isolados termina por revelar **essa nova postura da administração pública**. (JoEd04 – Editorial – Prottexto)

O que Tavares (2003) explicita no exemplo (40) é que a expressão “essa nova postura da administração pública” encapsula, sem correferencialidade, toda uma porção anterior dispersa ao longo do texto. A autora esclarece, ainda, que o encapsulamento promove um direcionamento em relação à defesa do ponto de vista que o locutor quer adotar, pois ele vai fornecendo informações e avaliações que irão

contribuir para o desenvolvimento e compreensão do discurso. É nesse sentido que Tavares (2003) defende que uma construção argumentativa, como a do exemplo (72), só ocorrerá sob a ótica do encapsulamento como um processo de recategorização cognitiva, pois o interlocutor terá que fazer as ligações entre as informações co(n)textuais, que remodulando as informações iniciais.

Essa constatação de Tavares (2003) é relevante como contribuição para os estudos da recategorização, pois reforça a existência de um rótulo – sintagma nominal utilizado como encapsulamento – que funciona como uma recategorização cognitiva de toda uma porção difusa na superfície textual.

Tavares (2003) concorda, portanto, parcialmente em relação ao que Koch (1998) e Marchuschi e Koch (2002) afirmam sobre a existência de uma recategorização nos encapsulamentos, mas deixando claro que a recategorização cognitiva somente poderá se constituir por meio de encapsulamentos estabelecidos por rótulos.

Segundo Tavares (2003), essas afirmações são contestadas por Cavalcante (2001) que não concebe recategorizações em anáforas encapsuladoras a partir desses dois tipos: uma somente a nível cognitivo e outra a nível cognitivo e lexical. Contudo, Cavalcante (2001) admite que os encapsulamentos possam trazer informações novas de caráter avaliativo a partir de um dado.

Tavares (2003, p. 109) resiste afirmando que o encapsulamento pode ser um caso de recategorização cognitiva, com o exemplo a seguir:

(41) Mais uma vez o governo lavra um tento em sua forma de administrar a Nação: o problema deixa de existir pelo simples fato de considerar-se encerrado. O mais surpreendente é que **essa estratégia de governar**, com a retórica – ou o silêncio – substituindo a solução dos problemas, parece dar certo. (JoEd04 – Editorial – Prottexto)

No exemplo (41), Tavares (2003) esclarece que o trecho “essa estratégia de governar” encapsula uma porção anterior do cotexto e tem nitidamente um valor argumentativo/avaliativo, direcionando o texto para um novo momento discursivo, não havendo uma retomada de referentes pontuais anteriores. Para Tavares (2003), a expressão em negrito funciona como um acréscimo de nova informação e de um ponto de vista, que, por não atender ao critério de correferencialidade, exige que o leitor ative cognitivamente as relações entre a expressão encapsuladoras e a porção textual

anterior para construir o ponto de vista do autor. Dessa forma, evidenciando, segundo Tavares (2003), a possibilidade da recategorização cognitiva sem retomada num processo de encapsulamento.

Após a discussão com base no critério de retomada e cognição, Tavares (2003) declara indispensável a análise de outros dois critérios – *critério de significação* e *critério de implicitude/explicitude* – para a conclusão da proposta classificatória que tratarão de questões referentes à categorização, à co-significação e à recategorização lexical (presente no cotexto).

Tavares (2003, p. 110) destaca que o critério de significação é o que possui maior importância na montagem do quadro classificatório, pois considera que, no processo de recategorização, segundo ela,

o que define ou delimita as recategorizações dentro de uma classificação geral das expressões referenciais não são apenas as questões de referência propriamente ditas, mas também, e principalmente, as questões de sentido.

Cavalcante (2003) contribui com Tavares (2003) quanto ao critério de significação. Esse critério traz conceitos importantes, como o de co-significação e o de recategorização, considerados excludentes entre eles por possuírem significados diferentes. Nessa perspectiva, Tavares (2003) defende que os referentes poderão ser considerados recategorizações quando houver transformações que resultem numa quebra da co-significação, ainda que essas transformações não se explicitem na estrutura lexical das expressões.

Tavares (2003) torna relevante o critério de significação por considerar a existência de dois tipos de recategorização importantes na proposta: uma numa perspectiva exclusivamente cognitiva – podendo, ou não, alterar a estrutura dos itens lexicais – e outra realizada num nível de significação – sempre resultará em modificações na estrutura lexical de cada item. A autora aponta que a referência, nesse caso, não é a questão principal a ser observada, pois em ambos os casos há uma introdução/continuidade referencial. O que vai chamar atenção, contudo, é a questão do sentido, pois, para Tavares (2003, p.111) “uma recategorização cognitiva não está necessariamente atrelada ao sentido dos itens lexicais”. Ela esclarece que a recategorização está centrada na remodulação de ideias e que a recategorização

lexical irá transformar o sentido das expressões de forma mais nítida, mesmo que tais expressões não apareçam formalmente marcadas, como no caso das repetições.

Para ilustrar essa constatação, Tavares (2003, p. 111) apresenta dois casos de anáforas em que a recategorização cognitiva, assim assumida por ela, está presente de forma direta e indireta, respectivamente.

(42) Quem leu *CartaCapital* estava preparado para a crise, ainda que preferisse não viver **este momento inquietante**. (JoCaL04 – Carta ao leitor - Prottexto)

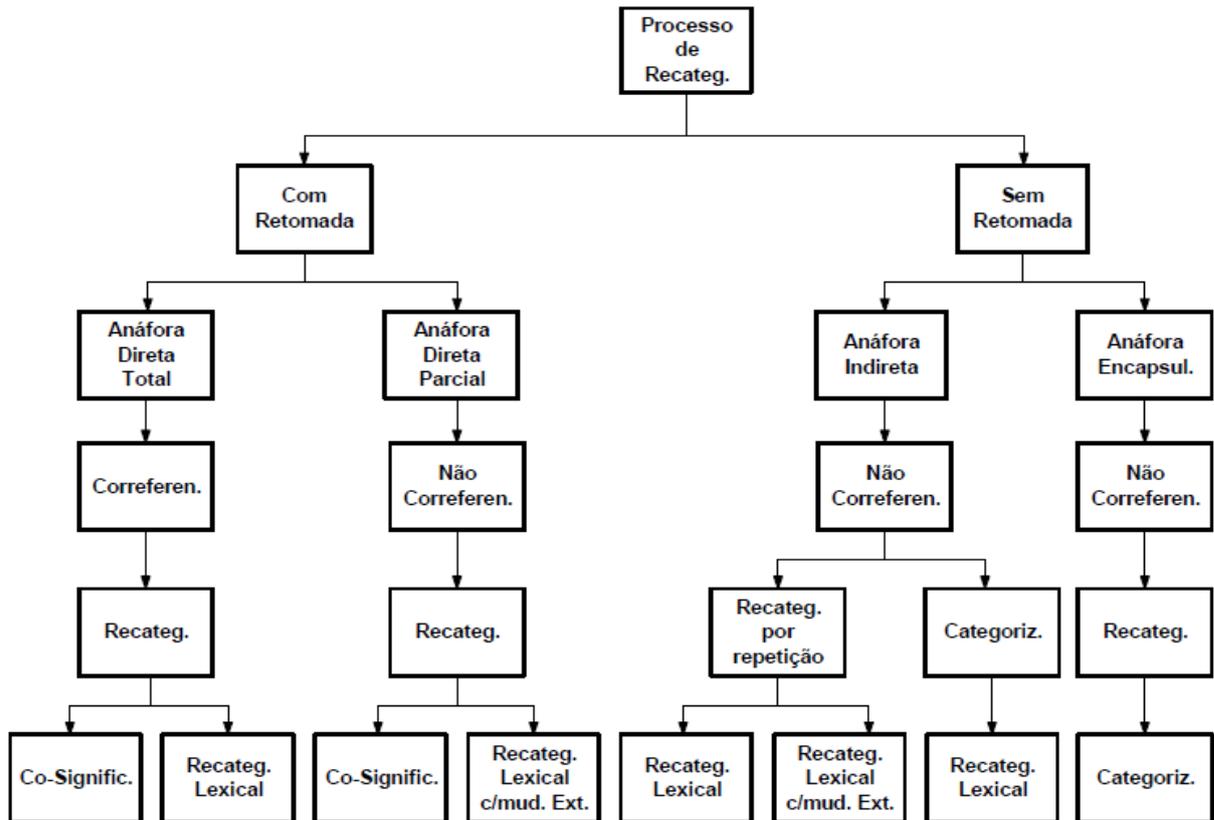
(43) Tornou-se coisa corriqueira, no Brasil, engavetarem-se casos escabrosos de malversação do dinheiro público. **As várias denúncias** que surgiram terminaram todas abafadas por iniciativa do próprio governo, diante da nação estarecida. (JoEd04 – Editorial – Prottexto)

No exemplo (42), Tavares (2003) coloca que a expressão “este momento inquietante” funciona como uma recategorização lexical do termo “a crise”, reapresentando-o e remodulando, através do acréscimo de novas informações na superfície textual, a introdução referencial. Já no exemplo (43), a expressão “as várias denúncias” está ancorando, de forma indireta, sem correferencialidade e através de uma expressão nova, as informações que antecedem o trecho grifado.

Tavares (2003) afirma que não se pode desconsiderar a possibilidade de uma recategorização cognitiva nesse último caso, pois a expressão destacada acaba remodulando a ideia inicial da âncora a partir do acréscimo de informações novas, ou seja, recategorizando-a cognitivamente, mas descarta que haja aí uma recategorização lexical, pois não recupera um referente equivalente ou a mesma expressão referencial.

O critério de significação, para Tavares (2003), tem relevância à medida que fornece um novo nível de análise para sua proposta classificatória. O último nível apresentado anteriormente com base em exemplos, por Tavares (2003, p.112), teve uma extensão para suprir, ainda, algumas lacunas, conforme a figura (3).

Figura 3 Terceira etapa classificatória de Tavares (2003)



O esquema acima apresenta o último nivelamento em relação à reorganização da proposta classificatória de Apothéloz e Reichler- Béguelin (1995) por Tavares (2003). Nesse último momento, Tavares (2003) quer destacar outras possibilidades relacionadas ao processo de recategorização, levando em conta o nível cognitivo e o critério de significação, conforme o esquema:

Processo de recategorização com retomada:

- *Anáfora direta total*: a recategorização cognitiva poderá se realizar por recategorização lexical ou co-significação;
- *Anáfora direta parcial (não correferencial)*: a recategorização cognitiva poderá se realizar por co-significação ou, ainda, por recategorização lexical com mudança na extensão;

Processo de recategorização sem retomada

- *Anáfora indireta (não correferencial)* – a nível cognitivo (recategoriza por repetição): opera uma recategorização lexical ou, então, uma recategorização lexical com mudança na extensão;

- *Anáfora indireta (não correferencial)* – quando apenas categoriza: pode sofrer uma recategorização lexical;
- *Anáfora encapsuladoras (não correferencial – rótulo)* – funciona apenas como categorização;

Tavares (2003) ilustra cada caso através de exemplos novos, ou já trabalhados ao longo dos capítulos da dissertação, ou, ainda, de exemplos do texto de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), nesse último caso, a autora observa o critério de implicitude/explicitude já destacado por eles, mas afirma não ser o único critério apreendido no artigo pioneiro sobre o fenômeno, destacando que esse aspecto é o que causa uma amplitude à classificação primeira. O intuito é mostrar uma observação à luz da significação.

Para o critério de *recategorização lexical com retomada*⁴⁶, Tavares (2003) apresenta os seguintes exemplos:

- *Processos de recategorização com retomada de referentes, por anáfora direta total (correferencial), com recategorização cognitiva, co-significativa, explícita ou implícita:*

(44) A visão tradicional dos demonstrativos fundamenta-se na idéia de que estes têm por função indicar a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso, podendo **essa localização** ocorrer no tempo, no espaço e no discurso. (AAC02 – Artigo científico – Prottexto)

(45) A ostra, da grossura de um calhau médio, é de uma aparência muito enrugada(...) É um mundo obstinadamente fechado. Mas pode-se abri-la: é preciso tê-la no oco de um esfregão... (Apothéloz e Reichler-Béguelin, 1995, p. 06)

No exemplo (44), Tavares (2003) afirma haver um processo de recategorização expresso pelo sintagma “essa localização”. Sob o critério de retomada, a mesma expressão desempenha um papel de anáfora direta total, pois ele recupera, na integralidade, o referente “a posição dos seres em relação às três pessoas do discurso” introduzido anteriormente, por isso, correferencial. Sob o critério da

⁴⁶ Apesar de Tavares (2003) apresentar mais de um exemplo, mostramos apenas um caso de cada para mostrar como ela apresentou esse último nível de sua proposta classificatória sobre o fenômeno da recategorização.

significação, as expressões são, então, equivalentes, por isso, co-significativas e não recategorizadoras. Para considerar a existência de um processo de recategorização nesse exemplo, Tavares (2003) adota o critério cognitivo e admite que o sintagma “essa localização” opera mudanças cognitivas no referente inicial, remodulando-o. Somente através dessa manobra, que se torna mais fácil por estar explícito no contexto, é possível considerar, aí, uma recategorização.

No exemplo (45), a autora considera existir, implicitamente, uma recategorização por retomada pronominal, no caso. Para o exemplo (45) clássico de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Tavares (2003) afirma que há uma retomada total do referente introduzido pelo pronome “la”, sendo, portanto, correferencial. Além disso, diz que há uma recategorização cognitiva, pois o pronome exprime traços de significação com o referente “a ostra”, sendo, então, co-significativas. Não existe recategorização lexical no exemplo (45) devido à recategorização ocorrer apenas no nível cognitivo.

- Processos de recategorização com retomada de referentes, por anáfora direta total (correferencial), com recategorização cognitiva, com recategorização lexical, explícita ou implícita⁴⁷:

Tavares (2003, p. 117) ilustra esse tipo com o exemplo clássico abaixo:

(46) [Artigo relatando o julgamento de um automobilista responsável por um acidente] Ele reconhece ter rodado bêbado (...) O tribunal de correção infligiu ontem uma pena fechada a **este recidivista** (Apothéloz e Reichler-Béguelin, 1995, p. 247)

No exemplo (46), Tavares (2003) considera que “este recidivista” funciona como uma anáfora direta total, pois recupera o referente inicial em sua totalidade, apresentando uma correferencialidade e trazendo uma remodulação desse referente a partir de novas informações acrescentando uma nova perspectiva argumentativa ao discurso. A recategorização cognitiva ocorre através da ligação entre esses referentes

⁴⁷ Nesse tópico, Tavares (2003) expõe a análise feita por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) a mais um dos exemplos apresentados por eles. No entanto, descrevemos o ponto de vista apenas de Tavares (2003), tendo em vista que a apresentação e discussão do mesmo exemplo já foi feito em um momento anterior.

que se relacionam e que corresponde ao ponto de vista do enunciador, explicitado por uma recategorização lexical.

Tavares (2003, p.121) também traz exemplos da recategorização com retomada de forma implícita. Para tanto, a autora utiliza outro exemplo de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) para comprovar sua ideia.

(47) O guarda traz a refeição.

Primeiro prisioneiro: O que é isso?

Guarda: Um consomê à moda do chefe...

[Os homens começam a comer...]

Segundo prisioneiro: **Ela** não é “tomável”.

(Apothelóz e Reichler-Béguelin, 1995, p. 255)

A relevância do exemplo (47) se dá pelo fato da recategorização ocorrer em dois momentos, segundo Tavares (2003). Para ela, há um primeiro objeto de discurso, masculino, apresentado como “consume à moda do chefe”, que, na sequência, é retomado pelo pronome feminino “ela”. Tavares (2003, p. 121) afirma que Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) já haviam considerado essa possibilidade denominando-a de “sugestão de uma conotação particular”. O que acontece, nesse exemplo, é que o pronome feminino (mudança do gênero) está relacionado a “algo implicitamente conotado”, marcando uma recategorização cognitiva ao orientar uma argumentação discursiva indicada por uma avaliação negativa sobre “o consume” como “gororoba” ou “sopa”, detonando algo menos refinado e podendo ser recuperado pelo pronome feminino.

Tavares (2003), então, define o pronome do exemplo (47) “ela” como uma anáfora direta total, pois retoma cognitivamente uma ideia negativa do objeto anterior de forma completa. Segundo Tavares (2003, p. 121):

É essa determinação lexical que permite a recuperação dos devidos referentes, através do que Milner (1982) chamou de relações metafóricas com interseção de traços. Assim, “gororoba” e “manjar” possuem traços de significação comuns, o que permite a relação entre suas designações.

- *Processos de recategorização com retomada de referentes, por anáfora direta parcial (não-correferencial), com recategorização cognitiva, co-significativa, explícita ou implícita:*

Para essa classificação, Tavares (2003, p.123) apresenta o seguinte exemplo:

(48) A análise de alguns acontecimentos aparentemente isolados termina por revelar essa nova postura da administração pública. Tivemos, na última semana, dois fatos que comprovam essa tese (...) **O outro fato da semana**, que revela a crença do governo de que a melhor solução para os problemas é dá-los como resolvidos, situa-se no terreno do que Itamar Franco chama de 'corrupção endêmica'. (JoEd04 – Editorial – Prottexto)

Tavares (2003) analisa esse exemplo (48), mostrando que há uma anáfora direta parcial, porque a expressão negritada representa parte de um referente introduzido inicialmente, não havendo, portanto, uma correferencialidade. Para que o trecho “outro fato da semana” seja considerado um segmento do referente inicial, é necessário recorrer a uma recategorização cognitiva desse trecho sem que haja uma recategorização lexical explícita, pois ele não apresenta novas informações, não contribuindo argumentativamente para o discurso.

- *Processos de recategorização com retomada de referentes, por anáfora direta parcial (não-correferencial), com recategorização cognitiva, com recategorização lexical e com mudança da extensão, explícita ou implícita:*

Para esse processo, Tavares (2003, p.124) ilustra com o exemplo de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995):

(49) Eu lhe propus, um dia, sair daquele convento, dizendo-lhe que ela podia contar com a proteção da Rainha da Suécia, e que Sua Majestade me havia feito esperar que a receberia em seu palácio. Ela gostou **desta proposta**, e tendo aceito **esta partida**, eu fui, naquele momento, dar ordem para a execução **daquele desejo** (Apothéloz e Reichler-Béguelin, 1995, p. 06)

O exemplo (49) tem como característica, segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), uma recategorização que ocorre com modificação da extensão

do objeto. O que Tavares (2003) considera, para esse exemplo (49), é que há uma série de anáforas parciais (sintagmas negritados) que vão retomando vários aspectos em partes. A autora afirma, ainda, que se trata de um caso de recategorização cognitiva do referente introduzido em que a escolha lexical estabelecida pelos sintagmas negritados classifica sutilmente esse referente de várias formas, marcando uma modificação da extensão desse referente através de uma recategorização lexical explícita, ainda com papel argumentativo.

Tavares (2003, p. 125) apresenta um caso onde ocorre a recategorização implícita.

(50) Pierre Grosz [um compositor] explica suas relações com aqueles que o cantam (Apothélos e Reichler-Béguelin, 1995, p. 06)

Para a autora, o exemplo (50) consiste numa recategorização com retomada a partir de anáfora parcial, sem correferencialidade, mas que reconstrói o referente inicial a partir do acréscimo de novas informações, configurando uma recategorização cognitiva. No prisma da significação, segundo Tavares (2003), o referente é reapresentado lexicalmente de uma forma nova (metonimicamente), numa relação de contiguidade – parte pelo todo e todo pela parte – configurando a recategorização lexical com mudança na extensão, acrescentando ou suprimindo informações/características ao “referente-base”.

Quanto ao critério de *recategorização sem retomada*, Tavares (2003) analisa, também, as anáforas indiretas e as anáforas encapsuladoras sob os critérios de significação e explicitude/implicitude.

- Processos de recategorização sem retomada de referentes, por anáfora indireta (não-correferencial), com recategorização cognitiva por repetição, com recategorização lexical, explícita ou implícita:

(51) “Há uma **rosa** caída

Morta

Há uma **rosa** caída

Bela

Há uma **rosa** caída

Rosa” (Maria Ângela Alvim, “*Há uma rosa caída*”, p. 119)

No exemplo (51), Tavares (2003) descreve que há uma repetição de sintagmas, mas que todas as vezes que ele é rerepresentado, trazem novas conotações que têm como base os referentes anteriores, funcionando como anáforas indiretas que trazem uma transformação nas ideias iniciais dos referentes já apresentados. A autora afirma que esse caso se configura como uma recategorização cognitiva por repetição do item lexical, pois o item “rosa” vai assumindo nova conotação, contribuindo com a argumentatividade e linearidade do discurso. Há, portanto, uma recategorização lexical, apesar da repetição do termo.

- Processos de recategorização sem retomada de referentes, por anáfora indireta (não-correferencial), com recategorização cognitiva por repetição, com recategorização lexical e com mudança de extensão, explícita ou implícita:

(52) ... um artigo... de setembro último e consagrado inteiramente ao CORAÇÃO, a **sua** etimologia e as **suas** significações. (Apothéloz e Reichler-Béguelin, 1995, p. 05)

Para Tavares (2003), os pronomes expressos no exemplo (52) se configuram como uma recategorização lexical explícita estabelecida por uma relação de contiguidade – relação entre coração órgão e coração expressão linguística. Dessa forma, a recategorização cognitiva se constrói na repetição (nível cognitivo) de sintagma “coração” nas formas “sua”, “suas”. Tavares (2003) considera essa passagem como uma modificação de extensão do objeto estabelecida por uma recategorização lexical explícita e justifica-se como anáfora indireta, porque o referente sofre uma transformação que altera totalmente sua significação, podendo ser identificado como um novo referente.

- Processos de recategorização sem retomada de referentes, por anáfora indireta (não-correferencial), com categorização cognitiva, com recategorização lexical, explícita ou implícita:

(53) Este é o material que chegou aqui, do Banco Real. Desculpe por ter sido aberto **um envelope**, por engano, pelos meninos. Aqui tudo está bem. Recomendações à família. (EBi011- Bilhete – Prottexto)

O que ocorre no exemplo (53), segundo Tavares (2003), é um caso de anáfora indireta, pois o sintagma “um envelope”, por mais que esteja sendo categorizado cognitivamente, ele está ancorado na expressão “este material”. A autora defende que mesmo ocorrendo apenas uma categorização cognitiva, no nível da significação se pode falar em recategorização lexical, pois há um acréscimo de informações no discurso que auxiliam significativamente na argumentatividade.

Sob última análise, Tavares (2003) apresenta como *recategorização cognitiva, com categorização lexical sem retomada* o seguinte tópico:

- *Processos de recategorização sem retomada de referentes, por anáfora encapsuladora (não-correferencial), com recategorização cognitiva, com categorização lexical, explícita:*

Para essa classificação, Tavares (2003, p. 130) apresenta o seguinte exemplo (54):

(54) O Brasil parece ter ingressado definitivamente numa era nova, em que o discurso dos governantes sobrepõe à ação de governar. Ou seja, vai-se tornando comum a prática de substituir o enfrentamento dos problemas pela solução de dá-los por resolvidos ou de aceitá-los como contingência normal e inelutável. A análise de alguns acontecimentos aparentemente isolados termina por revelar **essa nova postura da administração pública**. (JoEd04 – Editorial – Protexoto)

Tavares (2003) contextualiza esse exemplo lembrando que a expressão “essa nova postura da administração pública” é definida como uma anáfora encapsuladora porque resume, reúne, encapsula, soma, uma porção de texto anterior nesse sintagma. A autora destaca que Francis denominou esse tipo de expressão de rótulo.

O rótulo do exemplo (54), segundo Tavares (2003), é não correferencial e encapsula informações que estão dispersas no contexto, trazendo novas informações, admitindo, assim, a existência de uma recategorização cognitiva, uma vez que há uma remodulação dessas informações iniciais dentro do discurso. Tavares (2003) descarta, contudo, que haja no exemplo (98) uma recategorização

lexical, pois o rótulo não retoma nenhum referente-base, sendo, portanto, um sintagma apresentado pela primeira vez.

Tavares (2003, p. 131) arremata sobre as anáforas encapsuladoras que:

os processos de recategorização sem retomada de referentes por anáforas encapsuladoras só poderão ser admitidos como tais se, além de encapsularem, apresentarem um rótulo que não opera uma recategorização lexical e sim uma recategorização cognitiva com uma categorização lexical explícita.

Com essa última análise, Tavares (2003) conclui sua reorganização da proposta inicial de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) sobre o fenômeno da recategorização tentando tornar mais homogênea através dos critérios de retomada, cognição, significação e explicitude/implicitude⁴⁸.

Seguimos, então, com outras contribuições a respeito do fenômeno da recategorização que foram importantes para a evolução das pesquisas mais recentes. Veremos, a seguir, o trabalho de Matos (2005) e o que de relevante a autora trouxe sobre o fenômeno.

2.5 A FUNÇÃO DISCURSIVA DAS RECATEGORIZAÇÕES – MATOS (2005)

O trabalho desenvolvido por Matos (2005) também teve o fenômeno da recategorização como principal objeto de investigação. Ela se propôs a investigar os tipos de recategorização existentes no processo de referenciação, mais especificamente, sob o ângulo das funções discursivas das anáforas correferenciais.

O anseio para essa investigação, segundo Matos (2005), veio da relevância observada em torno das designações que os referentes recebem ao serem remodulados de maneiras distintas. Matos (2005) afirma que a escolha de expressões referenciais diferentes, com alterações na sua significação, não é feita de forma “ingênua”, mas que está inserida no processo de textualidade,

⁴⁸ Utilizamos para essa descrição uma versão da dissertação de Tavares (2003) que não foi concluída. Encerramos nesse ponto a discussão, uma vez que, no texto que conseguimos, não possuía o quadro final, além da própria autora não ter disponibilizado uma versão final após à defesa.

relacionado a uma intenção comunicativa. A recategorização é, dessa forma, uma estratégia que contribui para a argumentatividade do texto.

Matos (2005) se posiciona e assume para sua perspectiva de análise a vertente sociointeracionista, a qual defende que os referentes não são dados a priori, mas construídos no discurso a partir da interação entre os interlocutores envolvidos no processo. A autora partiu da constatação de que ainda existiam lacunas quanto ao aspecto discursivo das recategorizações. Matos (2005) afirma que Mondada e Dubois (1995) deixaram uma contribuição relevante sobre o assunto ao considerarem as categorias como evolutivas, ou seja, essas categorias sofrem modificações tanto sincronicamente quanto diacronicamente, apesar das autoras não terem como finalidade propor nenhuma classificação voltada aos elementos que compõem as recategorizações.

A autora esclarece que sua investigação se deu em recategorizações presentes nas anáforas diretas, pela maior facilidade de identificação em textos e por se tratar de um processo correferencial, o que se torna interessante para a pesquisa. Matos (2005) parte de um *corpus* de 80 textos para comprovar que o processo de recategorização poderá estar presente nos mais variados discursos e mostrar quais as funções poderão estar presentes nos mais variados textos. Para isso, pressupõe que quanto mais variados forem os gêneros, maior a chance de apresentarem funções discursivas distintas.

Matos (2005) assume uma postura crítica em seu trabalho em relação aos trabalhos de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Lima (2003) e Tavares (2003). Ela descreve a proposta de cada um deles, mas sempre admitindo que os trabalhos acabaram deixando a lacuna das funções discursivas, justificada pelo recorte que cada um atribuiu à sua pesquisa, mas importante para a compreensão da recategorização como um processo de escolha que sustenta a argumentatividade e a intencionalidade nos mais diversos discursos.

Delineamos o trabalho de Matos (2005) e focamos no capítulo 05, pois é o mais relevante para nosso estudo em torno da trajetória dos estudos que tiveram como objeto o fenômeno da recategorização. Deixamos claro que nosso intuito não é descrever, na íntegra, o trabalho de Matos (2005), mas recortar o que de mais importante em contribuição para o fenômeno foi destacado, no caso, as funções discursivas das recategorizações.

No quinto capítulo do trabalho, Matos (2005) apresenta sua análise quanto à função discursiva dos processos de recategorização. A autora inicia lembrando o quão importante é tratar do aspecto funcional das recategorizações e traz uma proposta de classificação no quadro a seguir, norteador de sua análise:

Figura 4 Quadro das funções das recategorizações por Matos (2005)

Avaliativa	
Não-avaliativa	
De glosa	Por definição
	Por correção
	Por especificação
Estético-conotativa	

Fonte: Matos (2005, p.102)

Matos (2005) considera que, formalmente, as funções do quadro podem se manifestar de diversas formas (paráfrase; nomes gerais, metalinguísticos, especificadores [homônimos]; nomes que designam relação metonímica; expressões nominais). A autora reitera que a seleção semântico-formal dos itens, também, parte de um propósito comunicativo.

Em sua investigação, Matos (2005, p.102) observou que as funções podem “coexistir numa mesma mensagem e, não raro, até se co-auxiliam na construção dos sentidos”. Isto significa que as anáforas podem assumir, simultaneamente, outras funções – glosa, avaliativa, não-avaliativa ou estético-conotativa – que não sejam somente a referencial e predicativa, típicas do processo de recategorização.

Essas funções têm, ainda, segundo Matos (2005), o propósito de evitar repetições, uma vez que é muito comum esse tipo de ocorrência nas recategorizações. Dentro da análise que seguirá, a autora destaca a importância de considerar o contexto de inserção das anáforas, que irão ser vistas somadas umas às outras, além de mostrar que a função de evitar repetição poderá estar junta a qualquer uma das demais elencadas.

Matos (2005) faz uma ressalva quanto à função avaliativa e a não-avaliativa. Essas funções existirão em quaisquer casos de recategorização, mas

serão as únicas a ocorrerem mutuamente e exclusivamente numa mesma situação de recategorização. De acordo com Matos (2005), todas as recategorizações terão uma ou outra função – avaliativa ou não-avaliativa – porém, essas funções poderão apresentar-se juntamente com outras funções do quadro.

Antes de apresentar cada uma das funções sugeridas, Matos (2005, p.103) indica que essas considerações precedentes levam a crer que há uma “multifuncionalidade nas recategorizações” de correntes dos critérios estabelecidos (caráter avaliativo, natureza metadiscursiva e valor estético-conotativo). Em seguida, Matos (2003) inicia explicando cada uma das funções propostas.

A primeira função explicitada por Matos (2005) é a *avaliativa*. Ela consiste numa atribuição axiológica à expressão o termo, ou seja, atribui a ele um juízo de valor, uma opinião, uma posição, expressos pela recategorização em relação a um determinado objeto. Essa atribuição poderá ser verdadeira ou simulada. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) chamaram esse tipo anafórico de “argumentação”. O primeiro exemplo (55) da análise da autora se baseia neles.

(55) O reflexo conservador surpreendeu o vizinho gaulês. A adoção pelo parlamento francês da lei Tubon contra o “franglês” é um exemplo bastante ridículo. **Esta nova anglicização da língua...** (Apothéloz, Béguelin, 1995, p. 5)

Segundo Matos (2005), a recategorização “esta nova anglicização da língua” possui um caráter avaliativo, pois denota um posicionamento ou opinião sobre o referente introduzido no cotexto. Para a autora, essa função contribui como importante recurso argumentativo no texto.

Outro exemplo analisado por Matos (2005, p. 104) é o anúncio publicitário abaixo:

(56) Novo! Gillette MACH 3 Turbo

A Gillette apresenta *uma inovação que vai virar o mundo do barbear de cabeça para baixo*. Com o novo Gillette MACH3Turbo, você tem um barbear mais confortável em qualquer direção, mesmo no sentido contrário ao crescimento dos pêlos. As inovadoras lâminas, os micro-tensores mais flexíveis e a fita lubrificante reforçada garantem que você possa escanhoar

sem irritar a pele. Tudo para um barbear mais suave. Alguém contra? Barbear confortável mesmo quando os pêlos são do contra. Suavidade em todos os sentidos. (anúncio, Revista Veja, maio, 2005, p.76)

Nesse exemplo (56), Matos (2005) destaca a existência de uma anáfora direta total “uma inovação que vai virar o mundo do barbear de cabeça para baixo”, seguida de outras três anáforas indiretas “as inovadoras lâminas”, “os microtensores mais flexíveis” e “a fita lubrificante reforçada”. Como a proposta da autora é focar nas anáforas diretas totais, ela afirma que há uma persuasão muito forte na primeira anáfora destacada conduzindo a uma avaliação positiva em relação ao produto anunciado. O que Matos (2005) percebeu, portanto, foi uma tentativa de apreciação do produto, na tentativa de promover o Gillete MACH 3 Turbo como a melhor opção dentre as demais marcas do mercado.

Matos (2005) disserta que resolveu alterar a nomenclatura de argumentação para avaliação, porque a argumentatividade está presente em todas as recategorizações, não somente em algumas. Sobre isso, Matos (2005, p. 105) reforça que “a função argumentativa, de caráter amplo, é algo inerente a todos os discursos.”. Baseada em Koch (1999), a autora defende que a argumentação não é uma função isolada das demais, ou seja, para ela, há argumentatividade, em maior ou menor grau, presente em todos os contextos. As demais funções funcionarão, então, como propósitos argumentativos.

A segunda função do quadro proposto por Matos (2005), trata-se da *não-avaliativa*. Essa função, ao contrário da anterior, não apresenta um juízo de valor carregado na recategorização. Nesse caso, tem-se uma anáfora com um papel, apenas, atributivo, mas sem trazer uma avaliação ao objeto retomado.

(57) TERMO DE DEPOIMENTO DA PARTE AUTORA

(...) Dada a palavra ao Defensor Público, em prol da promovida, às suas perguntas respondeu: (...) que desde os quinze anos de idade a requerida trabalha; que na época do arbitramento da pensão alimentícia em questão o depoente ainda oferecia ajuda à requerida; (...) que a filha nasceu no mês de junho do ano p.p. de 1980; que a *aludida pensão alimentária* foi acordada no ano p.p. de 1996 (...) (JuTD01- Prottexto)

Nesse exemplo (57), Matos (2005) afirma que há uma remissão à expressão “a pensão alimentícia” através do sintagma “a aludida pensão

alimentaria”, em que há um acréscimo de informações, mas ocorre de forma não-avaliativa, destacando que, nesse gênero, há a predominância de uma objetividade, sem propósitos avaliativos. A autora destaca, também, que o termo “a promovida” é recuperado pelo sintagma “a requerida”, mas defende que não há valor avaliativo. O que há é uma co-significação, pois a autora defende que o que ocorre aí é apenas uma substituição por termos equivalentes da mesma área técnica.

A terceira classificação de Matos (2005) consiste na *glosa*. Essa categoria tem o propósito de promover uma recategorização com o intuito de uma explicitação ou elucidação da natureza ou categoria a qual pertence o referente. Ela subdivide a glosa em 3 tipos: *por definição*, *por correção* ou *por especificação*.

Na *glosa por definição*, Matos (2005) diz que há uma explicação da natureza do objeto com base no discurso por uma expressão nominal ou por uma paráfrase definidora. Matos (2005) destaca que essa função poderá se apresentar através de nomes gerais, nomes metalinguísticos, hiperônimos, nomes que estabeleçam relações metonímicas, nomes especificadores – hipônimos – ou através de outras formas.⁴⁹ Para a autora, é válido ressaltar que o aspecto semântico-formal atua como importante elemento de definidor do referente.

Matos (2005) admite, em sua investigação, que a glosa recategorizadora, mesmo sendo um importante recurso em textos do tipo científico e didático, contribui, também, para outros gêneros. Matos (2005, p.108) utiliza o seguinte exemplo para ilustrar essa categoria:

(58) Duas equipes de pesquisadores dos EUA relatam hoje descobertas que podem levar à produção de drogas mais eficientes contra o antraz. Para destruir *a bactéria*, os potenciais novos remédios teriam um alvo específico... (Folha de S.Paulo, 24 out. 2001, A-10)
(Retirado do exemplo adaptado de Koch, 2004, p.72)

Nesse exemplo (58) retirado de Koch (2004), há apresentação de um hiperônimo “a bactéria” como estrutura remissiva ao sintagma “o antraz”. Dessa forma, configura-se como uma definição, expressa por uma explicação metalinguística precisa a respeito do referente apresentado de forma nova.

⁴⁹ Não explicitamos cada um dos tipos com os respectivos exemplos, mas ilustramos dois casos para melhor apreensão da glosa por definição.

Apesar de Koch (2004) reconhecer a existência dessas anáforas como uma forma de atualizar conhecimentos por meio de glosas – hiperônimos, Matos (2005, p.109) assegura que não é só por meio de hiperônimos que a glosa por definição poderá consistir. Para ilustrar isso, a autora apresenta um novo exemplo (59):

(59) Feias, sujas e imbatíveis

As baratas estão na Terra há mais de 200 milhões de anos, sobrevivem tanto no deserto como nos pólos e podem ficar até 30 dias sem comer. Vai encarar?

(...) Mas mesmo tomando todos os cuidados necessários, o contato com *as monstregas* é inevitável, seja em casa, no trabalho e, principalmente, ao ingerir alimentos. (...) “Os locais campeões em incidência *desses insetos* são as padarias, onde há oferta abundante de alimento, utensílios domésticos e esconderijos”, conta.

(...) Recapitulando: as baratas são feias, nojentas e fazem mal à saúde. Então, qual a utilidade *desses bichos* no mundo? A resposta divide os pesquisadores. De um lado, há os que, como Milano, defendem o *animal*. (Reportagem Revista Galileu, fev. 2004, p.28)

No exemplo (59), Matos (2005) considera que as expressões marcadas retomam o referente “as Baratas”. Ao serem recategorizadas como “as monstregas”, há uma atribuição pejorativa, possuindo, portanto, uma função avaliativa. Matos (2005) ainda esclarece que as demais anáforas – “esses insetos”, “esses bichos” e “o animal” – desempenham um papel diferente, o papel de glosa por hiperônimo, tendo em vista que barata pode ser definida como um inseto, bicho e/ou animal.

Na *glosa por correção*, Matos (2005) esclarece que o falante recategoriza com o objetivo de fazer uma negação, uma correção, uma reformulação numa expressão anterior, trazendo uma outra como substitutiva e deixando marcada a alteração feita em virtude da inadequação da primeira nomeação. Esse papel poderá ser executado por expressões nominais ou paráfrases e poderá, ainda, se assemelhar à glosa por definição em relação às características semântico-lexicais, mas se difere na possibilidade de ocorrer, de modo específico, após expressões corretivas como “ou melhor/ quer dizer”, entre outros comentários metalinguísticos.

Matos (2005) destaca dois olhares para essa noção de correção, o de Mondada e Dubois (1995) e a de Koch (2004). Para as primeiras autoras, Matos

(2005) afirma que elas admitem que a correção poderá aparecer tanto em textos orais como em escritos e não se apresentarão apenas em forma de rasuras, mas também como subversão da linearidade do texto na forma de recategorização, conforme ilustram com o exemplo abaixo:

(60) Se me for permitido contar, falarei da série de provações que me foram necessárias para encontrar ‘um quarto’..., não, ‘*uma toca*’ no Grande Albergue da Europa, administrado pelo osignore Pietro Roberti. (Achard, Montebello, Magenta, Marignan. *Lettres d’Italie* (mai et jun, 1859), Paris, 1859; 50) (Mondada e Dubois, 1995, p. 31)

O que se aponta no exemplo (60), segundo Matos (2005), é que o termo “uma toca” reconfigura o referente anterior “um quarto”. Além disso, é possível perceber que o advérbio de negação “não” sinaliza uma reprovação do locutor em relação à nomenclatura empregada, trazendo uma nova definição para o referente logo em seguida.

A função de *glosa por especificação*⁵⁰ é definida, segundo Matos (2005), como aquela em que uma recategorização será explicitada de forma específica, saindo de um sentido geral para um particular. A autora toma Koch (2004) para justificar esse processo. Para Koch (2004), existem “anáfora especificadoras”, que são utilizadas para refinar as categorias através de uma relação hipônimo/hiperônimo, que trarão de forma compacta ao discurso novas informações sobre os objetos do discurso.

(61) Uma catástrofe ameaça uma das últimas colônias de gorilas da África. *Uma epidemia de Ebola* já matou mais de 300 desses grandes macacos no santuário de Lossi, no noroeste do Congo. Trata-se de uma perda devastadora, pois representa o desaparecimento de um quarto da população de gorilas da reserva. (retirado de Koch, 2004, p.74)

Matos (2005) afirma ser fácil identificar tal função no exemplo (61), uma vez que um referente foi introduzido de forma genérica através do sintagma “uma

⁵⁰ Matos (2005) apresenta mais de um exemplo, inclusive relacionando a glosa por especificação a outros tipos de glosa, contudo, nos limitamos a expor um caso apenas para ilustrar a função especificada pela recategorização explorada.

catástrofe” e, em seguida, a catástrofe anunciada foi traduzida como “Uma epidemia de Ebola”, que se traduz como um nome específico. Esse é um exemplo de recategorização que ilustra a função discursiva de *glosa por especificação*.

A última função do quadro proposto por Matos (2005) é a *estético-conotativa*. Ela se encontra presente, segundo Matos (2005), comumente, nos textos literários, mas não apenas nestes. A recategorização acontece, nessa função, como um ato de retorno para si mesma, abrindo-se para a possibilidade de vários sentidos. A expressão recategorizadora, de acordo com Matos (2005), se “autocentra”, destacando suas características semântico-lexicais aplicadas ao referente, enfatizando essas propriedades mais do que o conteúdo nocional. Isso significa que a expressão recategorizadora extrapola sua significação denotativa e referencial para assumir a pluralidade de significados que se apresentam os objetos discursivos.

De acordo com Matos (2005, p.122), a recategorização passa a ter uma função primordial de “recriar os referentes a partir de um mundo ficcional, no qual se constrói uma rede de relações inferenciais complexas e ambíguas”, mas que não deixam de promover a coerência à leitura. A autora exemplifica:

(62) ENIGMA

Não suponho. Creio

na força universal que move o mundo,
ordenando e desordenando a natureza.

Essa mesma força que torna o mar bravio

traz a tempestade impiedosa,
a fúria indesejável do vento,

os terremotos, furacões,
cataclismas e enchentes devastadoras.

Essa mesma força universal

*que cria o ar puro das montanhas,
a mansidão das águas, o céu azul e limpo,
as noites poéticas de luar.*

(Poema de Ary de Albuquerque, 2003, p.60)

Matos (2005) considera que a função estético-conotativa no poema é marcada pelas recategorizações “essa mesma força que torna o mar bravio” e

“essa mesma força universal que cria o ar puro das montanhas, a mansidão das águas, o céu azul e limpo, as noites poéticas de luar”, que tem como referente inicial o sintagma “a força universal que move o mundo”. Matos (2005) afirma que o valor conotativo dessa paráfrase se deve à linguagem metafórica, considerada também estética.

Matos (2005) toma Jaguaribe e Cavalcante (2002) para confirmar a referência literária como “extremamente instável e multiforme”, onde o processamento ocorre, na maioria das vezes num plano cognitivo-discursivo, desencadeando mudanças de sentido que não estão explícitas no modo de designação.

Para comprovar a ideia de que a função estético-conotativa está presente, na maior parte, nos textos literários e que se concretiza, muitas vezes, através de uma estratégia de repetição, Matos (2005, p. 126) ilustra com o seguinte caso:

(63) Havia um menino, que tinha um chapéu
para pôr na cabeça
por causa do sol.
Em vez de um
gatinho
tinha um caracol.
Tinha o caracol
dentro de um
chapéu;
fazia-lhe cócegas
no alto da cabeça
Por isso ele andava
depressa, depressa
p’ra ver se chegava
a casa e tirava
o tal caracol
do chapéu, saindo
de lá e caindo
o tal caracol.
Mas era, afinal,
impossível tal,

nem fazia mal
 nem vê-lo, nem tê-lo:
 porque o *caracol*
 era do cabelo. (Poema Fernando Pessoa, s/d)

No exemplo (63), Matos (2005) deixa claro que não há dúvidas no processo de recategorização cognitiva que o referente “caracol” sofre ao longo do texto, acarretando numa ressignificação desse referente. A autora declara que, a princípio, o “caracol” estaria se tratando de um “molusco”, uma vez que as pistas orientam para essa constatação, como, por exemplo, “fazer cócegas na cabeça” e “em vez de gatinho, tinha um caracol”, o que permite supor tratar-se de um ser animado. Essa suposição é desfeita quando, ao progredir, o texto denota que “o caracol era do cabelo”. Matos (2005), portanto, afirma haver uma transformação em dois sentidos: no plano cognitivo-referencial (relacionado às inferências) e no plano semântico-lexical (relacionado ao efeito de sentido). Sendo, assim, a autora crê que essa estratégia de recategorizar esteja imbricada na função estético-conotativa.

O que Matos (2005) conclui com a explicitação das funções discursivas da recategorização é que todas essas funções deverão ser observadas de acordo com a intenção do produtor, ou seja, o ponto de vista que ele pretende construir dentro de determinados contextos, pois o que Matos (2005, p.127) pretendeu em sua pesquisa “foram as recategorizações a partir das situações de uso.”, além de mostrar que as funções designadas podem ocorrer mutuamente, atuando de forma conjunta na construção de sentidos.

No próximo tópico, Lima (2009) aprofunda, em sua tese, sobre o caráter cognitivo da recategorização, agora numa relação metafórica e metonímica numa interface com a Linguística Cognitiva.

2.6 ENTRE OS DOMÍNIOS DA METÁFORA E DA METONÍMIA: UM ESTUDO DE PROCESSOS DE RECATEGORIZAÇÃO – LIMA (2009)

A proposta de investigação do fenômeno da recategorização desenvolvida por Lima (2009), configura-se como uma proposta por demais inovadora. Tal como sua

proposta de estudo de 2003 (LIMA, 2003), a autora busca, numa interface com a Linguística Cognitiva, um modelo para explicitar de forma muito aprofundada os processos de recategorização.

Partindo do trabalho precursor de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e de outros estudos, originados, é claro, desta proposta pioneira tais como: Cavalcante (2003), Lima (2003), Tavares (2003) e Ciulla e Silva (2008), a autora embora admitindo os consideráveis avanços na descrição do fenômeno, a partir, de sua abordagem primeira, esclarece que ainda não há uma descrição satisfatória do fenômeno da recategorização, considerando-se a descrição dos aspectos cognitivos que são peculiares do fenômeno e, que, inclusive, podem redimensionar a sua proposta concepção (LIMA, 2009).

Assim, o estudo de Lima (2009), propõe uma noção mais ampla do fenômeno da recategorização para além da proposta pioneira de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), ao considerar que “pelo nosso entendimento, [a recategorização], pode, ou não, revelar-se por, e concentrar-se em, expressões referenciais indo além do que propõem Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), que restringem a sua abordagem às recategorizações lexicais” (LIMA, 2009, p. 12). Assim, em sua proposta Lima (2009) propõe a investigação de ocorrências de recategorização licenciadas por metáforas e metonímias, recorrendo a uma proposta de interface entre a Linguística de Texto e a Linguística Cognitiva, para uma melhor descrição do fenômeno e, abrindo, assim, a abordagem para uma perspectiva cognitivo-discursiva. Esclarece, ainda Lima (2009) que a interface por ela elegida, é necessária para validação das hipóteses de seu estudos, a saber: (1) a da existência de um tipo de recategorização por interação metáfora-metonímia; e, (2) a da abordagem das recategorizações licenciadas por metáforas e metonímias na perspectiva de um *continuum* (LIMA, 2009, p. 12).

Para Lima (2009) ao propor uma interface entre as duas áreas, o objetivo é possibilitar uma explicitação do processamento cognitivo subjacente à ocorrência de recategorizações licenciadas por metáforas e metonímias. Em decorrência disso, como muito bem diz a autora, será dado um peso maior a Linguística Cognitiva, entretanto, isso não significa o alijamento ou a diminuição dos estudos já desenvolvidos em Linguística de Texto, centrados, em sua maioria, numa perspectiva textual-discursiva. Para ela, longe disso resultar numa “queda-de-braço” entre as áreas, o objetivo é justamente o de propiciar um diálogo entre elas, em que o foco seja a ampliação da abordagem da recategorização tanto em termos descritivos como

explanatórios, visto que isso, conforme a própria Linguística de Texto já admite, trata-se de um “fenômeno de natureza complexa cuja explicitação não se esgota na superfície do texto” (LIMA, 2009, p. 13), essa constatação posta pela autora é decorrente de trabalhos de Marcuschi e Koch (2002), Cavalcante (2005) e Marcuschi (2005). Daí, advogar de forma tão veemente a necessidade de adentrar no nível das estruturas e funcionamento cognitivo.

O trabalho de Lima (2009) encontra-se estruturado em três capítulos. O primeiro deles trata da perspectiva da Recategorização, a partir de uma análise sistemática dos diversos trabalhos que se propõem a investigar o fenômeno, desde a sua visão pioneira com o artigo precursor de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), às críticas oriundas de estudos, como os de Ciulla e Silva (2008), Matos (2005) e Tavares (2003), que pontuam, sobretudo, a falta de uma consistência da proposta pioneira do estudo da recategorização. Interessa-nos, neste primeiro capítulo do estudo de Lima (2009), o redimensionamento realizado na concepção do fenômeno da recategorização de modo que se possam vislumbrar os processos cognitivos subjacentes ao processo, sobretudo, aqueles de natureza metafórica e metonímica, ainda, pouco estudadas no interior da Linguística de Texto, enfatizando, assim, o caráter cognitivo do processo. Ao fazer esta proposta de redimensionamento do processo de recategorização, Lima (2009) reafirma que o processo é de natureza cognitivo-referencial, derivado da categorização na recategorização. Assim, este pressuposto, desdobra-se em:

i) a recategorização nem sempre pode ser reconstruída diretamente no nível textual-discursivo, não se configurando apenas pela remissão ou retomada de itens lexicais; ii) em se admitindo (i), a recategorização deve, em alguns casos, ser (re)construída pela evocação de elementos radicados num nível cognitivo, mas sempre sinalizados por pistas linguísticas, para evitar-se extrapolações interpretativas; iii) em decorrência (ii), a recategorização pode ter diferentes graus de explicitude e implicar, necessariamente, processos inferenciais (LIMA, 2009, p. 57).

Ademais, pontua a autora, que embora não seja o seu foco, em sua proposta, assumirá, também, que a recategorização, enquanto estratégia de designação, sempre estará a serviço de um propósito comunicativo, assim como proposto em sua concepção primeira, oriunda da Linguística de Texto. Entretanto, esclarece Lima (2009), que o intuito de sua proposta é investigar o fenômeno de uma forma mais ampla, sobretudo, tratando os aspectos semânticos e pragmáticos de forma conjunta, de modo, a promover “uma descrição adequada ao nível de explanação, isto é, ao

nível cognitivo-referencial” (LIMA, 2009, p. 57).

No capítulo dois, Lima (2009), preocupa-se em explicitar sobre a Linguística Cognitiva, modelo teórico elegido por ela, para a proposta de interface. Neste capítulo, ela apresenta a emergência do contexto de surgimento da Linguística Cognitiva ainda na década de 1980. Além de uma análise pormenorizada do contexto de surgimento deste ramo da Linguística, ainda, neste capítulo, detalha, Lima (2009), sobre a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI) de 1987, lançada por George Lakoff. Sobre isso, diz, Lima (2009) que:

Na proposição de seu modelo teórico, o autor afirma a tese de que o conhecimento é organizado por meio de estruturas, as quais denomina de Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), defendendo, ainda, que a estrutura de categorias e os efeitos prototípicos resultam dessa organização (LIMA, 2009, p. 73).

É a partir, mais precisamente da TMCI, que a proposta de reconfiguração da recategorização, defendida por Lima (2009) se assenta. É óbvio que, no estudo da autora, toda essa teoria encontra-se de forma bastante explicitada e esmiuçada, como nosso propósito, centra-se, em analisar os avanços de cada proposta de estudo sobre recategorização, não nos deteremos em apresentar aqui de forma pormenorizada este aporte teórico.

No capítulo três, Lima (2009), propõe a proposta da interface. Assim, considerando o fenômeno da recategorização numa perspectiva cognitivo-referencial, neste capítulo, ao propor uma interface entre a Linguística de Texto e a Linguística Cognitiva, o propósito é ampliar o universo do tema, restrito, apenas a primeira, e, que, dada sua complexidade dinâmica, não se restringe apenas aos processos de remissão e retomada de itens lexicais. Assim, em sua proposta, Lima (2009), advoga em favor de um tipo de recategorização instanciado pela interação entre metáfora e metonímia, compreendendo, ainda que, dada a estreita relação que mantem entre si, os processos de recategorização, devam, ainda, ser tratados na perspectiva de um *continuum*.

No mesmo capítulo, Lima (2009), trata dos procedimentos metodológicos. Para tanto, adota o método hipotético-dedutivo. Suas hipóteses são formuladas a partir das lacunas oriundas da explicitação do próprio fenômeno da recategorização, especialmente, quando se trata da explicitação dos mecanismos cognitivos que,

necessariamente, se imbicam no processo. Assim, ao constatar a lacuna existente, a autora, levanta como hipótese primária “de que o processo de recategorização pode ser redimensionado mediante o seu estudo na interface entre a Linguística de Texto e a Linguística Cognitiva” (LIMA, 2009, p. 138). Formulada a hipótese principal, surgem outras duas, que, na sua visão, particularizam ainda mais o recorte da investigação:

- a) Na atividade discursiva, o processo cognitivo da interação metáfora-metonímia instancia expressões linguísticas recategorizadoras;
- b) A visão de um *continuum* no tratamento das recategorizações instanciadas por metáforas e metonímias permite a sistematização de casos de recategorização com coocorrência dos dois processos cognitivos (metáfora e metonímia) (LIMA, 2009, p. 139).

As hipóteses foram testadas a partir da análise qualitativa do *corpus*. O *corpus* é constituído de quatro poemas da literatura brasileira: (i) “Quando eu morrer”, de Castro Alves; (ii) “De profundis”, Da Costa e Silva; (iii) “A morte é que está morta”, de Mário Quintana; e, (iv) “Consoada” de Manuel Bandeira.

Os procedimentos de análise adotam quatro fases:

1. Esquematização dos poemas a partir da aplicação da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (TMCI), focalizando o processo de recategorização, para fornecer o quadro preliminar de análise.
2. Análise qualitativa dos poemas a partir da esquematização proposta, estabelecendo, na descrição das ocorrências de recategorização licenciadas por metáfora e metonímias, a interface entre a Linguística de Texto e a Linguística Cognitiva.
3. Proposta interpretativa das ocorrências de (re)categorização instanciadas por metáforas e metonímias, na perspectiva de um *continuum*.
4. Proposição de um redimensionamento do processo de recategorização, a partir das evidências encontradas na análise (LIMA, 2009, p. 142).

Ademais, esclarece a autora que os passos 1 e 2, serão divididos para efeito didático, na análise serão desenvolvimento simultaneamente.

Na aplicação do modelo de análise, Lima (2009), elege 5 passos, a partir, das hipóteses delineadas. Vejamos:

Passo 1: divisão do poema, seguindo a progressão tópica, acrescida da descrição da temática principal das partes;

Passo 2: Definição dos *frames* evocados pelo conjunto de

expressões linguísticas constituintes de cada segmento textual resultante da divisão do poema;

Passo 3: Definição da ontologia dos *frames*, constituída de elementos minimamente necessários, levando em consideração que um elemento ontológico de um *frame* pode constituir um novo *frame*;

Passo 4: Identificação e descrição dos modelos metafóricos (e possíveis acarretamentos) e dos modelos metonímicos nos segmentos textuais constituintes de cada um desses *frames*, destacando também, quando for o caso e a benefício da descrição, os modelos de esquemas de imagens estruturadores dos dois tipos de MCIs referidos;

Passo 5: Seleção e descrição das ocorrências de recategorização identificadas a partir das etapas desenvolvidas no Passo 4 (LIMA, 2009, p. 143).

Ao aplicar o modelo de análise proposto, pontua, Lima (2009), que pretende apresentar dados qualitativos que permitam a validação de suas hipóteses, que envolvem:

- i) Redimensionamento do processo de recategorização mediante o seu estudo na interface com a Linguística Cognitiva;
- ii) A existência de um tipo de recategorização por interação metáfora-metonímia;
- iii) A proposição do tratamento das recategorizações licenciadas por metáforas e metonímias, na perspectiva de um *continuum* (LIMA, 2009, p. 144).

Em suas análises, Lima (2009), ratifica que a interface entre as duas áreas possibilita uma descrição de referentes que não se encontram expressados textualmente, comprovando aí, a sua tese de que podem ser (re)construídos via processos de inferenciação, tendo como ancora os modelos cognitivos. Assim, fica explícita a assunção da autora, ao advogar em favor de que o processo de recategorização pode, ou não, revelar-se por, e se concentrar em, expressões referenciais, exigindo, assim, um redimensionamento de sua natureza.

Fizemos, portanto, para ilustrar esse olhar para o fenômeno da recategorização, um recorte da análise de Lima (2009). De antemão, deixamos claro que não fizemos um recorte de uma análise completa, assim como a autora constrói, pois trata-se de uma extensa análise com várias etapas, mas acreditamos que o

trecho retirado contemplará a necessidade de confirmação da tese da autora.

(64) Parte 1: O enunciador pensa na morte (cf. título “Quando eu morrer”), no que ele não deseja para si, e lhe cria um cenário.

Quando eu morrer... não lancem meu cadáver

No fosso de um sombrio cemitério...

Odeio o mausoléu que espera o morto

Como o viajante desse hotel funéreo.

Corre nas veias negras desse mármore

Não sei que sangue vil de messalina,

A cova, num bocejo indiferente,

Abre ao primeiro a boca libertina. [...]

Conforme análise de Lima (2009), nos dois primeiros versos do poema, já encontra-se presente o *frame* de morte, em que se destacam os elementos “cadáver”, “mausoléu” e “cova” como integrante deste mesmo frame, e que são esquematizados pela autora do seguinte modo:

Frame 1: **MORTE**

“Quando eu morrer... não lancem meu cadáver

No fosso de um sombrio cemitério...”

A) Elementos: CADÁVER

FOSSO [COVA]

CEMITÉRIO [instaura, na progressão textual, o *Frame* 2]

B) Modelos metafóricos/metonímicos:

Cadáver refere um ser inerte, desatento, como um corpo de uma pessoa que dorme.

A INATIVIDADE DO CORPO PELA MORTE (metonímia EFEITO PELA CAUSA)

A MORTE É SONO (metáfora)

A morte ocorre quando cessa o funcionamento do órgão vital (coração) responsável pelo bombeamento de sangue (fluido) para o corpo, que produz energia (calor), fonte da vida.

A MORTE É PERDA DE FLUÍDO (metáfora)

A MORTE É FRIA (metonímia)

Lancem meu cadáver no fosso de um sombrio cemitério refere o ato de jogar

na cova e, por consequência, o ato de enterrar.

De acordo com vários sistemas de crenças sobre a morte dos seres humanos, ela é entendida como o estágio em que o espírito deixa o corpo (se separa dele), e este passa a não ter nenhuma outra função, havendo o seu descarte pelo enterro numa cova.

O DESCARTE DO CORPO PELA MORTE (metonímia EFEITO PELA CAUSA)

A MORTE É DESCARTE DO CORPO (metáfora)

A MORTE É PARA BAIXO (metáfora) QUANTO MAIS PROFUNDO MAIS ESCURO

A MORTE É ESCURIDÃO (metáfora) (LIMA, 2009, p. 149).

Sobre este primeiro frame, Lima (2009) diz que a conceitualização da morte é realizada pelas metáforas A MORTE É SONO, A MORTE É PERDA DE FLUÍDO, A MORTE É PARA BAIXO, A MORTE É ESCURIDÃO e A MORTE É DESCARTE DO CORPO, bem como, pelas metonímias A INATIVIDADE DO CORPO PELA MORTE e O DESCARTE DO CORPO PELA MORTE, numa relação de EFEITO PELA CAUSA, bem como a metonímia A MORTE É FRIA. Como pontua a autora, as duas primeiras metáforas, são descritas por Lakoff e Turner (1989), que ao melhor detalharem a metáfora A MORTE É SONO, explicam, a partir da percepção de que o cadáver possui a aparência de uma pessoa que dorme, estando inativa e desligada do mundo.

Desse modo, a morte é encarada como uma espécie de sono, um sono eterno, do qual nunca se acorda. A metáfora A MORTE É PERDA DE FLUIDO é descrita pelos autores em paralelo com a metáfora A VIDA É UM FLUIDO DENTRO DE UM CORPO, aqui o corpo corresponde a um container, sendo que a quantidade de fluido dentro do container equivale à intensidade da vida. As metáforas A MORTE É PARA BAIXO, A MORTE É ESCURIDÃO e A MORTE É DESCARTE DO CORPO, de modo especial, as duas primeiras, vão ser recorrentes ao longo do desenvolvimento do poema, ancorado de igual modo.

Nesse primeiro *frame*, Lima (2009) pontua, quanto à recategorização, que as metáforas de A MORTE É PARA BAIXO, A MORTE É ESCURIDÃO e A MORTE É DESCARTE DO CORPO irão contribuir para esse processo através de uma ancoragem em expressões linguísticas recategorizadoras, principalmente as duas primeiras, pois irão aparecer com maior frequência ao longo do texto. A autora coloca que essas expressões já irão aparecer no frame seguinte, mesmo sem ancoragem nas metáforas mencionadas, encerrando a estrofe e inaugurando o frame cemitério,

conforme Lima (2009, p.150) ilustra:

Frame 2: CEMITÉRIO

“Odeio o mausoléu que espera o morto
Como o viajante desse hotel funéreo.”

Nesse segundo *frame*, Lima (2009, p.151) destaca os seguintes elementos:

MAUSOLÉU [CONSTRUÇÃO PARA MORTOS]
MORTO
VIAJANTE (recategorização de morto)
HOTEL FUNÉREO (recategorização de mausoléu)
[HOSPEDAGEM PROVISÓRIA – Elemento do frame que inaugura um script]

Quanto a classificação dos modelos metafóricos/metonímicos, Lima (2009, p.151) elenca o seguinte:

“Odeio o mausoléu que espera o morto
Como o viajante desse hotel funéreo.”

A MORTE É UMA PARADA FINAL (metáfora)
O MORTO É UM VIAJANTE (metáfora)
O MAUSOLÉU É UMA HOSPEDARIA (metáfora)

A autora afirma que, nesse segundo *frame*, há a ocorrência de duas recategorizações metafóricas: a de “mausoléu como hotel funéreo” e a de “morto como viajante”. Para Lima (2009), ainda que essas recategorizações estejam explícitas no cotexto, elas também se apresentam ancoradas nos modelos metafóricos mencionados. A autora chama a atenção para a construção dos sentidos de tais recategorizações, uma vez que não está limitada à facilidade de identificação dos referentes por expressões recategorizadoras no cotexto, explicitados na superfície do texto. O que ocorre, portanto, segundo a autora, é uma relação com base num MCI, de onde se extrai o *frame* CEMITÉRIO, que permite a construção do sentido, conforme a autora apresenta na análise. Lima (2009) também esclarece sobre a possibilidade da recategorização “mausoléu como hotel funéreo” inaugurar um *script* (hospedagem provisória). O sentido que se constrói, portanto, é de que o morto é o viajante e o mausoléu é a hospedagem, onde o morto fica como hóspede até poder embarcar para uma outra dimensão, que poderá ser entendida como um

outro mundo ou outra vida, esclarece a autora. Ela complementa afirmando que esse entendimento é deliberado pelo *frame* 4, responsável, ainda, pela progressão referencial do poema.

As recategorizações continuam a estabelecer e construir sentidos ao longo da análise. Lima (2009, p.151) apresenta o *frame* 3:

Frame 3: MAUSOLÉU

“Corre nas veias negras desse mármore
Não sei que sangue vil de messalina”,

Conforme a análise de Lima (2009), p. 152), os elementos decorrentes do *frame* 3 apresentarão várias recategorizações:

MÁRMORE (recategorização de mausoléu)
VEIAS NEGRAS (recategorização de desenhos da superfície do mármore)
SANGUE VIL (recategorização de matéria que constitui o mármore)
MESSALINA (recategorização de pecado)

Quanto aos modelos metafóricos e metonímicos decorrentes desse *frame*, Lima (2009, p. 152) destaca:

Corre nas veias negras desse mármore

O MÁRMORE POR MAUSOLÉU (metonímia MATÉRIA PELA CONSTRUÇÃO)
O MAUSOLÉU É ESCURIDÃO (metáfora)
O MAUSOLÉU É UM ORGANISMO (CORPO) VIVO (metáfora)
ACARRETAMENTOS: ESSE CORPO TEM VEIAS.
VEIAS NEGRAS ESTÃO POR CORPO (metonímia PARTE PELO TODO)
O MÁRMORE É FRIO (metonímia)
A MORTE É FRIA (metonímia)
AFEIÇÃO É CALOR (metáfora)

Não sei que sangue vil de messalina,

Nas veias negras corre sangue vil de messalina
SANGUE ESTÁ POR FLUIDO E FLUIDO POR MATÉRIA QUE CONSTITUI O MÁRMORE (metonímia)
Sangue de messalina refere-se a sangue imoral, pecado.
MESSALINA ESTÁ POR PECADO (metonímia)

Sangue vil refere-se a sangue ruim, sangue pecaminoso.
 PECADO É PARA BAIXO (metáfora) PECADO É ESCURO
 (metonímia)

A autora esclarece, *de acordo com o frame 3*, que o mausoléu agora não será mais visto apenas como um espaço destinado para mortos, mas será, também, personificado. Isso se dá a partir de um conjunto de recategorizações ligadas umas às outras: “mausoléu como mármore” está relacionada a “desenhos da superfície do mármore como veias negras”, “matéria que constitui o mármore como sangue vil” e “pecado como messalina”.

Lima (2009) considera que as quatro recategorizações identificadas no *frame 3* têm especificidades que carecem de apresentação. Primeiramente, a autora pontua um processo metonímico ao se ter mármore tomado por mausoléu (matéria pela construção) e, ao mesmo tempo, há uma recategorização metafórica onde mausoléu é reconhecido como um organismo vivo (MAUSOLÉU É UM CORPO). De acordo com Lima (2009), essa recategorização não aparece explicitada no contexto. Esse reconhecimento se dá por inferências e dependem de um processamento cognitivo em relação às outras recategorizações que estão presentes no *frame 3* (“desenhos da superfície do mármore como veias negras”, “matéria que constitui o mármore como sangue vil” e “pecado como messalina”). Com base nessa construção, a autora diz que o mausoléu, como metáfora, é um corpo com veias negras onde percorre o sangue vil de messalina. Nesse sentido, Lima (2009) considera “mausoléu como mármore” uma recategorização que possui os processos metafórico e metonímico integrados que instanciam uma expressão recategorizadora. Ainda de acordo com a autora, da recategorização metafórica “mausoléu como organismo vivo” infere-se a metáfora A VIDA É UM FLUIDO DENTRO DE UM CORPO.

Quanto às expressões recategorizadoras “veias negras”, “sangue vil” e “messalina”, a autora analisa que os referentes ligados a essas recategorizações só se consolidam num plano de estrutura e funcionamento cognitivo, ou seja, só podem ser recuperados por meio de metáforas e metonímias que licenciam tais expressões, sendo, portanto, recategorizações em que os referentes são ativados por meio de inferências num processo essencialmente cognitivo. Lima (2009) conclui que as representações metonímicas desse processamento são VEIAS NEGRAS POR MAUSOLÉU, SANGUE VIL POR SUBSTÂNCIA QUE CONSTITUI O MÁRMORE E MESSALINA POR PECADO. A autora pontua, ainda, a integração dessas três

metonímias, pois podem ser licenciadas por um processo metafórico simultâneo, ocorrendo a metáfora MAUSOLÉU É UM ORGANISMO (CORPO) VIVO.

A conclusão que Lima (2009) chega a respeito dessas quatro recategorizações é que elas podem consistir em ocorrências de recategorização por interação metáfora-metonímia. Paralelamente, a análise da autora confirma o caráter cognitivo-referencial inerente a esse processo por evidenciar a existência de referentes que só se efetivam através de uma ancoragem em modelos cognitivos.

Esse recorte ilustra como a interface entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva está a serviço da construção da recategorização, pois embasa a necessidade do fenômeno de ser explicado em fundamentos mais amplos, como é o caso da recategorização metafórica e metonímica explorada nas análises da autora, denotando maiores ou menores graus de explicitude e implicitude no texto.

Avançamos em nossa descrição trazendo a contribuição da tese de Custódio Filho (2011) para o fenômeno da recategorização, especificamente.

2.7 MÚLTIPLOS FATORES, DISTINTAS INTERAÇÕES: ESMIUÇANDO O CARÁTER HETEROGÊNEO DA REFERENCIAÇÃO – CUSTÓDIO FILHO (2011)

Custódio Filho (2011) introduz sua pesquisa resgatando que a questão da referência sempre foi uma temática de grande relevância para a Linguística no que tange à produção de sentidos e a relação com o signo linguístico, além da relação, também, com o co(n)texto, e que a Linguística de Texto, por ter esse direcionamento de investigação, se concentrou em tratar da referência desde o início da disciplina, quando a relação anafórica correferencial já fazia parte das análises transfrástica.

Segundo Custódio Filho (2011), a referência sempre foi uma preocupação da Linguística Textual – desde quando era fundamento para explicação de fenômenos relacionados à coesão e coerência – como objeto de pesquisa e passou a ganhar mais destaque no final do século XX com o *boom* do caráter cognitivo-discursivo da referenciação, onde “língua e realidade são instâncias constitutivamente instáveis” baseadas numa atividade interativa que contribuem

para a construção das versões da realidade pelos falantes, se contrapondo a uma visão representacional da referência.

A ideia do referir, para Custódio Filho (2011), vem do caráter construtivista assumido por essa atividade, admitindo que a construção da referência está centrada em diversos fatores, como os papéis, expectativas e valores que são inerentes aos interlocutores, por isso, que atribui-se à referência um caráter discursivo-social, pois é um procedimento que não se consolida fora da situação de comunicação, determinando os pontos de vista que atuarão sobre os objetos a que se referem. Custódio filho (2011) afirma que esse pressuposto permitiu que a Linguística Textual explorasse a natureza discursiva do ato de referir com muita propriedade.

Ao assumir que por traz do ato de referir existe um processo dinâmico em que os objetos se constroem pelos sujeitos a partir de interações linguísticas para re(construir) as realidades baseadas nas suas percepções do mundo, Custódio Filho (2011) corrobora com Mondada e Dubois (1995) ao intitular esse processo como referenciação, destacando que além de ser uma ação social é também uma atividade cognitiva, uma vez que existe um processamento intelectual por parte dos sujeitos que permitem a produção e compreensão dos textos através do conhecimento construído pela bagagem mental.

Para Custódio Filho (2011), não é surpreendente que a questão da referência esteja centrada no campo de investigação da Linguística Textual, pois a relevância no caráter sociocognitivista do fenômeno evidencia a tendência marcante do sociocognitivista no cenário atual da área. O autor afirma que nessa área centram-se muitos trabalhos que procuram explicar a produção de sentido nos textos a partir de uma atividade referencial.⁵¹

Custódio Filho (2011) coloca que muitos trabalhos no campo da referenciação foram desenvolvidos. Inicialmente, apresentaram-se discussões mais gerais que estavam mais relacionados com a progressão e continuidade textual. Em seguida, outros mais específicos foram elaborados, abrangendo fenômenos mais pontuais da área, como, anáfora indireta, anáfora

⁵¹ Essa contextualização sobre o referente se torna importante para nosso trabalho, porque direciona a posição que Custódio Filho (2011) em relação à que perspectiva ele irá assumir na sua discussão e que estará relacionada ao fenômeno da recategorização, nosso objeto principal.

recategorizadora, anáfora encapsuladoras e a dêixis. Custódio (2011) afirma que esses trabalhos acabaram por objetivar análises que direcionavam à relação de uma expressão referencial com um continente verbal – oral ou escrito - ligada à ela, não se limitando apenas às ligações correferenciais, mas a todas àquelas mencionadas anteriormente.

Na visão de Custódio Filho (2011), os últimos estudos na Referenciação têm se preocupado em esclarecer que a atividade referencial vai muito além do que uma relação entre uma expressão referencial e uma porção verbal. Essa afirmação carrega uma tese sobre a referência que permite afirmar que ela poderá existir sem que haja obrigatoriamente uma menção referencial, dessa forma a Linguística Textual postula, a partir de diversas perspectivas, que o texto é um “objeto dinâmico e multifacetado”.

Essa visão do autor permite constatar que há uma complexidade que envolvem as estratégias textual-discursivas e que resulta em admitir que a referenciação é um fenômeno sociocognitivo-discursivo complexo e com múltiplas possibilidades de manifestação. Nesse sentido, Custódio Filho (2011) considera que o surgimento de um referente no texto extrapola a mera expressão referencial.

Custódio Filho (2011), a partir do panorama apresentado, evidencia que todos os estudos desenvolvidos no campo da referenciação foram interessantes para mostrar pressupostos consistentes e análises pertinentes sobre o referente, com a explicação sobre as diversas possibilidades de relações presentes nos diversos segmentos textuais. Isso tudo, segundo o autor, torna-se base para a ampliação do “arcabouço teórico da referenciação”, fortalecendo o que ele chama de “caráter constitutivamente heterogêneo do fenômeno”.

Essa discussão desenvolvida por Custódio Filho (2011) tem o propósito de salientar pontos que nortearão sua investigação no campo da referenciação, pois ficaram lacunas que envolvem, também, o fenômeno da recategorização, como a construção da referência sem menção referencial, tendo em vista a abertura sobre reflexões sobre o texto como algo não exclusivamente verbal (relação da multimodalidade com os processos referenciais); e a investigação de estratégias referenciais em textos mais longos – textos de interação interrompida –, uma vez que a relação dos interlocutores com esses textos é diferente daquelas em textos curtos.

Sobre esse segundo ponto, Custódio Filho (2011, p. 16) afirma que:

[...] Tanto o tamanho do texto quanto a maneira como se interage com ele devem promover um trabalho cognitivo que, por exemplo, não se firme na garantia de que todas as menções prévias de um referente sejam plenamente identificadas para o estabelecimento de recategorizações.

As lacunas apontadas anteriormente formaram a base da pesquisa de Custódio Filho (2011), que se propôs a contribuir através de uma investigação que buscou colocar em evidência os processos que envolvem a construção dos referentes que se manifestam de forma difusa no espaço e no tempo. Segundo o autor, o detalhamento sobre esses processos relacionadas às estratégias elencadas na literatura específica da área possibilitam avanços em relação à compreensão das variadas possibilidades de construção referencial.

O objetivo geral do trabalho do autor supracitado é de analisar os múltiplos fatores – linguísticos e extralinguísticos – presentes na construção cognitivo-discursiva dos objetos do discurso. Para essa proposta de dissertação, focamos em um dos objetivos específicos do trabalho de Custódio Filho (2011) que direciona para o objeto de nossa investigação: a recategorização. Um desses objetivos, segundo Custódio Filho (2011, p.17), consiste em “analisar o papel das imagens na construção da referência”, uma vez que os elementos não verbais fazem parte dos textos multimodais, foco da investigação. O autor levanta uma hipótese para esse objetivo e defende que os recursos imagéticos na estrutura textual poderão ter a mesma função que geralmente são dadas às expressões referenciais, de forma que tais recursos também seriam responsáveis por instaurar um referente, assim como a possibilidade de recategorizar esses referentes.

A partir dessa exposição que contextualiza proposta de Custódio Filho (2011) e traz informações importantes sobre a construção dos referentes difusos, direcionamos a descrição para o tópico 4.2. do trabalho do referido autor, que trata, especificamente, da recategorização sem menção referencial.

Ele destaca que o fenômeno da recategorização é, aparentemente, uma estratégia que tem ganhado destaque nos estudos da Referenciação e que a característica da não linearidade é uma característica relevante.

Segundo Custódio Filho (2011), a partir do estudo pioneiro de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), muitos foram os estudos que buscaram sistematizar e organizar a proposta inicial sobre a recategorização apresentando, ao longo dos anos, uma revolução em relação às múltiplas dimensões que o fenômeno possa apresentar.

Nessa vertente evolutiva, Custódio Filho (2011) descortina uma nova proposta de recategorização, que se configura pelo rompimento da obrigatoriedade das “amarras formais” – Expressões referenciais – para que o fenômeno ocorra. A essa estratégia, Custódio Filho (2011) definiu como *recategorização sem menção referencial*.

Custódio Filho (2011) resgata a importância dos trabalhos de Lima (2007) em relação à investigação feita por ela sobre os traços de explicitude e implicitude das recategorizações metafóricas – uma importante contribuição para os estudos em referenciação no campo cognitivo.

Após descrever um pouco desse trabalho (já descrito nessa dissertação em um momento anterior), Custódio Filho (2011) admite, baseado em Cavalcante (2011), que há a possibilidade de um referente ser apresentado/consolidado sem a obrigatoriedade de uma menção (expressão nominal) para sua homologação.

Ao considerar essa possibilidade, Custódio Filho (2011, p.168) lança mão de uma reflexão em que defende que, embora um referente esteja manifestado na superfície textual por um sintagma nominal, ou outra composição, “não é obrigatório que as transformações sofridas se restrinjam ao universo das relações internominais de que, porventura, ele venha a participar”. Para essa constatação, Custódio Filho (2011, p.167) analisa um caso de Cavalcante (2011, p.120):

(65) – Antes de começarmos, por favor, me diga uma coisa, o que o senhor fazia no emprego anterior?

– Eu era funcionário público!

– OK! O senhor pode contar até dez?

– É claro! Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, valete, dama, rei e ás.

(50 *piadas*, de Donald Buchweitz.)

No exemplo (65), Custódio Filho (2011) reproduz que o referente “entrevista de emprego” é muito perceptível, mesmo não estando explícito no cotexto. O

autor explica que a recuperação desse referente não explicitado é complexa e que só é possível de ocorrer se considerada a natureza sociocognitiva do fenômeno, uma vez que é preciso se desfazer das “amarras formais” que limitem muito esse referente. Nesse sentido, Custódio Filho (2011, p.167) afirma que essa visão permite avanços em relação ao fenômeno complexo da recategorização, pois é possível afirmar “que a menção referencial pode não ser um elemento essencial para a construção dos objetos do discurso.”.

Ainda sobre o exemplo (65), Custódio Filho (2011) esclarece que as expressões “o senhor”, “eu” e “funcionário público” foram utilizadas para se referir ao candidato entrevistado, mas adverte que tais expressões não podem ser consideradas exclusivas na construção desse referente. O que se percebe, segundo o autor, é que uma recategorização em cadeia, que permite concluir, ao final do texto, que o funcionário público é tido, pelo interlocutor, como preguiçoso, negligente, relapso, marcado de forma implícita. Custódio Filho (2011) reforça que essa recategorização não pode ser percebida apenas pela cadeia de sintagmas utilizadas para compor esse referente final, esse processamento surge da reunião de diversos segmentos do cotexto associado à bagagem cognitiva para construção do humor.

Custódio Filho (2011) explica que a constatação anterior traz um novo olhar para a questão da referência, onde a intenção é revelar como um referente – como construção dinâmica – pode emergida união dos diversos elementos responsáveis pela construção dos sentidos no texto, e, não mais, compreender como esses elementos configuram uma expressão referencial específica. Para que essa perspectiva possa ser validada, segundo Custódio Filho (2011), é necessário que a referenciação, se tomada a primeira tendência, passe por algumas modificações. Para mostrar como essa transformação é relevante, Custódio Filho (2011, p. 168) propõe uma análise do exemplo (66) a seguir:

(66) Que vergonha ver a atual prefeita censurar o uso de imagens de Ciro e Lula, grandes companheiros de Patrícia, no horário eleitoral! Será que essa prefeita tem vergonha de ver que Patrícia foi vice-líder de Lula no Senado??? Será que ela não se contenta em ver Lula longe dela, tal qual em 2004, quando o presidente estava com Inácio Arruda??? Antes era uma defensora da democracia, agora, no poder, se vestiu com as piores armas do autoritarismo e da censura! Liberdade de expressão JÁ! Patrícia é MULHER de RESPEITO e quer

apenas ter o direito de mostrar a sua biografia, pena que a prefeita se [de]sespera com o passado histórico dela!

(Texto recebido por e-mail.)

Na análise de Custódio Filho (2011), essa ocorrência se deu na campanha pela prefeitura de Fortaleza no ano de 2008, em que a coligação da atual prefeita, Luiziane Lins (PT), que concorria à reeleição, proibiu, judicialmente, que a candidata da oposição, Patrícia Saboia (PDT), tivesse sua imagem de campanha veiculada à de Lula e Ciro Matos, à época. Depreende-se do texto, segundo Custódio Filho (2011), que há uma imagem negativa de Luiziane, que denota tanto um perfil autoritário quanto uma concorrente desleal. Custódio Filho (2011) conclui haver uma recategorização de tipo referencial, pois está relacionado à maneira como o objeto de discurso pode ser percebido no/pelo discurso.

O que é possível considerar, na visão de Custódio Filho (2011), é que nenhuma das designações sobre Luiziane Lins são responsáveis diretamente pela construção dessa imagem. Para o autor, só é possível considerar Luiziane como uma “candidata autoritária” através da porção “as piores armas do autoritarismo”, o que não configura uma explicitação dessa característica pelas expressões referenciais, às quais o objeto se refere. Para Custódio Filho (2011), é algo muito mais simples, designado por uma relação de predicação, considerada, pelo autor, uma perspectiva marginalizada pelas pesquisas da primeira tendência (textual-discursiva), por ela dar lugar de destaque às expressões referenciais e não considerar os elementos que estão juntos ao valor substantivo do sintagma nominal.

Em relação à caracterização de Luiziane como “candidata desleal”, Custódio Filho (2011) afirma que não há nenhuma pista semântica, como a destacada anteriormente, que confirme essa designação, mas ela é real. O autor admite, ainda, que, novamente, essa constatação se dará por “inferências engatilhadas nas predicações”, em que o produtor do texto tem clara intenção de caracterizar a prefeita como desleal.

Para Custódio Filho (2011), a construção de uma análise desse modelo não é viável se levar em consideração somente as expressões referenciais. Na concepção do autor, o destaque nesse tipo de análise é pautado em complexas relações estabelecidas no texto, considerando os diversos segmentos do cotexto

e as variadas manifestações contextuais. O processo de construção de sentidos, segundo Custódio Filho (2011), permanece, legitimamente, sociocognitivo, sendo um processo difundido, em que os elementos extratextuais responsáveis por produzir os referentes não devem ficar limitados à relação entre a materialidade textual e os esquemas sociocognitivos.

Custódio Filho (2011) retoma as recategorizações dos dois exemplos (65) e (66), afirmando que há a presença de um referente no texto, mas que sua transformação não se restringe às relações anafóricas correferenciais e nem a esquemas de relações anafóricas indiretas. O autor admite que se fossem consideradas como anáforas indiretas, a análise proposta poderia ser desconsiderada, supondo-se possíveis âncoras nos processos apresentados⁵². Mas a semelhança entre anáfora indireta e a recategorização sem menção se encerra aí, pois são dois fenômenos com concepções diferentes.

O que acontece nos exemplos (65) e (66), de acordo com Custódio Filho (2011), é uma diferenciação quanto à natureza das recategorizações, que não se apresentam no texto como expressões referenciais, nem de outra forma, mas podem ser importantes ferramentas para a apreensão dos propósitos comunicativos dos produtores do texto, mesmo que esses fenômenos não se confirmem.

Tais recategorizações, segundo Custódio Filho (2011), são estratégias que seguem orientações diferentes das anáforas indiretas, mesmo promovendo, ainda, a construção de referentes. O que acontece, de acordo com o autor, é que, enquanto na anáfora indireta os sentidos são construídos do “entorno sociocognitivo” (âncoras) para a expressão, no caso da recategorização, a construção se dá no cotexto para a construção sociocognitiva, a qual o enunciador deseja promover. Se fosse para assumir os casos como anáforas indiretas, Custódio Filho (2011) diz que as características e conceitos desse processo deveriam ser revistos, por isso ele denomina essa estratégia como recategorização sem menção referencial.

Custódio Filho (2011) considera que esse fenômeno é bastante recorrente dentre as estratégias de referenciação e que ainda é pouco estudado. O autor reforça a importância de integração de múltiplos fatores para a construção da

⁵² “Valete, dama, rei e ás” para o exemplo (39) e as predicções para o exemplo (51).

referência atrelados à segunda tendência, uma vez que ele acredita que essa tendência traz explicações mais abrangentes, permitindo um novo direcionamento em relação aos estudos que dão destaque ao poder da anáfora.

Esse poder, segundo Custódio Filho (2011, p.171), resume “todos os avanços da proposta de referenciação no âmbito da primeira tendência”. O autor afirma, ainda, que o grande destaque para o caráter sociocognitivo da referenciação permitiu que os aspectos contextuais relativos aos usos linguísticos, tão necessários para construção do sentido e da referência, fossem explicados de maneira muito coerente. Custódio Filho (2011) esclarece é que os pressupostos que direcionam os estudos relacionados aos usos linguísticos permitem que o fenômeno da referenciação seja visto de maneira mais ampla ultrapassando os limites da anáfora. Tais usos, segundo o autor, parecem carecer de justificativas que levantem questionamentos sobre o poder absoluto da anáfora.

O que Custódio Filho (2011) amplia é que o trabalho de construção de referentes é tão complexo que, mesmo as múltiplas funções das expressões referenciais não são suficientes para a consolidação desse trabalho. Para esclarecer, isso, o autor destaca o trabalho de Bonomi (1994)⁵³, que não se insere numa tendência sociocognitivista, mas tem uma proposta de entendimento da anáfora com um peso pragmático muito forte, além do que, o esquema de rede de relações, desenvolvido por Bonomi (1994), tem um raciocínio analítico coerente com o que Custódio Filho (2011) apresenta como avanço da segunda tendência.

Bonomi (1994), segundo Custódio Filho (2011), levanta críticas em relação aos trabalhos que defendem a construção do referente por meio, unicamente, dos sintagmas nominais. A partir de uma análise baseada em narrativas literárias, Bonomi (1994) considera que o contexto tem total relevância na elaboração da referência.

Custódio Filho (2011) esclarece que é possível identificar duas funções referenciais a partir da identificação de sintagmas nominais referenciais num contexto específico. A primeira função é a de identificação de um mesmo referente no texto; e a segunda, de acordo com Bonomi (1994), seria a conexão de anáforas

⁵³ Esse trabalho não consiste em uma investigação sobre anáforas. Ele tem, como objetivo, descrever, linguisticamente, a narrativa literária, mas apresenta comentários sobre anáforas no texto.

com outros objetos de discurso num texto, criando uma rede de relações, a qual Bonomi (1994) resolveu denominar de espaço anafórico. Nesse espaço, há uma ampliação dos sintagmas anaforizados através da acumulação de características que contribui significativamente para o processamento referencial.

Para Custódio Filho (2011), a ideia de rede de relações referenciais, explorada por Bonomi (1994) tem sua relevância se relacionada com os estudos em referenciação ao assumir um caráter multifuncional para tal fenômeno. Bonomi (1994) ganha destaque por promover a relevância da predicação na construção dos referentes. É, portanto, uma análise baseada em elementos diversificados presentes no cotexto.

Ao retomar a tese de Bonomi, Custódio Filho (2011) propõe ampliá-la sob duas perspectivas: a primeira, é a relevância da não linearidade da recategorização, procurando esclarecer como esse fenômeno se integra com os múltiplos fatores do texto; e a segunda, o destaque para o trabalho de transformação promovido pelos sujeitos. Custódio Filho (2011) ressalta que há traços referenciais que dependem do sujeito para esclarecer os implícitos e trazer formulações mais amplas do que se apresentam explicitamente.

Custódio Filho (2011) esclarece que é possível que um embasamento nos pressupostos da tendência cognitivo-discursiva pode possibilitar a construção de uma rede referencial mais rica. O autor afirma, ainda, que há uma linearidade em relação a esse posicionamento e a tese defendida por ele de que deve haver uma abordagem mais coerente das análises, baseada nos pressupostos da Linguística Textual voltados para a perspectiva sociocognitivista, que possam dar conta da complexidade dos fatores relacionados com a construção dos sentidos e da referência.

Para Custódio Filho (2011) há uma necessidade em se avançar ainda quando se trata de interações mediadas por textos, por isso a proposta de se analisar textos mais extensos. O autor afirma que as análises que buscam mostrar como se dá a construção e a transformação dos referentes baseados na segunda tendência ainda estão restritos à estrutura linguística do texto.

A questão da contradição entre as tendências é retomada por Custódio Filho (2011) para comprovar uma descoberta importante quanto à construção da referência. Para o autor, a primeira tendência acaba limitando as análises porque, na primeira perspectiva – textual-discursiva –, os referentes aparecerão, sempre,

manifestados no texto por expressões referenciais. Isso, segundo Custódio Filho (2011), desconsidera que, na referenciação, outros elementos possam estar associados à construção da referência, bem como dos sentidos. É o que o autor coloca como antagônico da segunda tendência, uma vez que a proposta sociocognitivista leva em conta diversos fatores extralinguísticos para construção dos sentidos e da referência a partir da interação entre os sujeitos e a bagagem/repertório de cada um.

Na linha da segunda tendência, Custódio Filho (2011) defende que a proposta de análises mais coerentes e completas é uma das características mais fortes dessa tendência, considerando os pressupostos assumidos. Nessa perspectiva, Custódio Filho (2011) assume que a soma do que Cavalcante diz sobre a construção de referente sem menção referencial mais as reflexões do próprio autor sobre as recategorizações que não necessitam de menção é um avanço significativo e muito importante, pois essas contribuições, segundo o pesquisador, consideradas como complementares, denotam um fenômeno complexo e que carece de uma análise extralinguística.

Custódio Filho (2011), em sua tese, levanta questões ainda voltados para o fenômeno da recategorização. O autor propõe uma reflexão do processo de recategorização em textos mais longos, instigando se é suficiente que uma delimitação desse fenômeno cumpra satisfatoriamente a construção de sentidos no texto. Custódio Filho (2011) coloca como exemplo um personagem de filme e levanta se poucas recategorizações, bem limitadas, dão conta da reconstrução desse personagem ao longo do enredo.

Nesse sentido, Custódio Filho (2011) levanta hipóteses de que os objetos de discurso possuem interpretações que aparentam ser norteados por um processo referencial que permite que possam ocorrer diversas recategorizações com a finalidade de direcionar funcionalmente processos no texto. Ou seja, para o autor há dois direcionamentos: os referentes em textos longos são construídos com base em diversas recategorizações, trazendo informações variadas sobre aspectos dos objetos; e a possibilidade de uma organização dessas diversas recategorizações em blocos funcionais.

Custódio Filho (2011) lança seu olhar para uma análise de textos mais extensos que há uma quebra de expectativa no enredo voltado para a organização dos personagens presentes nessas produções. O autor sugere que

essa quebra de expectativa é um campo fértil para a análise dos diversos fatores que estão relacionados ao processo de recategorização referencial. É nessa perspectiva que o autor leva em consideração a ação do autor, que deverá redirecionar o sentido do texto, sendo, então, o espaço propício para analisar o que levou a essa reconstrução do sentido (com) textual, imprescindíveis para composição sociocognitiva.

Direcionaremos nosso olhar, a partir do explicitado anteriormente por Custódio Filho (2011), para exemplos das análises que confirmam as hipóteses e as reflexões levantadas.

Antes de adentrarmos num recorte das análises, Custódio Filho (2011) esclarece ter estabelecido dois níveis para a seleção do *corpus* a ser analisado: um global e um específico. No primeiro nível, ele apresenta que os gêneros trabalhados são narrativos e, no segundo, que tais gêneros são exemplares que trazem uma quebra de expectativa em, pelo menos, um dos personagens ao longo do enredo. Nesse sentido, Custódio Filho (2011) afirma que a opção por esses textos exige que o interlocutor aja metacognitivamente na (re)construção do(s) personagem (ns), relacionada ao fenômeno da recategorização referencial.

O autor opta por analisar um exemplar do modo impresso (conto) e um audiovisual (série de TV), de interação ininterrupta e interrompida, respectivamente, com o objetivo de mostrar como os múltiplos fatores influenciam na apresentação e transformação dos objetos de discurso no decorrer das interações.

Retiramos, para esta dissertação, um recorte dos resultados obtidos por Custódio Filho (2011), em sua tese, para mostrar as (re) elaborações dos referentes. De antemão, segundo descrição do autor, os referentes selecionados para análise são: no conto, a dona da casa, o marido da dona da casa e o escritor das cartas; no seriado, John Locke. Vejamos um breve recorte da análise do conto com foco no fenômeno da recategorização, que é o objetivo deste estudo.

3º parágrafo

Na *fossa*, rondava como **fera enjaulada**, (1)querendo se atirar do nono andar. Que *desgraça* se armaria. (2)O que não diriam a respeito de sua vida. Iam comentar que foi por um amante. Pelo **marido infiel**. Encontrariam ligações com alguma mulher, o que provocava nela *o maior horror*. Não disseram que a desquitada do 56 descia para se encontrar com o manobrista, nos **carros da garagem?** (3)Apenas por isso não se estatelava alegremente lá embaixo, acabando com tudo.

Figura 5: Trecho Custódio Filho

Nesse trecho, Custódio Filho (2011) chama a atenção para a expressão metafórica “fera enferrujada” e afirma ser interessante explicitar a relação que ela tem com trechos anteriores. Para o autor, fica claro que tal expressão, juntamente com a marcação “Na fossa” e com a construção 1, confirmam uma característica de sofrimento (“tem raiva”) presente na personagem <dona de casa> quando a rotina é quebrada e que estimula a personagem a tomar uma atitude drástica em relação a essa situação. O autor analisa, ainda, a partir das construções 2 e 3, que a dona de casa não é capaz de praticar uma atitude extremista. A conclusão a que Custódio Filho (2011) chega é de que há uma confirmação e um acréscimo na expressão, funcionando como núcleo do parágrafo.

Não pretendemos descrever minuciosamente a análise de Custódio Filho (2011), no entanto, esse recorte consegue ilustrar o caráter não linear da recategorização trabalhada dentro de toda análise proposta pelo autor. Custódio Filho (2011) afirma que, ao final do processo, a personagem <dona de casa> vai passando por uma transformação significativa, que já vinha sendo marcada através de pistas textuais ao longo do texto.

Nesse sentido, Custódio Filho (2011) afirma que existe um valor em relação ao que prega a primeira tendência, pois é importante para a constituição de uma análise baseada na segunda tendência. O autor destaca, também, que os objetos do discurso podem se manifestar de diversas maneiras – mais genérico ou mais individual, mais específico ou inespecífico – , ressaltando o quanto a indefinição dos traços referenciais foi fundamental para a (re)construção da personagem ao longo do conto.

Custódio Filho (2011) levanta dois aspectos relacionados à recategorização que podem ser percebidos na análise do conto: o primeiro deles trata da homologação, que devido à não linearidade, não é obrigada a estar localizada posteriormente – no caso do conto, a expressão “fera enjaulada” , segundo o autor, não homologa apenas informações precedentes, mas também informações posteriores; o segundo aspecto é que não é necessário de uma expressão explícita tampouco implícita para que o referente seja homologado, ou seja, ele poderá ser homologado apenas cognitivamente, gerando um traço que pode definir um referente, não carecendo, portanto, de uma expressão referencial no texto.

A segunda análise, proposta por Custódio Filho (2011), tem, como base, a série de TV *Lost*. O autor contextualiza o enredo da série apresentando como é construído o sentido da trama. Ele destaca que o elemento *flashback* é fundamental para a construção dos personagens no decorrer dos episódios, sendo, a narração, apresentada em dois planos distintos: o presente e o passado.

Custódio Filho (2011) esclarece que a série poderia se tratar de um texto com uma interação interrompida, com episódios com início, meio e fim, no entanto, esses episódios configuram uma continuidade de uma trama, não sendo, em sua totalidade, independentes. O autor seleciona, então, um dos personagens para analisar sua (re)construção ao longo dos quatro primeiros episódios. Isso decorre, primeiramente, pela impossibilidade de analisar todos os personagens; e, em segundo, pela quebra de expectativa por que passa John Locke, numa jogada entre as semioses verbal e não verbal.

Não faremos um recorte da parte verbo-visual da análise da série por questões de dimensões dessa dissertação, mas consideraremos a importância que Custódio Filho (2011) determina para o papel da imagem – considerada um dos múltiplos fatores envolvidos no processo de referência – como elemento/estratégia fundamental para a (re)construção do personagem John Locke ao longo dos quatro episódios. O autor afirma que o personagem vai sendo redimensionado, ao longo dos episódios, com o auxílio da semiose visual, diferentemente do que acontece no conto, em que as predicções, as expressões referenciais e os sintagmas adjetivais vão fazendo esse papel.

O que Custódio Filho (2011) comprova nessa parte da análise é que nesse texto interrupto, repleto de *flashbacks*, as imagens juntamente com as porções verbais vão reorganizando e reconfigurando o personagem John Locke. Segundo Custódio Filho (2011, p. 238), “a conjugação entre texto verbal e a imagem é fundamental para a instauração dos “movimentos referenciais””. Sobre os *flashbacks*, Custódio Filho (2011, p. 243) afirma que “fornece acréscimos que permitem a reelaboração do que já foi firmado sobre o personagem na ilha.”, carecendo do interlocutor uma movimentação não linear que permitam uma configuração mais completa da construção referencial.

Custódio Filho (2011, p. 258-259), a partir de suas análises, considera que

Referir, em última análise, não necessariamente implica apenas dar conta do que é sólido ou definitivo em um objeto (como seriam as qualificações e as generalizações). O objeto de discurso não carece de uma construção fechada de acréscimos de traços —absolutosll. Os traços —ocasionaisll também podem ser importantes na dinâmica da significação. As informações depreendidas do co(n)texto, portanto, podem ter natureza diversa, cada uma com sua importância, muitas vezes atuando em interdependência. Cabe ao interlocutor estruturar os esquemas que permitam organizar tais informações.

Na sequência, apresentamos a proposta de Silva (2013) que reconfigura o fenômeno com sua tese.

2.8 FORMAS E FUNÇÕES DAS INTRODUÇÕES REFERENCIAIS – SILVA (2013)

Assim como os demais trabalhos elencados ao longo desse panorama descritivo, Silva (2013) também traz uma contribuição importante relacionada ao fenômeno da recategorização. A proposta não trata especificamente de um estudo envolvendo o processamento anafórico. A proposta aqui é outra: observar um outro processo referencial, as introduções referenciais. A novidade, então, consiste num tipo de introdução referencial que pode ser recategorizadora. Essa é uma tese defendida que, diferentemente dos últimos trabalhos que tem tido um olhar para a segunda tendência – cognitivo-discursiva – tem suas análises centradas na primeira tendência, a textual-discursiva.

Silva (2013) esclarece que o interesse por esse processo referencial se deu pela pouca relevância dada a ele diante dos processos anafóricos e suas classificações. Diante disso, o pesquisador considerou necessário uma investigação que se ocupasse das formas e funções das introduções referenciais na tentativa de compreender como se dá a construção de sentido nos gêneros eleitos a partir desse processo.

Para Silva (2013), dada uma observação sobre as várias formas e funções das introduções referenciais em gêneros diversos em jornais escritos, onde os objetos de discurso são introduzidos, é possível que se perceba uma integração entre essas estratégias e a identidade de cada gênero quanto à maneira como se apresentam as informações. É, por isso, segundo Silva (2013, p. 15), que é relevante um estudo sobre esse processo, pois, para o pesquisador, “há muito a ser dito sobre a “reinauguração” do referente no texto.”

Ademais, Silva (2013) afirma que a partir do postulado de Custódio Filho (2011), de que o processo de referenciação é “uma atividade complexa passível de manifestações múltiplas”, é possível conceber que não é necessária a existência de uma expressão referencial para que um referente seja introduzido no texto/discurso, podendo ser viabilizado por outras estratégias.

Silva (2013) afirma que, assim como Custódio Filho (2011), Cavalcante (2011) também defende que os referentes não precisam ser introduzidos no contexto por expressões referenciais, obrigatoriamente. Para Cavalcante (2011), mesmo sem detalhar como isso seria possível, a introdução de um referente no discurso está centrada num contrato de coparticipação entre os sujeitos que, com ou sem menção referencial, essa apresentação do referente poderá ocorrer, desde que ele emergja na interação.

Dentre as hipóteses de Silva (2013), uma, em especial, chama a atenção para a relação de uma introdução referencial que possui um papel recategorizador. Para o autor, há a possibilidade de uma ocorrência onde existam expressões que, além de anunciar o referente pela primeira vez, marca um posicionamento em relação ao ponto de vista do enunciador.

Direcionamos, então, o foco para as análises de Silva (2013). Nelas, Silva (2013) propõe analisar os exemplares selecionados com base em categorias tanto para as formas quanto para as funções. Nos interessa, na investigação de Silva (2013), uma categoria relacionada à forma: a introdução referencial apresentada por uma expressão recategorizadora. Para o pesquisador, a recategorização tem sua relevância na proposta por fortalecer as probabilidades de o referente sofrer transformações desde a sua apresentação no texto até o final da leitura.

Silva (2013, p. 84-85) apresenta dois exemplos (67) e (68) que comprovam a ocorrência de uma introdução com função recategorizadora.

(67)

O Eike Batista do forró

Em 30 anos, o cearense **Zequinha Aristides** ganhou fortunas lançando bandas, como a *Aviões do Forró*, e abrindo casas de shows dedicadas ao ritmo. Agora, converteu-se a outro ramo: a construção de templos evangélicos e galpões comerciais. A Igreja Comunidade Cristã Logos ficará com uma área ao lado do clube G4, onde Zequinha Aristides faz Fortaleza requebrar. Ele investirá outros R\$ 20 milhões para transformar os 40 hectares do Hangar do Forró em 30.000 metros quadrados de galpões. Depois, eles serão alugados.



O Eike Batista do forró

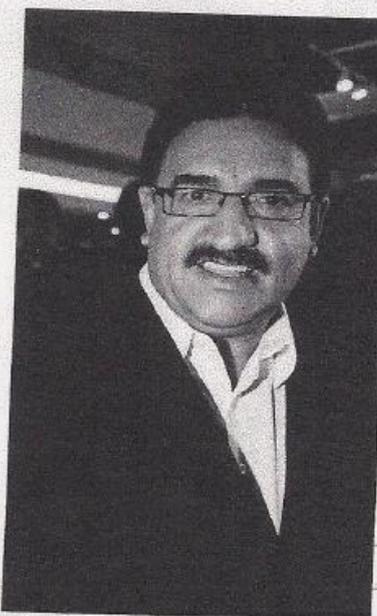
Em 30 anos, o cearense **Zequinha Aristides** ganhou fortunas lançando bandas, como a *Aviões do Forró*, e casas de shows dedicadas a esse ritmo. Agora, converteu-se a outro ramo: a construção de templos evangélicos e galpões comerciais. A Igreja Comunidade Cristã Logos ficará com uma área ao lado do clube G4, onde Zequinha Aristides faz Fortaleza requebrar. Ele investirá outros R\$ 20 milhões para transformar os 40 hectares do Hangar do Forró em 30 mil metros quadrados de galpões. Depois, eles serão alugados.

(Nota Jornalística, Revista Época, 29 de out. de 2012, pág 37)

(68)

Ligeirinho e a ratoeira

Estão bloqueados desde maio os bens do apresentador **Ratinho**, nome artístico de Carlos Massa. O fisco cobra-lhe R\$ 53,5 milhões. Em vez de pagar, Ratinho transferiu imóveis, carros e barcos para a Agropastoril Café no Bule, controlada por seus filhos. A Justiça não consegue citá-lo, mesmo procurando-o nos estúdios de TV. Seu advogado diz que a multa aplicada é indevida, que as normas fiscais contemplam o artista, que garantias cobrem a dívida e que ele recorre na Justiça.



CADÊ o Ratinho que estava aqui?

Ligeirinho e a ratoeira

Estão bloqueados desde maio os bens do apresentador **Ratinho**, nome artístico de Carlos Massa. O fisco cobra-lhe R\$ 53,5 milhões. Em vez de pagar, Ratinho transferiu imóveis, carros e barcos para a Agropastoril Café no Bule, controlada por seus filhos. A Justiça não consegue citá-lo, mesmo procurando-o nos estúdios de TV. Seu advogado diz que a multa aplicada é indevida, que normas fiscais contemplam o artista, que garantias cobrem a dívida e que ele recorre na Justiça.

CADÊ o Ratinho que estava aqui?

(Nota jornalística, Revista Época, 08 de outubro de 2012, pág. 37)

Na análise dos exemplos (67) e (68), Silva (2013) afirma que o enunciador tinha uma gama de expressões referenciais para identificar os referentes, desde a primeira aparição até o final do texto, intitulados por ele de “Eike Batista do Forró” e “Ligeirinho”. Esse processo de escolha lexical, segundo Silva (2013), promoveu a ativação de conhecimentos enciclopédicos do leitor para a construção dos sentidos dessas expressões em contextos anteriores. Silva (2013)

recupera Eike Batista como um dos homens que detêm uma das maiores fortunas do país, e Ligeirinho, numa perspectiva mais abrangente, pode se referir a algo/alguém veloz, muito rápido. No contexto em essas expressões referenciais foram trabalhadas, elas podem assumir esses significados, além de poderem estar relacionadas a outros, desde que partilhados entre os sujeitos numa interação sociocognitiva motivada pela leitura dos dois exemplos.

Silva (2013) mostra que há uma outra possibilidade de introdução do referente na primeira nota jornalística: é possível perceber que a imagem (fotografia) também apresenta o referente do qual fala o texto. Trata-se de Zequinha Aristides, empresário cearense do ramo do entretenimento (casas de shows) e que, brevemente, irá passar a investir em templos evangélicos, bem como em galpões comerciais, segundo afirma o jornalista que produziu a nota. Silva (2013) destaca que a novidade nessa análise é a importância da imagem como ferramenta indispensável para o processamento textual. Desse modo, o autor explica que, no exemplo (67), durante a leitura do texto, o leitor poderá identificar a introdução referencial sobre uma dupla possibilidade: o referente poderá ser introduzido pela expressão nominal “Eike Batista do Forró” e depois rerepresentado como Zequinha Aristides; ou pode ser feita a leitura da imagem, num processamento multimodal, considerando a imagem de Zequinha Aristides como inauguração do referente e, logo após, considerar a expressão “Eike Batista do Forró” como uma recategorização desse referente, auxiliando na construção do sentido da sátira mediante a comparação de “Eike” e “Zequinha”.

Admite, Silva (2013), que no exemplo (68), a introdução do referente poderá, também, se dar de duas maneiras, uma vez que a nota é composta de texto e imagem: a primeira, é considerando a expressão referencial “Ligeirinho”, que resgata o personagem (rato) que acumula as características de ser pequeno e veloz, que pode confundir com o Ratinho (apresentador de identidade Carlos Massa); ou o referente pode ser inaugurado pela imagem do apresentador (Ratinho) e que sofrerá uma recategorização na sequência através da porção verbal. Esse caráter ambíguo, segundo Silva (2013), é estratégico, pois denota uma reflexão sobre o Ligeirinho explicitado no texto, que é ágil igual ao personagem quando empreende fuga do seu inimigo, só que, no caso, se referindo à fuga do fisco da justiça, que se apresenta já no título na designação ratoeira.

Segundo Silva (2013), esse modelo de introdução referencial, baseado em expressões referenciais, já aprecia na literatura em classificações anteriores, destacando que a análise desse tipo de introdução se limitava aos elementos verbais que se apresentavam no texto/discurso. Para Silva (2013), os exemplos (67) e (68) mostram que as introduções referenciais não podem ficar restritas à simples “menção” de expressão referencial, ou seja, existem outros recursos (não verbais) que podem, também, desempenhar o papel de introdução referencial. Abrir mão desse recurso, seria, de acordo com Silva (2013), ir na contramão do que a Linguística Textual define como texto e marginalizar os diversos aspectos que auxiliam na construção dos sentidos do texto/discurso.

Na visão de Silva (2013), a recategorização é uma estratégia que aparece no exemplo (67). O autor faz um resgate da discussão apresentada anteriormente, afirmando que, quando o enunciador seleciona a expressão “Eike Batista” para apresentar, pela primeira vez, “Zequinha”, não destaca somente um objeto que irá ser transformado, mas chama a atenção para a transformação que o referente sofre logo na sua introdução no texto. Sobre essa constatação, Silva (2013, p. 87) diz que “esse rebatizamento só é completamente percebido após a leitura do texto (ou parte dele)”.

Silva (2013) diz que essa característica da recategorização – a não linearidade – já foi abordada por Custódio Filho (2011) ao contemplar a possibilidade de redimensionamento das introduções referenciais em algumas situações. Segundo Silva (2013), deve-se ter cautela quando se assume essa posição, mas afirma ser necessário para romper com a visão limitada desse processo. O autor confirma, então, que há uma recategorização inaugurando o referente no título do exemplo (67).

Essa é a contribuição que Silva (2013) acrescenta à recategorização. Apesar de ser um estudo que se concentra na tendência textual-discursiva, tem sua relevância para o fenômeno, trazendo uma nova configuração, ou melhor, conjugando sua forma à de outra expressão referencial.

Assim como Silva (2013), a tese de Leal (2015) também traz um redimensionamento para o fenômeno através de uma relação dêitica com a estratégia de recategorização.

2.9 O PROCESSO REFERENCIAL DA DÊIXIS: POR UMA PROPOSTA DE RECATEGORIZAÇÃO – LEAL (2015)

Um outro trabalho que tem relevância e se relaciona com o objeto de investigação dessa dissertação é o de Leal (2015). Nele, a autora objetiva analisar um dos processos referenciais mais amplos, a dêixis, dando destaque ao seu caráter recategorizador em gêneros que são predominantemente narrativos. Leal (2015) assume uma perspectiva interacionista e sociocognitivista para situar sua explanação acerca do fenômeno que irá tratar, por se tratar de uma abordagem que dá ênfase para a construção dos sentidos a partir da cooperação dos sujeitos no processo comunicativo, dessa forma, permitindo compreender a dêixis como um recurso passível de interpretação nessa perspectiva interacionista e que pode exercer um papel recategorizador.

Leal (2015), para o desenvolvimento de sua investigação, se baseia tanto nos estudos de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) quanto toma os fundamentos da Teoria da Mudança Dêítica, que mostra que a dêixis, segundo Leal (2015), é enfatizada em dois momentos resultantes deste processo: no processo de interpretação de narrativas e na representação mental. Leal (2015, p. 9) diz que “o centro dêítico pressupõe um mundo da história subjacente aos eventos da história particular que está sendo narrada, e o mundo da história fornece as coordenadas gerais de espaço-tempo dentro das quais a história se desenrola.”

A irrelevância dada ao papel da dêixis no livro didático despertou, em Leal (2015), interesse em desenvolver esse estudo, que leva em consideração o sujeito na construção do discurso e como ele se apropria desse fenômeno para cumprir com os propósitos comunicativos. Para Leal (2015), levar em conta apenas as características dos dêíticos como elementos que denotam circunstâncias, por exemplo, é reduzir o papel da linguagem.

A autora procurou, então, investigar a progressão dêítica nos discursos em uma perspectiva de recategorização, onde, para isso, tomou como base alguns posicionamentos sobre as funções discursivas dos dêíticos. Ela destaca o trabalho de Fillmore (1982) e o de Lyons (1977): o primeiro por mostrar que a ancoragem sócio-espaço-temporal nos atos de comunicação impulsionam a seleção de estruturas linguísticas que proporcionam material para que os

enunciados sejam interpretados; já o segundo, por considerar que, discursivamente, pode haver uma mudança de noções espaciais para a dimensão temporal do contexto enunciativo, possibilitando uma reinterpretação.

Segundo Leal (2015), foi uma relação dêitica com o contexto enunciativo e com a noção de reinterpretação que permitiu a dêixis comportar a recategorização com base na primeira concepção do fenômeno. A autora ressalta que, no campo da dêixis, sua proposta é a primeira a investigar o uso dos dêiticos na progressão textual com base na recategorização. Ela destaca, ainda, a importância dos estudos de Cavalcante (2000; 2011) sobre os dêiticos, por trazer uma importante constatação que norteia a proposta de investigação sobre a progressão discursiva do fenômeno da dêixis na perspectiva da recategorização: as marcas de subjetividade presentes no texto são sinais de uma intersubjetividade mais profunda, “a que se dá entre o falante, o discurso e o contexto de criação”.

Leal (2015) também recorre à Ciulla e Silva (2008) para definir a proposta de recategorização dêitica, para isso, destaca dois aspectos relevantes: o acréscimo, ao processo referencial, de funções de orientação de identificação de referentes exercido pela dêixis, que poderá ocorrer a partir de um resgate na memória ou, então, de elementos que contribuem na reconstrução espacial e temporal. Ciulla e Silva (2008) defende que os dêiticos não têm o poder de retomar nem recuperar nenhum elemento do contexto, mas podem remeter a objetos localizados fora da superfície. Essa visão, segundo Leal (2015), é limitada, pela própria proposta do trabalho de Ciulla (2008), o que se distancia da posição daquela autora e também não invalida a tese da recategorização dêitica.

No tocante à recategorização, Leal (2015) se baseou em Charolles e Schnedecker (1993) e mais especificamente numa questão levantada pelos autores em relação à correferência no decorrer do texto. A reflexão proposta pelos autores em torno do que pode significar a noção de correferência no momento em que o antecedente sofre modificações significativas entre o início e o fim do texto.

Essa reflexão, juntamente com a existência das expressões adverbiais e pronominais que ocorrem no processo anafórico e dêitico, estabelecendo uma aproximação entre esses fenômenos, em se tratando de tratando de transformações do referente, segundo Leal (2015), validam a tese da recategorização dêitica.

Diversas foram as contribuições de pesquisas anteriores que ajudaram Leal (2015) a sustentar sua tese da recategorização dêitica. De Charolles e Schnedecker (1993), a autora extraiu dois fundamentos importantes: os autores trataram da expressão discursiva dos referentes evolutivos, que, nesse estudo, entram as expressões pronominais e adverbiais, tipicamente dêiticas, somando-se à ideia de que há, em diferentes tipos de textos funcionais e ficcionais, transformações operadas ao longo do discurso, se assemelhando à dêixis, que também aparece com muita frequência nesses tipos de textos; e utilizam o ponto de vista ontológico e fenomenológico para tratar do uso dos pronomes e de reflexões pertinentes à evolução desse tipo de referente.

Em Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Leal (2015) se fundamenta na noção construtivista de referência defendida pelos autores, além da ideia de que os objetos de discurso não são dados de forma espontânea à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos. Em Koch (2002), a autora extrai duas contribuições de progressão referencial e entendimento de que o texto passa por constantes transformações operados por novos processos de referenciação.

Leite (2007) e Lima (2009) tiveram sua participação na consolidação da tese de Leal (2015). O primeiro por abordar a relação entre porções textuais na análise dos processos referenciais; a segunda por contemplar a análise de expressões referenciais recategorizadoras, onde os referentes estavam textualmente implícitos. Ambos trabalharam com metáfora, segundo Leal (2015), e deram destaque ao processo de transformação de sentidos numa perspectiva discursiva, deixando a abertura para a possibilidade de Leal (2015) considerar a dêixis num paradigma onde os objetos de discurso podem ser recategorizados.

A autora esclarece que as características e análise do processo de recategorização, tendo em vista seu caráter cognitivo, mas também textual, associado à questão do repertório sociocultural necessário para a construção dos sentidos, possibilitou um novo olhar para o processo dêítico. Leal (2015) admite, ainda, que Cavalcante (2011) assume um posicionamento sobre recategorização que é crucial para a tese: a recategorização não se limita à simples expressão referencial, é um fenômeno que se concentra no nível cognitivo-discursivo e que diz respeito à transformação intrínseca a todo referente no desenvolvimento do texto.

Leal (2015) ressalta, também, a importância da Teoria da Mudança Dêitica, baseada em Segal (1995), para situar que, no âmbito das narrativas, há a possibilidade dos leitores e escritores avistarem-se num mundo que não é o presente, literalmente falando, ou seja, eles se imaginam ocupar um lugar dentro da narrativa, interpretando o texto daquela posição. Baseado nessa perspectiva, Leal (2015, p. 16) considera que:

[...] Essa mudança dêitica tem importantes consequências interpretativas e que, portanto, o leitor desempenha um papel muito importante no estabelecimento de um ponto de vista textual. Reconstruir e ocupar um determinado ponto de vista significa criar um quadro para a interpretação de dêiticos no texto.

Com base nisso, Leal (2015) objetivou analisar os dêiticos, ressaltando seu caráter recategorizador em gêneros predominantemente narrativos. Essa escolha dos gêneros se deu, segundo a autora, por dêiticos temporais, espaciais e pessoais ocorrerem com maior frequência nos tipos narrativos, sejam reais ou ficcionais. Nos ficcionais, a autora afirma que há uma exigência do próprio texto de que o leitor assuma uma posição dentro da narrativa e participe cognitivamente da interpretação do texto. Essa posição assumida pelo leitor dentro da narrativa é o ponto de orientação das expressões dêiticas de onde deverão ser interpretadas.

Dentre as questões que nortearão a pesquisa de Leal (2015), uma, em especial, nos interessa para essa proposta de dissertação: como os dêiticos colaboram para diferentes recategorizações a partir do diálogo entre a visão sociocognitiva-discursiva da abordagem da Referenciação e a visão da mudança dêitica na narrativa ficcional da abordagem da Teoria da Mudança Dêitica?

Seguimos na descrição do trabalho de Leal (2015), agora, nos reportando para o quinto capítulo, que trará a análise do fenômeno que nos interessa ilustrar: a tese da recategorização dêitica. Usamos um recorte dos exemplos analisados para comprovar a validade da tese defendida pela autora.

É importante pontuar que, no trabalho de Leal (2015), foram elencadas categorias de análise e que consistem numa relevante ferramenta para segmentar o *corpus* selecionado e auxiliar, ainda, no recorte que fizemos. Leal (2015) selecionou três tipos de dêixis para compor essas categorias: as de pessoa, de tempo e de espaço. Na primeira, estão as expressões relacionadas aos referentes

selecionados, ou seja, os diferentes *eus* que compõem as narrativas e que estão centralizados dentro das histórias e que poderão assumir uma identidade socio-discursiva nas mais diversas situações enunciativas das quais participam; na segunda, foram consideradas as expressões adverbiais e algumas verbais (com base nos sistemas enunciativos); na terceira, apenas as expressões adverbiais.

Dentro do quesito procedimento de análise, Leal (2015) ressalta que as análises irão considerar aspectos linguísticos, cognitivos, sociointeracionais, textuais-discursivos, pois o propósito é tomar o texto como um todo completo de sentido. Nesse sentido, a autora defende que as expressões dêiticas sejam observadas nos mais diversos pontos de vista (do narrador, do personagem, do leitor – este último, alguém que observa de fora da narrativa). Leal (2015) destaca esse leitor como alguém que extrapole a mera atividade de leitura e percepção, mas deve ser alguém que consiga perceber toda a cadeia dêitica e as transformações que cada categoria dêitica possui na completude do texto, observando as várias instâncias das coordenadas dêiticas, ou seja, a autora propõe uma análise que admita a bagagem e o repertório sociocultural do leitor, fundamental para a interpretação das expressões dêiticas recategorizadoras.

Destacamos apenas um exemplo de cada categoria de análise de Leal (2015) para confirmar a tese dos dêiticos recategorizadores. Não temos a intenção de ser reducionistas ao trabalho de Leal (2015), o propósito com esse recorte é simples: mostrar que o fenômeno da recategorização pode estar associado a outros processos, ampliando sua funcionalidade, e que isso é uma evolução na trajetória do fenômeno. Sobre a primeira categoria, retiramos o seguinte exemplo de Leal (2015, p. 201):

a) **Exemplo de dêitico de pessoa:**

(69)

P- Era uma vez...

F- Peraí.

P - O que foi?

F - Esse livro é *best-seller*? O autor ganhou o *Pulitzer*? O *New York Times* recomendou?

Eu só quero ouvir histórias que sejam consagradas. Quem escreveu a orelha desse livro?

P - Bem... “era uma vez um moleque chato que passou a ir dormir sem ouvir histórias”

F - Fizeram um filme desse livro? Daria pra gente ver o vídeo?

(O Estado de São Paulo, 6.set.2004. In: KOCH; ELIAS, 2006, p. 47)

Segundo a análise de Leal (2015), a primeira expressão a iniciar a cadeia referencial dêitica (**ExD0** – “*Era uma vez*”) é um *eu*, resgatado na bagagem do leitor, que remete à figura paterna que está atenta ao papel dos pais de se fazerem presentes na vida dos filhos.

Para Leal (2015), o que se podem ser encontradas no processo de transformação da cadeia dêitica são expressões lexicais e marcas suprasegmentais em diferentes vozes que guiam o discurso. Em casos de diálogo, como, por exemplo, em tirinhas, essas marcas são importantes para situar a posição do eu no discurso. Por isso, Leal (2015) afirma que as falas podem assumir duplo papel simultaneamente: elemento de transformação da cadeia (**PrTr**) e expressão dêitica recategorizadora (**ExD**).

A partir disso, a autora observa que, no exemplo (69), a primeira fala do filho (“Peraí”) pode ser marcada como **PrTr0**, em relação à próxima fala do pai, e a **ExD1** da cadeia. Leal (2015) esclarece que o **PrTr0**, trata-se de uma expressão informal e que, além de denotar uma proximidade entre o filho e o pai, traz uma ideia de “comando” na situação comunicativa. Para ela, apesar da expressão “Peraí” não apresentar nenhum traço suprasegmental, como uma sequência de pontos de exclamação ou mesmo letras maiúsculas, ela marca a posição do pai no discurso. Leal (2015, p. 202) pontua que **ExD1** “se constitui parte esperada da cadeia e exerce a função de marcar a voz do personagem pelo uso do discurso direto.”.

A autora continua a análise da cadeia dêitica com a segunda fala do pai (“O que foi?” – **ExD2**) expressando uma mudança tênue, uma vez que a fala do filho não é marcada de forma gráfica por nenhum elemento que denote ou configure uma reação mais intensa. Leal (2015) coloca que a ausência dessas marcas mostra, ao leitor, que a fala do pai permanecia segura na intenção de estabelecer um bem-estar entre ele e o filho. A autora afirma que, nesse sentido, o leitor deverá ativar o seu esquema mental quanto à relação pais – filhos questionadores para identificar uma recategorização do *eu*. Para Leal (2015, p. 202), quando a pergunta é lançada “o *eu* se reveste do papel social de um interlocutor que não deixará o outro monitorar o tom do discurso”. No texto 01, o pai será quem irá ter o domínio do discurso. Para a autora, o *eu* poderá recategorizar-se para,

funcionalmente, manter o tom do discurso, o que não acontece na **ExD2**, pois não funciona na cadeia como elemento de transformação, comparado pela posição do filho de não se retrair na fala seguinte, reassumindo a posição que era do pai no momento anterior.

Segundo Leal (2015), o que a fala do filho denota é um reconhecimento do trecho “*Era uma vez...*” como sendo uma passagem retirada de um livro e que atribui um sentido de pouco valor à esse tipo de livro ao perguntar se “*Esse livro é um best-seller? O autor ganhou o Pulitzer? O New York Times recomendou?*”. A autora considera, ainda, que esse mesmo segmento da fala, juntamente com o trecho “*Eu só quero ouvir histórias que sejam consagradas. Quem escreve a orelha desse livro?*” assume a posição de **ExD3** na cadeia referencial dêitica, já que o *eu*, para Leal (2015, p.203) “tem função de reafirmar a posição assumida no discurso, neste caso, acentuando a atitude de chatices”. Além disso, a **ExD3** é reafirmada e marcada de três maneiras distintas: pelo pronome “*eu*”, demarcando uma pessoa, o *eu* é quem afirma ser *eu*; pela expressão “quero ouvir” e pelo advérbio “só”. A autora fecha a análise da **ExD3** considerando essa expressão como elemento transformador da cadeia dêitica, assumindo a posição de **PrTr1**, concluindo que a atividade de comunicação das personagens exerce uma função discursiva e é um elemento de transformação em relação ao pai neste caso.

Em relação ao **ExD3**, a autora considera que essa expressão é uma recategorização de dêixis de pessoa, presente na última posição assumida pelo pai. Para ela, isso se dá pela manifestação do *eu*, trazendo novas marcas para o discurso. Alguns pontos podem ser levantados no trecho “*Bem... ‘era uma vez um moleque chato que passou a ir dormir sem ouvir histórias.’*” Para confirmar essa tese: as reticências marcando pausa podem indicar dúvida em punir o filho ou escolha da forma que será usada para marcar a punição; as aspas marcando uma escolha dêitica de sobreposição de vozes. Nessa circunstância, segundo a autora, há uma dupla presença: a do narrador e do personagem (enunciador da situação enunciativa). Para Leal (2015, p. 203), em casos afins de sobreposição de vozes, “a recategorização tem a função de preservar a face em função da construção da imagem do discurso.”

A autora ainda afirma que o **ExD4** vai funcionar como elemento transformador, sendo, simultaneamente, o **PrTr2**, que altera a mudança discursiva. Segundo a autora, é a alteração do tom do discurso que faz com que

a fala do filho também se transforme e essa é percebida pela fala “*Fizeram um filme desse livro? Daria pra gente ver o vídeo?*”, o **ExD5**. Na análise da autora, o *eu* perde a posição de *eu* que tinha assumido, apresenta interesse e transpõe a pessoa do discurso de uma primeira do plural para um terceira pessoa. Leal (2015, p. 204) finaliza considerando que a **ExD5** do *eu* – filho – a mudança da pessoa do discurso “indica que a recategorização tem a função de sinalizar a negociação de posições, ou, mais especificamente, de buscar na negociação a adesão do outro”.

b) **Exemplo de dêitico de tempo:**

(70)

Procurando palavras

Hoje é inadiável escrever. Durante muito tempo vinha me negando a isso: escrever simplesmente por escrever. (...) Agora compreendo que escrever é realmente algo sublime, mas de um sublime só concedido àqueles tão completamente humanos a ponto de ansiarem por um riso, um sonho, uma ideia, uma lágrima, uma pessoa, um desejo, uma dor, uma tarde, um rio, um cheiro e seus “etcéteras” tão intensamente sem motivo e explicação que podem ter tudo isso não ao alcance, mas dentro, da própria mão. E de dentro da minha mão, é que me vêm agora os quatro anos de faculdade que estão à beira do fim. Nesse tempo, conheci muitas pessoas e deixei de conhecer outras tantas. (...) Desses amigos, há um que foi o mais próximo e o mais distante. (...) Sempre que nos vemos, hoje quase raramente, ficamos na margem entre o dentro e o fora de nós. Essa noite, nos encontramos e meu amigo estava triste (...) Não levem a mal essa historinha, ela veio só porque hoje é inadiável escrever. (SANTIAGO, Ceuline Maria Medeiros. In: VIII Prêmio Ideal Clube de Literatura. Fortaleza: Realce Editora & Ind. Gráfica Ltda, 2005, p. 39-40)

A análise do exemplo (70), segundo Leal (2015), comporta o *hoje* do trecho “*Hoje é inadiável escrever*” como a **ExD0**, ou seja, o início do processo dêitico na cadeia onde o *eu* é projetado no texto de forma indireta. Para a autora, há pistas no texto que levam a crer que esse *eu* é uma construção entendida como um narrador que parecia distante, ou menos presente, e que subverte-se para a primeira pessoa, na tentativa de aproximação, de se fazer presente, conforme ilustra o trecho “Durante muito tempo vinha me negando a isso.”)

Leal (2015) pontua o trecho *durante muito tempo* como uma expressão adverbial que marca o primeiro processo de transformação – **PrTr0** – da análise em relação à cadeia temporal, trazendo uma ideia de oposição a dois momentos: o momento de acontecimento (MA) e o momento de referência (MR). Para a autora, a expressão mencionada anteriormente não marca o momento da enunciação, no entanto, é importante para a consolidação do processo dêitico, permitindo a ocorrência da recategorização da **ExD0** – *hoje* – no trecho *vinha me negando* (**ExD1**). Segundo Leal (2015), a recategorização dêitica temporal ocorrerá pela mudança temporal de coincidência entre três momentos distintos: o momento de enunciação (ME), o momento do acontecimento (MA) e o momento de referência (MR), que funcionará como uma confirmação da mudança entre os três momentos mencionados.

É válido ressaltar, ainda, de acordo com a autora, que a expressão transformadora inicial (**PrTr0** – “*durante muito tempo*”) é um importante elemento na consolidação da **ExD2** (“*agora compreendo que escrever...*”), pois, através de uma oposição, faz reaparecer o tempo presente. Leal (2015, p. 223) diz que o advérbio *agora* “recategoriza, portanto, o tempo de não-coincidência e tem a função de retomar o ME presente.”. A autora defende que a ausência de uma expressão temporal que denotasse esta função configuraria uma relação de não-coincidência com o ME aos enunciados que vem após o trecho “*vinha me negando*” com o trecho seguinte (“*compreendia que escrever...*”). Leal (2015) destaca, também, a posição ocupada pelo *eu* (*compreendo*) na enunciação que tanto reafirma o campo dêitico, como é uma ocorrência significativa para a análise dessa cadeia dêitica temporal.

De acordo com a autora, no processamento da cadeia dêitica temporal, o narrador irá ocupar o centro novamente, quando insere nele mesmo, conforme mostra o trecho “*...dentro da própria mão...*”, a grandiosidade da atividade da escrita, representada pelo encapsulamento *tudo isso*. Além disso, Leal (2015) afirma existir uma característica particular no processo de transformação da cadeia dêitica temporal que embasa a **ExD3** (“*me vêm agora os quatro anos de faculdade...*”), que seria a da forma verbal “vêm” manter o movimento de referência presente como um elemento de transformação (**PrTr0**) marcando um movimento espacial.

A autora admite que esse entendimento pode ser defendido com base em três possibilidades sem que ocorra prejuízos da recategorização dêitica: a primeira é um espaço de origem marcado (“*e dentro da minha mão, é que me vêm...*”); a segunda, é a possibilidade de um espaço de origem sem marcação (“*dentro da minha mão, me vê...*”); e a última seria um espaço de origem que não está explícito, onde o sentido vai ser resgatado com a cooperação do leitor (“*me vêm...*”).

Nesse sentido, a recategorização, segundo Leal (2015), não sofreria intervenção na cadeia dêitica em construção, ainda que o tempo do elemento transformador (*vêm* - PrTr1) fosse outro, denotando uma não-coincidência nem de anterioridade (“*viriam agora*”) nem de posterioridade (“*vieram agora*”) – com ou sem espaço de origem marcado no texto.

c) **Exemplo de dêitico de espaço:**

(71)

Ali

só

ali

se

se Alice

ali se visse

quando Alice viu

e não disse

se ali

ali se dissesse

quanta palavra

veio e não desce

ali

bem ali

dentro de alice

só alice

ali se parece.

(Paulo Leminski. In. CEREJA, W. R. e MAGALHÃES, T. C. Português Linguagens. vol. 7 Ensino Fundamental. Editora Atual, 2010, p. 51).

Leal (2015) analisa o exemplo (71) chamando atenção, primeiramente, para o título “*Alí*”, inserido no texto/discurso que compreende uma estratégia sonoro-semântica entre duas expressões “*ali se*” e “*alice*”. A autora esclarece que essa cadeia foi escolhida para trazer considerações sobre a recategorização dêitica de espaço, primeiro, pela possibilidade de haver um equívoco por parte dos leitores acerca da interpretação das expressões dêiticas presentes, em especial, aqueles leitores em formação; além de que, apesar do jogo sonoro-semântico, nem todas as ocorrências de expressões poderão ser vistas como advérbios. A autora coloca que, ao enunciar “*só ali se*”, o *eu lírico* faz uma alusão a uma mulher somente, àquela que entrega seus sentimentos. Leal (2015) se embasa em Ariel (2004) e Zamponi (2005) para tratar de um grau de acessibilidade mental necessário para a construção semântica que extrapola os conhecimentos comuns dos quais partilham os interlocutores. Para a autora, é necessário que a função do advérbio *só* seja identificada no recorte textual e que seja compreensível que o discurso não admitiria que os sentidos empreendidos para o *só ali* pudessem ser equivalentes ou substituídos pelos de *só naquele lugar*.

Na sequência da análise, Leal (2015, p. 258) toma o trecho “*se Alice ali se visse*” para afirmar que o *eu lírico* utiliza uma expressão dêitica e coloca que o “espaço linguístico, aqui, abriga aquele que se coloca como centro e ponto de referência da localização.”. Na análise da autora, a ideia de que o *eu lírico* gostaria que Alice visse sua própria imagem através da forma *ali*, é recuperada por meio de um processo de inferência, sendo, esse *ali*, a ilustração de um espelho. Outra possibilidade seria a de que Alice pudesse se ver num lugar específico, que já havia sido imaginado por esse *eu lírico*.

Leal (2015) afirma que tal possibilidade se confirma nos versos “*quando Alice viu e não disse*”. No trecho seguinte “*se ali ali se dissesse quanta palavra veio e não desce*”, a autora esclarece que esses versos são importantes para estabelecer uma ligação através de um espaço comum ao *eu lírico* e à personagem construída por uma expressão condicional e que é reafirmado pelo resgate do dêitico *ali*.

Segundo a autora, ainda há outras expressões dêiticas como nos versos “*ali bem ali dentro de Alice*”, onde a perspectiva em relação à percepção do espaço para o namorado é alterada, uma vez que *Alice* agora estaria num espaço

específico do próprio *eu*. De acordo com a autora, nessa mudança de perspectiva, o enunciador especifica o lugar e reforça-o através de um processo de reiteração.

Por último, o enunciador retoma *ali*, nos últimos versos. Conforme a autora, é necessário compreender a noção de contexto partilhado cultural para que a reiteração de “ali se” e “alice” aconteça e que o leitor possa resgatar o sentido de Alice para o autor do texto, entendendo que no espaço interior de Alice (*ali*, dentro dela), ela é única.

Portanto, esses três exemplos podem ilustrar a contribuição de Leal (2015) em relação ao fenômeno da recategorização. Reafirmamos que o breve recorte da tese não minimiza a importância do trabalho em relação às outras partes que não foram contempladas, sendo, ao todo, uma relevante contribuição para o campo da Linguística Textual. Mostraremos, a seguir, o que o artigo de Lima e Cavalcante (2015) aprofundaram a respeito do fenômeno da recategorização.

2.10 REVISITANDO OS PARÂMETROS DA RECATEGORIZAÇÃO – LIMA E CAVALCANTE (2015)

A presença desse artigo na seleção dos trabalhos elencados para essa dissertação vem com a proposta de mostrar uma mudança de nomenclatura para um fenômeno voltado à recategorização que foi tratado anteriormente por Custódio Filho (2011). Vejamos o ponto alto de discussão sobre essa questão trabalhado por Lima e Cavalcante (2015).

Lima e Cavalcante (2015) abordam, neste artigo, o posicionamento de Custódio Filho (2011) ao propor uma nomenclatura para um tipo de recategorização: *recategorização sem menção referencial*. Para as autoras, Lima (2009) já havia apresentado uma proposta que recobria o caso, não necessitando, portanto, de uma nova nomenclatura. Lima e Cavalcante (2015), apesar de não concordarem com a nomenclatura proposta por Custódio Filho (2011), reconhecem as contribuições dadas pelo autor em relação às suas análises a respeito do fenômeno de recategorização em textos multimodais, especialmente em textos longos e narrativas de ficção.

O exemplo abaixo foi dado por Custódio Filho (2011, p. 170) para justificar a nomenclatura proposta por ele a respeito das recategorizações sem menção referencial:

(66) Que vergonha ver a atual prefeita censurar o uso de imagens de Ciro e Lula, grandes companheiros de Patrícia, no horário eleitoral! Será que essa prefeita tem vergonha de ver que Patrícia foi vice-líder de Lula no Senado??? Será que ela não se contenta em ver Lula longe dela, tal qual em 2004, quando o presidente estava com Inácio Arruda??? Antes era uma defensora da democracia, agora, no poder, se vestiu com as piores armas do autoritarismo e da censura! Liberdade de expressão JÁ! Patrícia é MULHER de RESPEITO e quer apenas ter o direito de mostrar a sua biografia, pena que a prefeita se [de]sespera com o passado histórico dela! (Texto recebido por e-mail).

De acordo com Custódio Filho (2011), o texto (66) circulou no período eleitoral para prefeito de Fortaleza (CE), em 2008. À época, a coligação de Luiziane Lins vetou as propagandas da outra candidata Patrícia Saboia, que aparecia com o, então, presidente Lula e Ciro Matos, deputado. Partindo desse contexto, fica clara a compreensão de Luiziane como “autoritária” e “desleal”, termos que marcam as recategorizações, assumidas por Custódio Filho (2011) como *recategorizações sem menção referencial*, uma vez que não apresentaram uma homologação da superfície do texto. Essas recategorizações não estão diretamente ligadas a expressões do cotexto, mas são engatilhadas por predicções a partir dele.

Lima e Cavalcante (2015), a partir do exemplo dado por Custódio Filho (2011), consideram que as recategorizações apresentadas pelo autor foram construídas a partir do *frame* ELEIÇÃO DA PREFEITURA DE FORTALEZA (CE), licenciadas por pistas dadas pelo cotexto, não são cobertas pela nomenclatura dada pelo autor *recategorização sem menção referencial*, uma vez que, mesmo não sendo homologadas na superfície do texto, a recategorização foi homologada no plano cognitivo. Com isso, as autoras consideram que a nomenclatura usada por Custódio Filho (2011) pode causar ambiguidade, a partir do momento em que se pode considerar tal homologação no processo cognitivo. Assim sendo, Lima e Cavalcante (2015) defendem que, a partir do exemplo dado pelo autor, não somente as predicções podem levar à recategorização, mas também, elementos que não estão na superfície do texto, como os *frames*, que são evocados por pistas linguísticas.

Partindo dessas considerações, Lima e Cavalcante (2015) propõem que a nomenclatura proposta por Custódio Filho (2011) seja modificada para *recategorização sem menção de expressão referencial*, fazendo relação, portanto, aos casos em que

a recategorização não necessariamente é homologada na superfície do texto, mas apenas no plano da cognição. A nomenclatura proposta pelas autoras cobriria os casos (p. 308):

1) quando o referente recategorizado não é homologado na superfície textual, mas a sua recategorização é confirmada por uma expressão referencial; 2) quando o referente é homologado na superfície textual por uma expressão referencial, mas a sua recategorização somente é construída no plano das estruturas e do funcionamento cognitivo, porém evocada por outras pistas linguísticas; 3) quando nem o referente nem a sua recategorização são homologados por expressão referencial na superfície do texto, mas ambos elementos são inferidos a partir da ancoragem em modelos cognitivos evocados pelas pistas textuais.

Essas considerações, segundo Lima e Cavalcante (2015), abrem caminhos para outras perspectivas de análise acerca do fenômeno de recategorização, como em textos multimodais. Para tanto, as autoras destacam Cavalcante e Custódio Filho (2011), quando defendem a ideia da natureza multifacetada do texto que, numa perspectiva sociocognitiva, assume na sua constituição outros elementos semióticos que vão além das estruturas verbais. Assim, Lima e Cavalcante (2015) partem de ideias já defendidas por Capistrano Júnior (2011) e Lima (2013), quando trataram sobre a recategorização em textos verbo-visuais. Segundo Lima e Cavalcante (2015), os autores ora citados tomaram por base as contribuições de Ramos (2007), que defende que um objeto de discurso pode ser homologado por meio de signos linguísticos e signos icônicos. Nessa linha, Lima e Cavalcante (2015) consideram que, do mesmo modo, a partir da dinamicidade assumida pelos objetos de discursos, podem ser recategorizado por meio de uma imagem.

Cavalcante e Lima (2015, p. 310) partem de exemplos dados por Capistrano Júnior (2011) e Lima (2013), respectivamente, para comprovar a proposta de recategorização por semiose imagética.

(72)



Fonte: Disponível em: http://www.monica.com.br/egibin/load.cgi?file=news/welcome.htm&pagina=../../mural/colecao_Ipm.htm. Acesso em: 11 nov.2009, citado por CAPISTRANO JÚNIOR, 2011: 231).

No exemplo (72), de acordo com as análises feitas pelas autoras, os referentes “Mônica” e “Cebolinha” foram recategorizados como idosos, a partir dos quadros em que, primeiramente, são apresentados como crianças e, no segundo, como idosos, fazendo referência à passagem do tempo, levando em consideração, também, a característica “força excepcional” que marca a personagem Mônica em todas as suas histórias.

(73)



Fonte: Jornal Meio Norte (dez/2012). (Disponível em: <http://portalaz.com.br>. Acesso em: 21.03.13, citado por LIMA, 2013: 108).

No segundo caso (73), segundo Lima e Cavalcante (2015), é possível observar que o referente “usuário de redes sociais” está sendo recategorizado como “viciado”. Algumas marcas no cotexto nos permitem chegar a essa conclusão: a posição do personagem como se estivesse ingerindo droga, considerando que a droga está sendo representada pelo símbolo do Facebook, fazendo referência a todas as redes

sociais, um tipo de metonímia PARTE PELO TODO e pelo *frame* REDE SOCIAL É UM VÍCIO, uma metáfora conceitual.

Lima e Cavalcante (2015) ratificam que a visão a respeito do fenômeno de recategorização, partindo de aspectos cognitivos, abriu caminhos para outras investigações em torno do fenômeno, como nas análises feitas em textos multimodais, garantindo assim, que a recategorização não está limitada às estruturas formais do texto, muito menos atrelada a uma homologação por meio de uma expressão referencial.

Encostando em estudos mais recentes, Soares (2018) desenvolve uma dissertação que comprova a ocorrência de nomes próprios como processos recategorizadores. Vejamos como ela consolida essa ideia.

2.11 PROCESSOS REFERENCIAIS POR NOME PRÓPRIO COMO ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS – SOARES (2018)

O último trabalho ao qual nos reportamos e descrevemos é o de Soares (2018). Nele, a autora investigou como os processos referenciais funcionam como estratégias argumentativas para conduzir a persuasão. O que nos leva a contemplar a proposta de Soares (2018) é a possibilidade de, num processo de retomada anafórica, existir a possibilidade de um referente introduzido ser recategorizado por meio de nomes próprios, configurando, dessa maneira, mais uma contribuição quanto ao fenômeno da recategorização.

Fizemos, portanto, um recorte de dois exemplares do corpus analisado para ilustrar como esse processamento ocorre e se confirma. Antes de apresentar esses exemplos, situamos alguns pontos relevantes que nortearam a pesquisa de Soares (2018). A autora afirma que a escolha dos nomes próprios está ligada a aspectos socioculturais (como influências de atrações televisivas ou influências religiosas). Ela pontua, também, que o interesse pelo estudo partiu de uma explanação de Basseto (2015) sobre o modo de funcionamento dos nomes próprios como estratégia para a construção da referência numa perspectiva sociocognitiva e interacionista da Linguística Textual.

O principal objetivo de Soares (2018) que irá interessar ao nosso recorte é a análise dos nomes próprios, como processos referenciais, em especial, a forma

como o interlocutor apresenta o referente através de um nome próprio e o modo como o recategoriza ao longo do texto por meio do nome próprio ou por meio de uma expressão que o recupere por meio de uma alusão.

A autora esclarece que seu *corpus* está constituído de gêneros variados, com ocorrências de multimodais semióticos, que tem, como temática, o cenário político brasileiro no ano de 2016 e pontua, ainda, que seu trabalho não tem o interesse em relacionar a ocorrência dos nomes próprios como estratégias de referenciação com a estrutura dos gêneros discursivos.

Direcionamos nosso olhar, então, para o tópico de análise que trata dos *Modos de apresentação e de recategorização dos referentes com nomes próprios*. Nesse tópico e subtipo, Soares (2018) recorre às etapas de construção da referência de Custódio Filho (2011) como categorias de análise. Tais categorias, segundo a autora, se dividem em apresentação e mudança, e poderão ocorrer por acréscimo e confirmação. Além dessas categorias, Soares (2018) ainda utilizou Cavalcante e Brito (2016), que resumiram essas etapas em duas funções: apresentação e retomadas recategorizadoras, uma vez que, para elas, o caráter recategorizador se faz presente em todas das retomadas anafóricas. Vejamos o exemplo a seguir e como a autora mostra a recategorização por nome próprio no gênero *crônica* a partir do exemplo retirado de Cavalcante e Soares (2017, p.123):

(74)

Frankstemer! Nobel da Economia!

[...]

Rarará!

E atenção! "Piauí Herald": "Após aumentar gastos públicos para conter a crise, Temer é indicado para o Nobel da Economia".

A Câmara aprovou aumento da crise econômica:

Aumentou o Judiciário, os funcionários públicos, os militares e a mesada do Michelzinho.

Rarará!

Rarará!

E a Dilma é a Rainha do Pitaco! Tudo que o Frankstemer faz, ela: "Não disse, não falei, eu avisei, no meu tempo".

Ela devia ser comentarista de futebol. Chata de plantão!

[...] (Disponível:<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/josesimao/2016/06/1777>

984-frankstemer-nobel-de-economia.shtml>. Acesso em: 06 jun. 2017)

Segundo a análise de Soares (2018), já no título, há uma introdução do referente “*Frankstein*”, carregado semanticamente, em que há uma associação de uma característica desse referente – *monstro* – com outro referente – *Michel Temer*. A autora afirma que seria contraditório dizer que o referente já estaria sendo recategorizado na expressão referencial, ao aceitar que tal fenômeno é típico das anáforas. O que Soares (2018) diz é que a recategorização não se manifesta de forma pontual, mas é construída na interpretação do texto num processo de “idas e vindas”. Dessa forma, a autora diz, ainda, que esses dois referentes são inseridos no texto quase que ao mesmo tempo, trazendo novas informações que se ratificam ao longo do texto e que comprova uma repulsa do locutor pela imagem do Temer. A autora corrobora com Silva (2013) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) quanto ao posicionamento de que a introdução referencial pode assumir um caráter argumentativo que pode ser confirmado, ou não, ao longo do texto e isso se confirma, segundo Soares (2018), na introdução referencial “*Frankstemer*”, onde os referentes são introduzidos por essa expressão. Para a autora, os dois referentes, que estão interligados com base num contexto sócio-histórico relacionado ao momento de produção desse texto, estabelecem uma relação intencional, demarcada pela união deles na expressão *Frankstemer*.

De acordo com Soares (2018), há outras pistas no contexto que ratificam essa argumentatividade ao texto, dentre elas “*umentar gastos públicos*”; “*Temer é indicado para o nobel de economia*”; “*umentar a mesada de Michelzinho*”. Nesse último trecho, a autora destaca o referente *Michelzinho* como uma anáfora indireta que remete a *Michel Temer* marcado, ainda, na sua estrutura pelo sufixo – *inho*. Essa desinência, conforme a autora, denota tanto algo de tamanho reduzido, quanto uma falta de prestígio, pontuado de forma irônica e aludido ao filho de mesmo nome. As expressões de riso que aparecem no texto (“*Rarará*”) confirmam a ironia do enunciador. A autora afirma que na inserção do referente “*Dilma Rousseff*”, Temer continua recategorizado como *Frankstein* e considera que as pistas, ao longo do texto, contribuem para a argumentatividade e a percepção do locutor a variados pontos de vista sobre a atuação do, então, presidente Michel Temer e que interferem no comportamento do interlocutor em

relação ao que vê e sente. Soares (2018, p.81) afirma que “é necessário considerar não apenas recursos lexicais, mas principalmente os processos referenciais, responsáveis pela condução tópica e pela construção da coerência textual como um todo.”

O segundo exemplo, retirado de Soares (2018, p. 85), trata-se de uma postagem de *Twitter*.

(75)



(Disponível em: < <https://twitter.com/dilmaabr/status/762090361850302464>>. Acesso em: 01 set. 2017)

Na análise da autora, essa postagem foi retirada do perfil “Dilma Bolada” e faz referência ao período das Olimpíadas de 2016, onde houve um protesto no estádio por parte dos torcedores contra Michel Temer, à época presidente, com exibição de faixas contendo o texto “Fora Temer” e que sofreram retaliações, sendo impedidos de manifestarem seu posicionamento sobre o presidente.

Soares (2018) considera que o referente “*Michel Temer*” foi introduzido referencialmente pela expressão “*O Temer*” e, logo depois, é retomado e recategorizado, através de um processo metafórico, como “Voldemort das Olimpíadas”. Com o resgate na bagagem cultural, a autora afirma que o referente é comparado ao vilão da obra Harry Potter, que tem a característica de ser um personagem tímido e que não pode ter seu nome pronunciado, fazendo uma analogia ao caso de Temer, onde o presidente tentou barrar as manifestações públicas com caratazes e faixas que carregavam o repúdio à sua imagem promovendo a criação de diversos memes e cartazes cômicos nas redes sociais sobre a decisão imposta por Teremer.

Nesse exemplo (75), Soares (2018) confirma, também, a construção de outros referentes, além da existência de pistas contextuais que confirmam essa semelhança, como a questão de, na obra Harry Potter, não poder se pronunciar

o nome do vilão Voldemort, além da sátira em relação aos seguranças que, segundo notícias divulgadas na mídia, apreenderam as faixas e cartazes dos torcedores no estádio por estarem se manifestando contra Michel Temer, fazendo referência, na obra, aos *Comensais da Morte*, que eram guardas da escuridão quem extinguíam as pessoas que desobedeciam à ordem de não invocar Voldemort. A autora busca sustentação para essa análise em Cavalcante e Brito (2016), as quais defendem que as expressões referenciais, bem como as pistas expressas no contexto, constroem a recategorização dos objetos de discurso, apresentam novas informações e validações de características do referente que já foram elencadas, norteadas a argumentatividade no texto.

Soares (2018) admite a existência de uma rede referencial construída entre os dois referentes: Michel Temer e Voldemort, que proporciona uma recategorização estabelecida por relações diretas e metafóricas instituídas cognitivamente num processo de negociação de sentidos.

A autora faz, então, a confirmação das seguintes estratégias: “*Michel Temer*” é recategorizado, assumindo características (semânticas) bem específicas do personagem Voldemort; “*Comensais da Morte*” é uma anáfora indireta que remete a Voldemort e à obra Harry Potter; o nome *Voldemort* traz um ponto de vista a partir do texto – há a consolidação de uma sátira, pela situação de impedimento dos torcedores se manifestarem como o “*Fora Temer*” e que é responsável pela construção do humor no texto, ressaltando a estratégia de destaque do locutor sobre os interlocutores. Tudo isso confere, a partir de Amossy (2011) e Cavalcante (2017), um caráter argumentativo ao texto, segundo Soares (2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na última etapa desse trabalho, condensamos todas as informações referentes ao levantamento feito em relação aos trabalhos selecionados que trataram do fenômeno da recategorização.

Antes de mais nada, é importante frisar que a pretensão deste trabalho era reunir pesquisas que, de uma forma ou de outra, mencionaram o fenômeno que elegemos. Acreditamos que seria impossível fazê-lo, dada a quantidade e variedade de trabalhos existentes que visam analisar o fenômeno em variados *corpus* de gêneros diferentes, aplicando classificações já existentes ou relacionadas com outras áreas e, até mesmo, pela própria extensão da dissertação.

Reafirmamos, ainda, que não estamos sendo reducionistas à importância dos demais trabalhos que não entraram nessa dissertação, pelo contrário, sabemos da relevância de todos eles para o desenvolvimento da Linguística Textual no Brasil. E destacamos, também, que não estamos sendo reducionistas aos trabalhos que fizemos os recortes necessários, pois selecionamos as amostras mais pertinentes para nosso objetivo. As pesquisas selecionadas, portanto, sanaram a nossa necessidade em mostrar a trajetória do fenômeno da recategorização nos estudos mais contemporâneos da Linguística Textual e que apresentaram contribuições significativas para a área da Referenciação e dos estudos do texto.

Inicialmente, abordamos o trabalho de Mondada e Dubois (1995) para mostrar duas discussões/questões fundamentais sobre as categorias: a estabilidade e a instabilidade. Concordamos com as autoras ao assumirem que ambos os processos são bastante significativos para o processo de remodulação dos objetos de discurso.

Sobre a estabilidade das categorias, as autoras admitem que os sujeitos são elementos de construção do mundo e que esse posicionamento está relacionado aos papéis sociais resultantes da interação entre esses sujeitos, que são responsáveis pelo estabelecimento dessas categorias e de configurarem uma estabilidade a elas. Ao nosso ver, as práticas sociais e a função social dos sujeitos que se relacionam, através de uma troca de bagagem sociocultural, são responsáveis por instituir as categorias e estabilizá-las, uma vez que, para que haja uma instabilidade dessas categorias, elas precisam ter passado por um processo de estabilização. Essa é uma posição com base nos fundamentos das autoras.

Sobre a instabilidade, concordamos que, para a ocorrência de um processo transformador de objetos de discurso, as práticas devem ser levadas em consideração, assim como o contexto, não necessariamente consolidadas pelo verbal, mas também pelo não verbal, dentro de um processo interativo de negociação e contextualização de “uma versão provisória”, conforme sinalizam Mondada e Dubois (1995).

Pontuamos, ainda, que as instabilidades se situam na intersubjetividade das atividades cognitivas e que, num processo de referenciação, a intersubjetividade é fundamental para a construção de objetos de discurso que, por se tratar de uma construção colaborativa/ discursiva, poderão receber novas informações dos sujeitos inseridos no ato comunicativo, podendo remodelá-los/transformá-los inteiramente por acréscimos, desestabilizando categorias e configurando um novo processo.

Essa posição de Mondada e Dubois (1995), da qual corroboramos, fundamenta a noção e o conceito de recategorização proposto por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) no seu artigo seminal sobre o fenômeno. Fundamenta, também, as várias visões sobre o fenômeno elencadas nas pesquisas posteriores.

Reafirmamos, a partir do levantamento dos trabalhos descritos, que essas noções destacadas trouxeram uma evolução importante para o campo da Referenciação quanto aos processos envolvidos na construção, em especial, na (re)construção dos referentes através do processo de recategorização.

O artigo pioneiro de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), para a Linguística Textual, se tornou a base para quaisquer pesquisas que envolvam o fenômeno da recategorização. Nele, há, marcadamente uma análise do fenômeno numa tendência textual-discursiva, mas sem negligenciar os aspectos cognitivos envolvidos nesse processo. Apesar de não aprofundarem, reafirmamos, a partir da resenha apresentada, que não era o foco da investigação dos autores se voltarem para uma análise cognitiva. Juntamente com o embasamento teórico e complementar de Mondada e Dubois (1995), os autores admitem a relevância da intersubjetividade na construção dos referentes. Aceitar que não há qualquer subjetividade, reduziria qualquer análise à noção extensional, onde a linguagem seria, apenas, uma cópia da realidade.

A ideia da plasticidade do léxico e a flexibilidade nas escolhas pelos sujeitos é, também, um ponto de destaque na proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Concordamos com os autores ao pontuarem sobre a inviabilidade da (re)construção

de um referente se não fossem possível que os sujeitos (sociocognitivos) não pudessem escolher, dentro de uma infinidade de possibilidades, as designações que melhor lhes coubessem num processo de comunicação, onde essas escolhas – construídas nas práticas sociais, discursivas e culturais – podem, e devem, atender às suas necessidades. É nessa perspectiva que a língua não pode ser visualizada como “um conjunto de etiquetas prontas”. Essa concepção orienta a característica de retomada, típica da recategorização, e um caráter persuasivo intrínseco ao fenômeno.

A proposta de classificação do fenômeno da recategorização lexical foi fundamental para que o processo pudesse ser redimensionado posteriormente em outros estudos. Mesmo não trazendo critérios homogêneos para suas análises, a construção de um conceito para o fenômeno, em que um objeto de discurso poderá ser reapresentado, remodulado, trazendo novas informações e com uma função argumentativa pertencente a essa estratégia, foi um ponto fundamental para a consolidação desse processo referencial e para o avanço dele.

Após o trabalho de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), pontuamos um trabalho que sinalizava a importância do caráter cognitivo para o fenômeno: Cavalcante (2000). O propósito da autora não foi trabalhar especificamente com a recategorização, mas não podemos marginalizar uma posição que instigou e impulsionou pesquisas posteriores, quanto à virada de tendência e a reconfiguração do fenômeno, como a proposta de Lima (2003).

Cavalcante (2000) trata do processamento anafórico correferencial e traz uma problemática que já havia sido contemplada em Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e Mondada e Dubois (1995): a existência de uma recategorização que não se valida apenas numa superfície textual, mas também numa construção extralinguística mais ampla. Isso se confirma nos estudos de Lima (2003), Custódio Filho (2011), Leal (2015), entre outros, onde o fenômeno assume novas configurações e concepções para dar conta de textos em modalidades diversas e assumir novos papéis ao lado de outras expressões referenciais.

Assim como Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e Mondada e Dubois (1995), Cavalcante (2000) também vê a referência de acordo com a noção construtivista e não extensional. Além disso, destaca, ainda, a importância da instabilidade das categorias e a plasticidade do léxico, já visualizada em Mondada e Dubois (1995), como importantes noções para a efetivação de uma expressão recategorizadora. Para nós, esse posicionamento de Cavalcante (2000) impulsionou as investigações

posteriores sobre a recategorização em relação ao caráter cognitivo.

Marcuschi e Koch (2002) também explanaram sobre estratégias de referenciação. Não foi um trabalho exclusivo sobre recategorização, mas teve seu significado para os estudos do texto. Na quarta parte, eles trazem uma discussão sobre a recategorização, mas para reafirmar a ideia inicial, pois ilustram casos de recategorização lexical – concepção clássica – apresentando a rotulação e a função argumentativa.

O que os autores estabelecem são comparações de ocorrências de anáforas na língua falada e escrita, dentre esses processos anafóricos, o de recategorização. Eles também aproveitam para marcar a noção de recategorização que eles corroboram, aceitando que poderá ocorrer lexicalmente ou contextualmente (cognitivamente ativada por inferências). Essa noção, juntamente com as discussões advindas de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e Mondada e Dubois (1995), embasam o que Lima (2003) traz de redimensionamento para o fenômeno, no entanto, reafirmamos que, apesar de sinalizarem para essa nova visão do fenômeno, as análises trazidas por eles, neste trabalho, são feitas numa perspectiva textual.

Lima (2003) vem, então, para mostrar que o fenômeno da recategorização não se restringe à mera superfície textual (tendência textual-discursiva). A autora, com sua proposta de analisar as (re)categorizações metafóricas como estratégia para construção do humor no gênero piada, contempla o que muito já se dizia, mas não se aprofundava, quanto ao aspecto cognitivo da recategorização. A construção dos sentidos, baseado num processo de inferências em que a recategorização é considerada a partir de um repertório social, cultural físico, numa atividade negociada responsável pela construção do humor nas piadas instituídas por metáforas, foi uma contribuição expressiva e permitiu um novo olhar nos estudos da referenciação e de categorias diversas.

No mesmo ano, uma outra pesquisa também elegeu o fenômeno da recategorização como objeto de investigação: Tavares (2003). Nele, a autora, numa perspectiva textual-discursiva, não propõe nenhuma reconfiguração ou nova concepção para o fenômeno, mas retoma a proposta classificatória de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), tão criticada pela heterogeneidade das categorias apresentadas no trabalho, e propõe uma reorganização dessa classificação inicial com base em critérios e categorias mais homogêneas. Essa proposta de trabalho se torna válida para a trajetória, porque procurou suprir uma lacuna deixada pelo estudo

pioneiro sobre a recategorização, assim como Lima (2003) também procurou fazer.

A proposta de reorganização de Tavares (2003) também contemplou as lacunas de trabalhos de Cavalcante (2002, 2003) quanto a um maior detalhamento em relação a alguns critérios relacionados ao fenômeno da recategorização, como o critério de significação. Além dele, Tavares (2003) contemplou os critérios de retomada, cognição e explicitude/implicitude.

Após Tavares (2003) e Lima (2003), vimos que Matos (2005) já apresenta um outro olhar sobre a recategorização. O trabalho da autora se configura como uma pesquisa que trata, exclusivamente, das recategorizações com foco nas funções discursivas (apenas lexicais expressas por anáforas diretas, por ser uma ocorrência mais comum).

A lacuna deixada nos trabalhos anteriores e que Matos (2005) resolveu preencher foi, exatamente, o caráter funcional do fenômeno. A autora sugere um conjunto de funções consideradas como “argumentativas”. Essa é uma posição que ela assume desde o início.

Quanto à esse posicionamento, Matos (2005) diverge, ainda, de outros estudos anteriores, a saber Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) e Tavares (2003), onde os primeiros apresentaram a argumentação apenas como um critério de diferenciação de outras categorias analisadas por eles e a segunda propôs a divisão das anáforas, com base nas funções, em “argumentativas” e “não-argumentativas”.

Matos (2003) dividiu as ocorrências em quatro grupos funcionais: avaliativo, não avaliativo, glosa e estético-conotativa. A autora revelou, com sua investigação, que as recategorizações são multifuncionais. Nesse sentido, uma das descobertas do estudo de Matos (2005) é o hibridismo das recategorizações, ou seja, essas expressões tanto referenciam quanto são atributivas, além de funcionarem para evitar repetições no texto.

Outro ponto forte é a confirmação das funções argumentativas analisadas, conforme descrevemos. As recategorizações podem, portanto, assumir mais de uma função (nesse tipo específico de anáfora), sendo mutuamente auxiliares na construção enunciativa.

Na esteira dos estudos sobre a recategorização, apresentamos Lima (2009) com uma proposta voltada não só para a metáfora, como em (2003), mas amplia sua análise para metonímias também. Em (2003), a autora, já havia feito uma interface entre a Linguística Textual e a Linguística Cognitiva, e que continuou a explorar, de

forma mais aprofundada, na tese (2009) a partir da TMCI, que resultou numa análise das metáforas e metonímias que licenciam expressões linguísticas recategorizadoras.

A interface entre as áreas possibilitou que o fenômeno da recategorização pudesse ser visto de uma forma mais dinâmica e com maior poder descritivo e explanatório sob o ponto de vista de Lima (2009). A necessidade de um aprofundamento a nível cognitivo, por isso a interface, carecia pela complexidade do fenômeno e dos aspectos do próprio fenômeno que só poderiam/podem ser explicados por esse nível, nem mesmo os casos de recategorizações explícitas no cotexto estão livre de uma análise nessa perspectiva para construção dos sentidos, podendo serem analisados pela TMCI.

A contribuição de Lima (2009) extrapola o olhar da recategorização na perspectiva da primeira tendência e mostra o quanto os aspectos cognitivos são responsáveis e indispensáveis para o processamento de recategorizações instituídas de forma implícita no texto, por isso, uma abordagem que contemplou diferentes graus de implicitude e explicitude nas metáforas e metonímias em poemas que traziam a morte como temática. Há a constatação, também, da necessidade de se chamar a atenção para a não linearidade do fenômeno, pois há casos em que é preciso uma visão mais global do texto para que se confirme a recategorização marcada metaforicamente-metonimicamente numa expressão. Lima (2009) comprova, e nós concordamos, que essa integração só acontece mediante a interface proposta.

O trabalho de Lima (2009) traz uma maior solidez para a perspectiva cognitiva do fenômeno, pois valida a tese de que os objetos de discurso estão a serviço de uma atividade sociocognitiva muito mais ampla e trouxe a abertura para análises nesse âmbito, exploradas em outras temáticas e, conseqüentemente, em outros *corpus*, como fez Sousa (2016).

Avançando, vimos uma outra contribuição que foi, também, relevante para a reconfiguração e avanço em relação ao fenômeno. Na verdade, Custódio Filho (2011) sugere a existência de uma *recategorização sem menção referencial*, que pode ser vista como um forte auxílio para análise de processos de recategorizações tanto na perspectiva somente verbal (como ilustrado na descrição), quanto em textos multimodais.

Custódio Filho (2011) ressalta a importância da perspectiva sociocognitivista para a reconstrução da recategorização por considerar insuficiente uma análise apenas na primeira tendência, sem desmerecer as análises e trabalhos que se

concentraram aí.

Quanto à multimodalidade como ferramenta para elucidação de processos referenciais, Custódio Filho (2011) aborda a significação que a imagem tem para a materialidade textual, o que vale dizer que as imagens funcionam igualmente aos elementos lexicais, muito mais dinâmicas e uma importante ferramenta de acréscimo de informações (recategorizações).

Retomando para a proposta de uma nomenclatura nova para a recategorização, o autor confirma que esse fenômeno pode ocorrer de forma independente de expressões referenciais. O autor reafirma a importância da não-linearidade na construção da recategorização, já mencionada em Lima (2009) e retomada por ele, avançando para a relevância de todos os elementos do texto (verbais e não verbais) para a consolidação de um processo de recategorização.

Na sequência, vimos que Silva (2013) traz, em sua tese, uma proposta onde o fenômeno da recategorização se reconfigura numa perspectiva textual-discursiva. O que o autor traz de evolução para o fenômeno é a comprovação de que uma introdução referencial poderá ser, ainda, recategorizadora, ou seja, há um processo híbrido em expressões que poderão tanto inaugurar um referente, quanto já recategorizá-lo. Com a descrição do trabalho de Silva (2013), percebemos que a multimodalidade e a não linearidade estão à favor do processo de recategorização, na construção dos sentidos, confirmados pela dinamicidade e pela natureza sociocognitiva do fenômeno.

Leal (2015) vem, também, com uma proposta de hibridismo entre expressões referenciais distintas: a dêixis e a recategorização. A novidade nessa tese é que a autora procurou mostrar como um dêitico (pessoa, tempo e espaço) pode assumir uma transformação ao longo de narrativas (gênero escolhido por conter maior ocorrências de processos dêiticos) a partir do narrador e do personagem que mudam a centralidade de seu olhar quando retomam expressões dêiticas em momentos diferentes do texto. O intuito de Leal (2015) foi mostrar que, quando uma expressão dêitica aparece pela primeira vez e é recuperada em um outro momento, há uma recategorização desse dêitico pela mudança de centralidade do narrador e/ou dos personagens na narrativa.

O artigo subsequente, de Lima e Cavalcante (2015) não traz uma reconfiguração do fenômeno, apenas propõem uma mudança de nomenclatura para aquela já proposta por Custódio Filho (2011). Decidimos como relevante, portanto,

por, hoje, termos essa nova nomenclatura mais encontrada nas discussões e trabalhos que tratam da *recategorização sem menção de expressão referencial*.

Por último, trouxemos para a nossa proposta um estudo mais atual sobre o fenômeno. Essa pesquisa foi desenvolvida por Soares (2018) e ela confirma que os nomes próprios poderão assumir um papel recategorizador no texto. Essa é uma outra possibilidade em termos de análise do fenômeno numa perspectiva sociocognitiva. Não houve uma exclusividade em trabalhar apenas com a recategorização, pois ela também analisa estratégias diferentes, como as introduções e anáforas indiretas, mas pôde confirmar a existência desse processo em suas análises, conforme descrevemos no capítulo anterior.

Soares (2018) confirma, então, que a ocorrência de nomes próprios ocorre com frequência nas anáforas recategorizadoras, em especial, por relações predicativas, como metáforas. Esse processo determina o acréscimo de informações pelos nomes próprios que estão sempre relacionados a estereótipos.

O levantamento desses trabalhos permitiu que traçássemos essa trajetória sobre o fenômeno e resgatássemos as conclusões a que chegaram os autores para confirmar as pesquisas que tiveram a recategorização como objeto de investigação. Para a montagem do quadro (2), elencamos os trabalhos descritos em ordem cronológica, logo após sinalizamos a tendência apresentada em cada investigação de acordo com as análises de cada autor e, em seguida, a contribuição de cada estudo em torno do fenômeno.

O resultado dessa relação é o quadro síntese dos trabalhos apresentados e suas referidas contribuições:

Quadro 2 Síntese da trajetória dos estudos da recategorização

TRAJETÓRIA DO FENÔMENO DA RECATEGORIZAÇÃO		
TRABALHOS	TENDÊNCIA	CONTRIBUIÇÃO PARA O FENÔMENO
Mondada e Dubois (1995)	-	Formularam embasamentos teóricos para a consolidação do fenômeno da recategorização – estabilidade e instabilidade das categorias;
Apothéoz e Reichler-Béguelin (1995)	Textual – discursiva	Primeiro conceito dado ao fenômeno e primeira proposta classificatória
Cavalcante (2000)	Textual - discursiva	Sinalizou a existência e a necessidade de aprofundamento do caráter cognitivo para

		o fenômeno;
Marcuschi e Koch (2002)	Textual-discursiva	Indicaram que a recategorização poderá ocorrer com base em inferências (perspectiva cognitiva);
Lima (2003)	Cognitivo-discursiva	Confirmou o caráter cognitivo do fenômeno comprovando a ocorrência em metáforas;
Tavares (2003)	Textual – discursiva	Reorganização do quadro classificatório de Apothéoz e Reichler-Béguelin (1995) baseado em categorias mais homogêneas;
Matos (2005)	Textual – discursiva	Apresentou as funções discursivas (argumentativas) das anáforas diretas recategorizadoras
Lima (2009)	Cognitivo – discursiva	Aprofundou a discussão sobre o nível cognitivo do fenômeno numa interface com a Linguística Cognitiva e explanou sobre os diferentes graus de implicitude e explicitude das ocorrências em poesias;
Custódio Filho (2011)	Cognitivo – discursiva	Sugeriu a existência de um tipo de recategorização que ocorre nos mais diversas modalidades de texto: recategorização sem menção referencial
Silva (2013)	Textual – discursiva	Trouxe um novo redimensionamento para o fenômeno: a introdução referencial recategorizadora;
Leal (2015)	Cognitivo – discursiva	Trouxe uma nova configuração para o fenômeno: o processo dêitico recategorizador.
Lima e Cavalcante (2015)	Cognitivo – discursiva	Reformulam a nomenclatura de Custódio Filho (2011): sugerem recategorização sem menção de expressão referencial;
Soares (2018)	Cognitivo-discursiva	Propõe a existência de nomes próprios que exercem o papel de uma anáfora recategorizadora.

Fonte: elaborado pelo autor

De acordo com o quadro (2) síntese, constatamos que o fenômeno da recategorização vem, ao longo dos anos, sendo investigado com o propósito de sanar

as necessidades dos textos em relação às construções, à progressão e à remodulação que os referentes vêm apresentando nos mais diversos modelos de textos. Percebemos que o fundamento da estabilidade e da instabilidade, em todas as investigações elencadas, sustentam o redimensionamento e a reconfiguração do fenômeno, além do olhar para um caráter sociocognitivo do fenômeno, tão importante para perceber que a recategorização depende, também, de aspectos culturais, sociais, históricos, para ser ativada em contextos e em textos diversos, podendo não estar, necessariamente, explicitada e ser recuperada a partir de pistas presentes nos textos.

Identificamos também que à medida que o fenômeno vai evoluindo, ele ainda vai deixando lacunas para investigações que não interferem exatamente no conceito, mas abre um espaço para a proposição de classificações – como Tavares (2003), de estabelecer funções – como Matos (2005), de observar estruturas linguísticas específicas que podem exercer um papel recategorizador – como Soares (2008).

Além disso, o fenômeno no decorrer da trajetória vem se relacionando com outras estratégias de referência, pois percebeu-se, conforme os estudos de Silva (2013) e Leal (2015), que a recategorização não está ligada somente a um processamento anafórico, mas pode também introduzir um referente ou funcionar desempenhar um papel dêitico. Outrossim, buscou-se, através de interfaces entre áreas, como fez Lima (2003; 2009), explicar o funcionamento do fenômeno de forma mais ampla, fundamentada em modelos cognitivos que aumentaram ainda mais a percepção do fenômeno que não se limita somente ao textual.

Ressaltamos que essas contribuições foram motivadas pela dinamicidade do fenômeno, que não se encerrou numa conceituação que atendesse apenas aos textos verbais, tal qual a proposta inicial de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995). Foi-se percebendo que havia muito mais a ser dito sobre esse processamento anafórico, que não era um processo limitado e acabado, foi-se, então, atentando para as múltiplas características que envolviam a recategorização e como elas estariam relacionadas com a construção dos sentidos nos diversos textos.

Por fim, entendemos que há na Linguística de Texto, em específico, na Referência, um número muito maior de trabalhos que tratam do fenômeno da recategorização, todos com sua devida relevância. Afirmamos que essa proposta não comporta todas essas pesquisas e, por isso, elegemos apenas um recorte dos trabalhos, em sua maioria, do grupo PROTEXTO – UFC para montar e mostrar essa

trajetória a qual vem percorrendo o fenômeno da recategorização e os anseios dos estudiosos em identificar essas ocorrências em todas as modalidades de texto. Por isso, acreditamos que muitos trabalhos ainda poderão surgir, trazendo novos redimensionamentos e configurações para o fenômeno da recategorização ampliando, ainda mais, o percurso dessa expressão referencial e processo referencial tão significativo para construção dos sentidos do texto.

REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUÉLIN, M.-J. Construction de la référence et stratégies de designation. Tradução (inérita) Mônica Magalhães Cavalcante. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUÉLIN, Marie.-José. (Org.). **Du syntagme nominal aux objects-de-discours**. Neuchâtsh: Université de Neuchâtsh, 1995, p. 227-271

ARIEL, M. Accessibility marking: discourse functions, discourse profiles, and processing cues. **Discourse processes**, **37(2)**, p. 91-116, 2004.

BEAUGRANDE, R. de. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society**. Norwood, Alex, 1997.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. Londres e Nova York: Longman, 1981.

BLANCHE-BEVENISTE, C. Syntaxe, choix de lexique et lieux de bafouillage”, *DRLAV*, 36-37, 123-157, 1987

BONOMI, Andrea. Descrizioni. In: _____. **Lo spirito della narrazioni**. Milão: Bompiani, 1994, p. 51-63.

BROWN, G.; YULE, G. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. 288 p.

CAPISTRANO JÚNIOR, Rivaldo. Ler e compreender tirinhas. In: ELIAS, Vanda Maria (org.). *Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011: 227-235.

CAVALCANTE, M. M. **Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos**. 2000. 204 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

CAVALCANTE, M.M. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**. Campinas, v. 44, p.105-118, 2003.

_____. **Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas**. Fortaleza: UFC, 2011.

CIULLA E SILVA, A. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos**. 2008. 201f. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CHAROLLES M. & FRANCOIS J., 1998, "Les prédicats transformateurs et leurs

patient: fondements d'une ontologie naturelle", Cahiers de Recherche Linguistique, 11, LANDISCO, Université de Nancy 2.

CHAROLLES, M.; SCHNEDECKER, C. Coréférence et identité. Le problème des référents évolutifs. *Langages*, 112, 1993, p.106-126.

CUSTÓDIO FILHO, V. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. 2011. 331p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

FILLMORE, C. J. Towards a descriptive Framework for spatial deixis. In: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W. **Speech, place, & action studies in deixis and related topics**. New York: John Wiley & Sons Ltd., 1982, p. 31-59.

KOCH, I. G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEAL, A. P. B. **O processo referencial da dêixis**: por uma proposta de recategorização. 2015. 291f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Fortaleza, 2015.

LIMA, S. M. C. **(Re)categorização metafórica e humor**: trabalhando a construção dos sentidos. 2003. 171f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

_____. **Entre domínios da metáfora e da metonímia**: um estudo de processos de recategorização. 204.p Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

_____. Recategorização metafórica e humor: uma proposta classificatória. CAVALCANTE, M. M. et al (Org.) **Texto e Discurso sob múltiplos olhares** – referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 75-104.

LIMA, S. M. C.; CAVALCANTE, M. M. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. **ReVEL**, vol. 13, n. 25, 2015.

LYNCH, M. **Art and Artifact in Laboratory Science**: A Study of Shop Work and Shop Talk in a Research Laboratory, Boston, Routledge and Kegan Paul, 1985.

LYONS, J. **Semântica**. V. 1. Lisboa: Editorial Presença, Ltda., 1977.

MARCUSCHI, L. A.; KOCH, I. G. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. Bernadete, RODRIGUES, A.C.S. (orgs.). **Gramática do Português Falado**. v. VIII. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2002. p. 31-56.

MATOS, J. G. **As funções discursivas das recategorizações**. 2005. 142 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

ROSCH, E. Principles of categorization. In: Rosch, E., Llyod, B. (eds), **Cognition and categorization**, New York, Wiley, 1978.

SEGAL, E. M. Narrative Comprehension and the role of Deictic Shift Theory. In: DUCHAN, J.F.; BRUDER, G.A.; HEWITT, L.E. (orgs.) **Deixis in narrative – a cognitive perspective**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 1995, p. 3-17.

SILVA, Franklin de Oliveira. **Formas e funções das introduções referenciais**. 2013. 126f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SOARES, M. S. **Processos referenciais por nome próprio como estratégias argumentativas**. 2018. 118f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

TAVARES, D. P. F. de. **Processos de recategorização**: uma proposta classificatória. 2003.142f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, 2003.

ZAMPONI, G. Estratégias de construção da referência no gênero de popularização da ciência. In: KOCH, I.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (orgs). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005